

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

**ENTRE CHARGES E ESCRITAS: AS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DE
CLAUDIUS CECCON**

Aparecida de França Villwock

**CASCADEL, PR
2013**

Aparecida de França Villwock

**ENTRE CHARGES E ESCRITAS: AS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DE
CLAUDIUS CECCON**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, Curso de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Felipe Fiuza

**CASCADEL, PR
2013**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada por Jeanine da Silva Barros CRB-9/1362

V783e Villwock, Aparecida de França
Entre charges e escritas: as experiências educativas de Claudius
Ceccon. / Aparecida de França Villwock — Cascavel, PR: UNIOESTE,
2013.
173 f. ; 30 cm

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Felipe Fiuza
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do
Paraná.
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Centro de
Educação, Comunicação e Artes.
Bibliografia.

1. Biografia. 2. Historia. 3. Produção artística. 4. Ditadura civil-militar.
5. Educação popular. I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II.
Título.

CDD 21.ed. 371.1

UNIOESTE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ENTRE CHARGES E ESCRITAS: AS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DE
CLAUDIUS CECCON

Autor: Aparecida de França Villwock

Orientador: Alexandre Felipe Fiuza

Este exemplar corresponde à Dissertação de Mestrado defendida por Aparecida de França Villwock aluna do Programa de Pós – Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE para obtenção do título de Mestre em Educação.

Data: / / 2013

Assinatura: _____
(Orientador)

COMISSÃO JULGADORA:

Prof. Dr. Alexandre Felipe Fiuza (Orientador)

Prof. Dr. Paulino José Orso

Profª. Dr. Sandra Regina Ferreira de Oliveira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Ivone, aquela que me colocou no mundo, sempre lutando para que eu pudesse estudar e ao meu esposo Lindomar, os quais foram pessoas grandiosas, compreensíveis e companheiras, cujo apoio foi imprescindível durante minha trajetória de formação docente.

A todas as pessoas que torceram pelo meu sucesso, principalmente aquelas que me serviram de suporte para enfrentar as dificuldades encontradas no caminho acadêmico.

Aos sujeitos que não desistem de seus sonhos ao lutar por uma sociedade melhor, àqueles que acreditam na utopia, no sonho e que não deixam de buscar conhecimentos.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pois é ele quem me protege e concede forças para eu continuar lutando pelos meus ideais, pois ele é, também, princípio e fim de todas as coisas, fonte inesgotável de sabedoria e consolo em mais essa jornada.

Ao Professor Alexandre, que aceitou carinhosamente orientar-me. Agradeço especialmente pela confiança que sempre depositou em mim e na pesquisa a que decidi me aprofundar. A sua seriedade e dedicação profissional, além de não deixar de ser humano demonstrando seu carinho com seus orientandos. Pela humildade e liberdade em orientar sem coerção e autoritarismo.

Ao chargista Claudius Ceccon, por seu talento, criatividade e instrução, bem como pela gentileza disponibilizando em trocar informações necessárias à construção desta pesquisa.

À banca de qualificação e defesa, constituída pelos Professores Dr. Paulino José Orso e a Dr. Sandra Regina Ferreira de Oliveira que se dispuseram a ler este texto, apontando as dificuldades e, ao mesmo tempo, mostrando caminhos para aprimorar e aprofundar assuntos relevantes para meu crescimento como pesquisadora.

A todos os professores que fizeram parte da trajetória acadêmica, em especial, os do Programa de Pós-Graduação, que com muito empenho e dedicação colaboraram fortemente para esta conquista.

À secretária do Programa de Pós-Graduação em Educação Sandra Maria Gausmann Köerich, pelo seu trabalho demonstrado por meio do carinho e da eficiência, sempre que solicitada.

Aos colegas do Programa, que de uma maneira ou de outra colaboraram satisfatoriamente para a obtenção de conhecimentos e a conclusão deste trabalho.

Aos meus alunos de tenra idade, que me fizeram sorrir e chorar, fazendo-me perceber que como educadores não podemos errar, pois são crianças que têm toda sua vida pela frente e que não merecem ser rechaçados pela desprezível atuação de professor sem profissionalismo, mas acima de tudo, calor humano que serve como fonte de luz para conduzir nosso longo e árduo caminho.

À minha família, de maneira especial, ao meu pai Francisco, a minha mãe

Ivone e meu querido irmão Claudinei, os quais souberam me compreender durante esse período, incentivando-me sempre.

Não poderia deixar de agradecer a uma pessoa muito importante em minha vida, que amo muito meu esposo Lindomar. Jamais esquecerei seu companheirismo, dedicação, compreensão e exclusividade todo esse tempo, ao modo com que se apropriava de meus problemas como se fossem seus, com intuito de tudo resolver. As minhas filhas Eduarda e Fernanda que são a razão da minha luta. Agradeço-as pela paciência e compreensão, por tantos dias de ausência, pelas horas que deixei de dar-lhes atenção, por ter que me dedicar à materialização deste trabalho. Porém, isso se faz necessário para progredir, para melhorar e aperfeiçoar, uma vez que não é uma decisão que traz benefício individual, mas a toda família.

Às pessoas com as quais tive conflitos e que me ocasionaram dificuldades e frustrações. Pois, foi por meio desses problemas que cresci e amadureci na vida, em especial, na vida intelectual.

Portanto, a todos que tiveram ao meu lado e não me deixaram desistir. Serei grata, sempre.

RESUMO

A finalidade desse estudo consiste em apresentar a figura de um brasileiro que esteve lado a lado com Paulo Freire no exílio, discutindo questões sociais e que, ainda, trabalha em prol de uma educação consciente, política e cidadã. O presente trabalho pesquisa a biografia do caricaturista, arquiteto, escritor e jornalista Claudius Ceccon, buscando apresentar sua diversa produção artística e intelectual, destacando nesta pesquisa a análise de sua produção de charges. Uma de suas primeiras intervenções educacionais foi sua participação no Instituto da Ação Cultural (IDAC), em Genebra, Suíça - um espaço destinado a discussões de projetos voltados à educação popular dos países da América Latina, Europa e do continente africano. O IDAC tem hoje sua extensão no Rio de Janeiro com o Centro de Criação e Imagem Popular (CECIP), que desenvolve projetos voltados à emancipação intelectual e à cidadania. A partir do contexto do IDAC, explana-se acerca do período da ditadura civil-militar (1964-1985), e a atuação de Claudius Ceccon, no Brasil e nos países em que viveu durante o exílio. Destaca-se o recorte temporal (1964-1988), interligado a biografia de Claudius e a ditadura civil-militar, um processo político e econômico, em que o país encontrava-se suscetível a mudanças radicais. Portanto, na trajetória de Claudius é marcante o contexto ditatorial, sendo uma das consequências o exílio, sua contribuição à criação do *Pasquim*, um jornal de circulação e referência que contestou paradigmas da moral vigente e da política, bem como o IDAC e o CECIP são referências obrigatórias à biografia de Claudius. Ao destacar Claudius Ceccon como intelectual, elencamos a importância do gênero textual charge em sua produção, pois ao buscar novos meios de transmitir conhecimentos, torna-se necessário considerar formas diversificadas para abordar determinados assuntos. Em relação às charges de Claudius destacam-se suas críticas à vida social, as quais contestam valores e “verdades estabelecidas”. A partir dessas considerações, buscamos neste estudo verificar o seguinte problema: Qual é o papel das ilustrações de autoria de Claudius Ceccon para o contexto social, político e educacional em cada momento abordado, durante sua atuação no IDAC, no *Pasquim* e em suas outras publicações?

Palavras-chave: Biografia. História. Produção artística. Ditadura civil-militar. Educação popular.

ABSTRACT

The purpose of this study is to present the figure of a Brazilian who was side by side with Paulo Freire in exile, discussing social issues and also working towards a conscious education, politics and citizen. This paper research the biography of the cartoonist, architect, writer and journalist Claudius Ceccon, seeking to present their diverse artistic and intellectual production, highlighting this research analysis of their production charges. One of his early educational interventions was their participation in the Institute of Cultural Action (IDAC), at Geneva, Switzerland - a space for discussions of projects focused on popular education in the countries of Latin America, Europe and Africa Continent. IDAC today has its extension in Rio de Janeiro with the Center for Creation and Image Popular (CECIP), which develops projects related to intellectual emancipation and citizenship. From the context of IDAC, explains to about the period of the civil-military dictatorship (1964-1985), and the role of Claudius Ceccon, in Brazil and in the countries in which he lived during his exile. Noteworthy the time frame (1964-1988), interconnected biography of Claudius and civil-military dictatorship, one political and economic process, in which the country found itself susceptible to radical changes. Therefore, the trajectory of Claudius is striking the context of dictatorship, being one of the consequences the exile, his contribution to the creation of the Pasquim, a newspaper circulation and reference that challenged prevailing paradigms of morality and politics, as well as the IDAC and CECIP are references binding to the biography of Claudius. By highlighting Claudius Ceccon as intellectual, we list the importance of genre charge text in its production, because on searching new means of transmitting knowledge, it becomes necessary to consider diverse ways to address certain issues. Regarding the charges of Claudius highlight his criticism of social life, which challenge values and "established truths". Later this considerations we search in this study to check the following point: which is the paper of Claudio Ceccon illustrations in front of the social, political and educational context to each approaching moment, during his acting at IDAC, Pasquin and in his other publishing articles?

Keywords: Biography. History. Artistic production. Civil-military dictatorship. Popular education.

LISTA DE SIGLAS

ABI - Associação Brasileira de Imprensa

AI -1 - Ato Institucional número 1

AI-5 - Ato Institucional número 5

AMFORP - American and Foreign Power

CECIP - Centro de Criação e Imagem Popular

CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

ESDI - Escola Superior de Desenho Industrial

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EUA - Estados Unidos

IDAC - Instituto da Ação Cultural

URSS - União Soviética

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

MG - Minas Gerais

ONG - Organização não governamental

PIDMU - Programa Infância Desfavorecida no Meio Urbano

PSD - Partido Social Democrata

PUC - Pontifícia Universidade Católica

OEA - Organização dos Estados Americanos

SITE - Sala de Informação, Tecnologia e Educação

LISTA DE FIGURAS – REPRODUZIDAS DAS SEGUINTE OBRAS:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, educar para transformar:** fotobiografia. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

Figura 1:.....	25
Figura 2:.....	25

CECCON, C. & ALENCAR, C. RIBEIRO. **Brasil Vivo – Uma Nova História da Nossa Gente.** Petrópolis, 1992.

Figura 3:.....	76
Figura 4:.....	98
Figura 5:.....	99
Figura 6:.....	100
Figura 7:.....	102
Figura 8:.....	103
Figura 9:.....	104
Figura 10:.....	105
Figura 11:.....	105
Figura 12:.....	109
Figura 13:.....	110
Figura 14:.....	111
Figura 15:.....	112
Figura 16:.....	113
Figura 17:.....	114
Figura 18:.....	114

FREIRE, Paulo et al. **Vivendo e aprendendo:** Experiências do idac em educação popular. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Figura 19:.....	115
Figura 20:.....	116
Figura 21:.....	117
Figura 22:.....	117
Figura 23:.....	119
Figura 24:.....	119
Figura 25:.....	120
Figura 26:.....	121
Figura 27:.....	121
Figura 28:.....	122

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy De. **A vida na escola e a sociedade da vida.** 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

Figura 29:.....	123
Figura 30:.....	124
Figura 31:.....	125
Figura 32:.....	126
Figura 33:.....	126
Figura 34:	127
Figura 35:	128
Figura 36:.....	128
Figura 37:	129
Figura 38:	130

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2010.

Figura 39:.....	132
Figura 40:.....	133
Figura 41:.....	133
Figura 42:.....	134
Figura 43:.....	135
Figura 44:.....	136
Figura 45:.....	136
Figura 46:.....	137
Figura 47:.....	138
Figura 48:.....	138
Figura 49:.....	138
Figura 50:.....	140
Figura 51:.....	140

CECCON, C. **Super Eca**. Cartilha para crianças. Porto Alegre: Editora Artmed S.A., 2000.

Figura 52:.....	142
Figura 53:.....	142
Figura 54:.....	143
Figura 55:.....	144
Figura 56:.....	145
Figura 57:.....	145
Figura 58:.....	146
Figura 59:.....	146

AUGUSTO, Sérgio; Jaguar. (orgs.). **O PASQUIM**: Antologia (1969 - 1971) – Vol. I. Rio de Janeiro: Ed. Desiderata, 2006.

Figura 60: 148

AUGUSTO, Sérgio; Jaguar. (orgs.). **O PASQUIM**: Antologia (1972 - 1973) – Vol. II. Rio de Janeiro: Ed. Desiderata, 2007.

Figura 61:..... 150

Figura 62:..... 133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - CLAUDIUS CECCON E O CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR.....	23
1.1 Ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e o contexto histórico ..	31
1.2 <i>O Pasquim</i> : um jornal que saiu do ideário carioca e conquistou muitos adeptos.....	44
CAPÍTULO 2 - CLAUDIUS CECCON E SEUS PROJETOS COLETIVOS.....	50
2.1 O Instituto da Ação Cultural (IDAC) e seu compromisso social	50
CAPÍTULO 3 - A PRODUÇÃO GRÁFICA DE CLAUDIUS CECCON	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
BIBLIOGRAFIAS	157
ANEXOS	169

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar a biografia do caricaturista, arquiteto, escritor e jornalista Claudius Ceccon¹, inferindo-se, em grande parte, sobre sua diversa produção artística e intelectual que se mescla entre charges, projetos educativos e textos. Desse modo, privilegiamos a análise de sua profícua produção de charges, caracterizada como um instrumento de linguagem capaz de informar e ponderar sobre diversos temas.

A partir destas considerações, buscamos neste estudo verificar o seguinte problema: Qual é o papel das ilustrações de autoria de Claudius Ceccon para o contexto social, político e educacional em cada momento abordado, durante sua atuação no IDAC, no *Pasquim* e em suas outras publicações?

Em sua biografia uma das primeiras intervenções no campo da educação foi sua participação no Instituto da Ação Cultural (IDAC), criado no ano de 1971 em Genebra, Suíça, por um grupo de brasileiros exilados. O IDAC constituiu-se como um espaço para discussões de projetos voltados à educação popular dos países da América Latina, Europa e do continente africano. Nesta pesquisa, busca-se verificar a constituição do IDAC, seu papel social cristalizado sob a égide de uma proposta coletiva que visava alfabetizar, renovar, possibilitar conscientização e politização dos cidadãos, contribuindo, assim, para a transformação social. Esse encontro se justifica ao contexto da ditadura civil-militar² brasileira, sendo ela a causa do exílio de muitas pessoas, principalmente políticos, artistas e intelectuais. Nesse sentido, há a necessidade recorrente em compreender os anos anteriores ao golpe civil-militar de 1964, o qual se estende até o ano de 1985.

O período conhecido como “anos de chumbo” é considerado o mais repressivo na história recente do Brasil. Desse modo, durante a ditadura civil-militar ocorre uma significativa parte da atuação profissional de Claudius, tanto

¹ Doravante utilizaremos Claudius, nome pelo qual ele é mais conhecido.

² O termo civil-militar é utilizado porque o período de 1964-1984, caracterizado pelo golpe militar foi instaurado a partir, não somente de militares, mas de inúmeros líderes civis, portanto foi um golpe civil e militar (FICO, 2001, p. 34).

no Brasil quanto nos países em que ele viveu, durante o desterro. Nessa fase (1964-1985), se destaca o combate entre a extrema-esquerda e o aparelho repressivo policial-militar do Estado, apoiado por organizações paramilitares, por parte da sociedade e por grandes empresas que se valem do discurso autoritário para justificar ao povo a necessidade de uma atuação militar no comando do país. Portanto,

Os regimes autoritários são regimes políticos ditatoriais onde as liberdades individuais encontram-se cerceadas em nome de um difuso conceito de segurança nacional. Eles não são como os regimes totalitários, portadores de uma ideologia definida que serviria de base para a construção de uma nova sociedade e tampouco estão interessados numa grande mobilização popular que lhes dê suporte (SPINDEL, 1984, p. 36).

Nesse processo político e econômico, o país estava suscetível a mudanças radicais, se por um lado, a ditadura encontrou apoio civil, por outro uma expressiva parcela da população lutou contra o regime autoritário. Esse movimento de oposição à ditadura teve como resposta mortes, prisões, desaparecimentos e o exílio, que se apresentou como uma das alternativas viável, frente à violência. Em outras palavras, o desterro ocorreu como saída entre aqueles que apresentavam uma proposta crítica em seu trabalho social, cultural, intelectual ou político.

O recorte temporal deste estudo tem início em 1964, com o desfecho da Ditadura Civil-Militar, ao ano de 1988, com a “consolidação da democracia”, mediante a Promulgação da Constituição, por isso esse período se configura como um momento decisivo ao abranger a ditadura, bem como o processo de redemocratização. Desse modo, pretende-se entender como o caricaturista manteve-se atuante, crítico e persuasivo em sua produção, bem como quais estratégias precisou utilizar em meio ao contexto histórico adverso: com a censura e a repressão do regime.

Em suma, na trajetória de Claudius é marcante o contexto ditatorial, o exílio e, também, sua contribuição a criação do *Pasquim*, um jornal de circulação e referência que conseguiu romper o bloqueio da ditadura, representando uma forma alternativa de uso do humor para abordar os mais diversos temas que contestavam paradigmas da moral vigente e da política.

A essa menção, destaca Francisco (2010) a respeito da constituição d' *O Pasquim*:

A criação d' *O Pasquim*, por exemplo, data o final de 1968, na informalidade de uma mesa de bar, ocupada pelo humorista gráfico Sérgio Jaguaribe (Jaguar) e os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral. Necessário pontuar: essa ocasião não gestava um projeto inédito. Na verdade, tratava-se da adaptação ou substituição do Jornal *A Carapuça* de Sérgio Porto ou (Stanislaw Ponte Preta) que acabara de falecer deixando o legado do periódico de humor como herança ao trio que, no ambiente boêmio, decidia seu futuro (FRANCISCO, 2010, p. 18).

O principal papel d' *O Pasquim* foi o de informar, criticamente, a população, pois, apesar de toda a censura instituída pela ditadura, o jornal conseguiu envolver parte significativa da sociedade. Assim, no que se refere à criação de mecanismos que driblavam as políticas repressivas oriundas do período, vemos que,

Mesmo com toda essa pressão, a partir de 1964 firmou-se toda uma geração de humoristas gráficos, que tentou romper o bloqueio imposto pelo governo. Millôr Fernandes, Fortuna, Claudius, Jaguar, Henfil e Ziraldo fizeram parte desse grupo de cartunistas. O último baluarte da resistência foi o jornal *O Pasquim*, dirigido por Tarso de Castro, que surgiu em 1969 e rapidamente conquistou um público seletivo (MACHADO; GAUDENCI, 2003, p. 25).

Ao discorrer sobre a participação de Claudius no *Pasquim*, além de compreender o contexto histórico de sua passagem e a justificativa da sua colaboração, objetiva-se mostrar algumas caricaturas produzidas no período em que o cartunista participou do jornal. Nesse sentido, o *Pasquim* é uma referência obrigatória na biografia de Claudius, bem como o IDAC, o qual tem hoje sua extensão no Rio de Janeiro, como Centro de Criação e Imagem Popular (CECIP), visto que desde sua criação, o Instituto desenvolve projetos voltados à emancipação intelectual e à cidadania.

No IDAC, os projetos voltados à educação popular permitiram aos exilados uma possibilidade de dialogar sobre as mais intensas experiências ocorridas no contexto nacional e internacional, como também possibilitou o

encontro de intelectuais exilados, como Paulo Freire, Rosiska Darcy de Oliveira, Miguel Darcy de Oliveira e Claudius Ceccon. Como assevera um de seus fundadores:

O Instituto da Ação Cultural – IDAC – é um centro de pesquisa e intervenção pedagógica criado a dez anos atrás em Genebra, Suíça, por um grupo de brasileiros que os caminhos do exílio levaram a se encontrar. Durante esses dez anos corremos o mundo e participamos de experiências educativas nos contextos socioculturais mais diversos, desde a alfabetização em jovens países africanos até a ação cultural no contexto do movimento feminista europeu (FREIRE, et al., 1980, p. 9).

Destaca-se aqui a relevância do trabalho do IDAC, embora este estudo se detenha nas charges que ilustram algumas obras de Claudius ou suas participações com ilustrações em colaboração a outros autores. A opção pelo gênero charge se justifica pela especificidade de sua linguagem, pois esta se utiliza de elementos visuais que envolvem o leitor, fazendo refletir sobre a temática em questão. A charge, como qualquer outro gênero textual, para ser analisada deve ser relacionada ao contexto sócio-histórico de sua produção, possibilitando interpretar os fenômenos da maneira mais próxima possível do real.

Ao destacar Claudius como intelectual, elencamos o gênero textual charge como destaque em sua produção, uma vez que esta forma de comunicação tem chamado atenção de pesquisadores e professores, pois ao buscar novos meios de transmitir conhecimentos, pesquisadores e educadores elegem também formas diversificadas para abordar determinados assuntos. Quanto às características chárgicas³, nos detemos à compreensão de que:

A charge transmite informações que envolvem fatos e é, ao mesmo tempo, um texto crítico. É a representação gráfica de um assunto conhecido dos leitores segundo a visão crítica do desenhista ou do jornal. Quanto à forma, a charge representa figuras existentes no mundo real (CAVALCANTI, 2008, p. 37).

O uso da charge nas escolas não é recorrente, apesar de ser considerado um gênero que chama atenção dos alunos leitores, devido o seu

³ No que se refere à expressão chárgica nos valem também da contribuição de: GASCA, Luis; GUBERN, Román. *El discurso del cómic*. Madrid: Cátedra, 2011.

contexto humorístico e exagerado. As charges encontram ressonância social também porque caracterizam personagens reais da sociedade, atribuindo-lhes peculiaridades que possibilitam compreender a crítica elaborada.

No que tange as possibilidades de oferecer elementos à sociedade que aguçe a reflexão, verifica-se que nas charges criadas por Claudius, as incitações apresentadas provêm de questionamentos da vida social, contestando valores e “verdades estabelecidas”, como é o caso dos conteúdos e imagens apresentadas no livro didático *Brasil Vivo - Uma nova História da nossa gente* (1992), obra direcionada a um público jovem que, de fato, não tem maiores esclarecimentos sobre a história do Brasil.

Brasil Vivo é um livro didático de autoria de Francisco Alencar, Marcus Ribeiro e Claudius Ceccon, os quais abordam o ensino de história em um recorte que se inicia com a apresentação das tribos indígenas no Brasil até a explicitação da Lei Áurea, perpassando momentos cruciais da história. A obra traz densas críticas à história oficial, utilizando-se de uma nova abordagem para questionar as “verdades históricas”, até então consagradas pelo campo científico mais tradicional.

A proposta do livro é provocar no leitor um impacto ao visualizar uma história de submissão de nosso povo que, mesmo com todas as restrições em relação aos portugueses, ao ver que se tratava da coroa portuguesa ‘Coisa nunca vista antes’, suavizaram seus posicionamentos e colocaram-se a participar da cerimônia do beija mãos (VAILÕES; VILLWOCK, 2012, p. 11).

Ao se sublinhar o livro *Brasil Vivo* como uma das produções de Claudius, torna-se necessário destacar outras obras no decorrer deste estudo, uma vez que não será possível realizar a análise de toda sua produção, pois as contribuições caricaturistas de Claudius são vastas, destacando-se que o objetivo, nessa pesquisa, não foi enumerá-la.

Desse modo, ao se mapear suas obras, busca-se mostrar, ainda, sua participação em outros livros, principalmente por sua produção chágica. Assim sendo, serão apresentadas e analisadas os textos e charges das seguintes obras: *A vida na escola e a escola da vida* (1987), *Super ECA* (2000), *Menina Bonita do Laço de Fita* (2010), *Brasil Vivo* (1992) e charges de Claudius em

algumas edições do *Pasquim*.

A leitura realizada sobre as obras em destaque requer considerar o vínculo entre a mensagem imagética e a escrita, constituído como um recurso que atribui duas formas de leitura, uma por meio do texto redigido, outra através da mensagem dos traços característicos da caricatura, que por meio da ironia, possibilita o humor, a reflexão e a compreensão temática.

O processo de análise busca entender a forma como a arte consegue explicar a realidade, estabelecida como um processo de formação cultural histórica, representando, dessa forma, uma nova maneira de abordar a história do Brasil.

Nesse sentido, almeja-se entender quais fatores influenciaram no desenvolvimento do seu trabalho, com o uso recorrente das charges como código de linguagem que incita a reflexão dos problemas e superações sociais.

Espera-se com a realização deste trabalho contribuir no exame da história do Brasil recente, em particular, a partir da representação realizada pela charge. A abordagem desta pesquisa tem seu ponto de partida na importância de Claudius Ceccon para o contexto educacional brasileiro, considerando o contexto do IDAC, do *Pasquim* e do CECIP.

Verifica-se que uma das formas de contribuir para a consciência social e histórica crítica é a possibilidade de rever o passado sob óticas, opostas àquelas oficiais que, devido ao próprio regime político do momento, impedia o registro das vivências pessoais e coletivas que se revelavam contrárias às normas vigentes.

Ao exposto anteriormente, este estudo está organizado em três capítulos, sendo que no primeiro são apresentadas fontes para apresentar a biografia de Claudius Ceccon e a partir de sua história de vida considerar os acontecimentos marcantes que contextualizam suas produções textuais e caricaturais.

Diante disso, torna-se necessário abranger esta exposição refletindo a partir da contextualização da ditadura civil-militar no seu recorte desde o golpe de 1964 ao seu “fim” em 1985 com a abertura política, a fim de explicar o encontro do grupo brasileiro no exterior. Pretende-se discutir a constituição do IDAC, sua importância, seu papel social e projetos desenvolvidos em prol da

educação popular. Compreendendo, ainda, que nesse contexto surge o jornal *O Pasquim*, com a colaboração de Claudius em suas edições, cuja participação pode ser considerada como um marco para sua vida profissional.

Ao apresentar a biografia de Claudius deparamo-nos com uma caminhada de lutas e produções voltadas à educação popular e ao fortalecimento da cidadania. Em meio a essa atuação, destaca-se também a transferência da sede do IDAC de Genebra para o Rio de Janeiro, onde hoje se encontra o CECIP. Desse modo, registra-se a importância do estudo da história por meio da biografia, sendo, então, expostos argumentos que corroborem para esta apreensão.

O segundo capítulo se fundamenta na biografia de Claudius e nos projetos coletivos inerentes ao IDAC e ao CECIP, como referência central em seu percurso como caricaturista e jornalista.

Nesse intuito, apresentam-se charges dispostas nas obras: *A vida na escola e a escola da vida*; a “pequena⁴” obra *Super ECA, Menina Bonita do Laço de Fita* e algumas charges de Claudius em edições do *Pasquim*. Optou-se por analisar as ilustrações da obra *Menina Bonita do Laço de Fita* de autoria de Ana Maria Machado, devido à frequência com a qual esta história é utilizada por professores na Educação Infantil.

O terceiro capítulo dedica-se a discussão teórica sobre a charge, destacando-a como um gênero textual discursivo e caracterizando sua relevância na produção intelectual de Claudius. Almeja-se, ainda, abordar por meio da historiografia e da análise destas fontes a produção das charges apresentadas e sua influência educativa.

Desse modo, as análises da produção gráfica das obras destacadas não se limitam a julgamentos e conceitos prontos, mas abertos a possibilidade de debates acerca das discussões incitadas por Claudius. Há que se ressaltar que este capítulo é mais longo em razão da inclusão das figuras no corpo do texto, e não anexo, pois entendemos que a visualização imediata da figura permite uma melhor leitura do texto e o entendimento da análise proposta.

⁴ A expressão “pequena” utilizada à obra *Super ECA* se refere a uma história curta destinada a crianças dos níveis elementares da educação, porém suas entrelinhas sugerem ao leitor a necessidade em conhecer sobre o contexto político, o qual decide o presente e o futuro das crianças.

Nesse capítulo, o objetivo é refletir também sobre as temáticas que abordam as charges, buscando compreender como Claudius registrou os acontecimentos sociais, políticos e educacionais, exprimindo nas ilustrações seus sentimentos de angústia, críticas e inquietações de cada momento. No entanto, é importante destacar que não nos deteremos a características específicas da produção técnica das charges, mas a reflexão contextual que cada uma delas propicia.

A finalidade deste estudo consiste em apresentar a figura de um brasileiro entusiasmado, humanista e militante que esteve lado a lado com Paulo Freire no exílio, discutindo inúmeras questões sociais e que, ainda, trabalha em prol de uma educação consciente, política e cidadã.

CAPÍTULO 1

CLAUDIUS CECCON E O CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR

O humor é um recurso pedagógico. Pega as pessoas desprevenidas e as torna mais receptivas (Claudius Ceccon).

Partimos do pressuposto de que não é possível desvincular a obra do autor de sua biografia, principalmente quando nos referimos a contextos históricos marcantes e, ainda, suscetíveis a diferentes versões daquelas explicadas no momento, como é o caso da ditadura civil-militar. Nesse sentido, ao nos deter na vida e na obra de Claudius, buscamos igualmente fazer relações deste com uma rede de autores, intelectuais, os quais compuseram um coletivo e executaram projetos populares que se destacaram. Assim sendo, faremos menção a outros nomes que fizeram parte da vida de Claudius. Nosso foco na biografia é fundamental, apesar das críticas que recorrentemente se faziam a este gênero de análise, embora: “a biografia nunca esteve ausente das reflexões historiográficas dos historiadores, mas muitas vezes se fez acompanhar de um mal-estar explícito ou implícito” (2011, p. 16). Nesse sentido, as relações entre a biografia e a história remontam há séculos:

Já na Grécia Antiga se manifestava a vontade de relatar e ler vidas e trajetórias singulares; essa vontade parece ter surgido junto com o próprio interesse pela história e sua forma de conhecimento. Atualmente, percebemos que é cada vez maior o interesse por biografias, seja por parte do grande público, ávido por conhecer a vida privada e, em grande parte, as ‘fococas’ sobre as personagens de destaque social, político, econômico e artístico, seja por parte dos historiadores. Neste texto, focalizaremos o interesse dos historiadores nas biografias, fato que acreditamos estar ligado ao próprio desenvolvimento da historiografia ao longo das últimas décadas; no que diz respeito aos seus objetos, materiais, métodos, abordagens e linguagem; e também no fato de a historiografia acompanhar os acontecimentos e interesses sociais como um todo (SILVA, 2012, p. 2).

Desde a antiguidade se cultiva a biografia como referência para a construção da história, embora haja inúmeras ponderações sobre sua aceitação para a ciência da história,

É cada vez maior o número de leitores interessados em biografias e autobiografias, basta dar uma olhada nas prateleiras das livrarias e nas listas de mais vendidos e constatar o grande número de livros deste gênero. Também nos últimos anos temos visto um aumento do interesse de historiadores por trajetórias individuais, buscando reconstruir o interior dos personagens, suas aspirações, seus sentimentos, seus desejos (PIOVESAN, 2011, p. 1).

De maneira sistemática e voltada a compreensão da importância da biografia e sua intrínseca relação ao contexto histórico de Claudius, evidencia-se sob o “panorama biográfico”, desde as suas primeiras atuações até aquelas que tiveram menor enfoque, abrindo um leque de possibilidades de leituras. No entanto, o fundamental é apresentar sua biografia, discutindo as possíveis compreensões advindas de suas charges.

Claudius Sylvius Petrus Ceccon, com nome artístico de Claudius Ceccon é caricaturista, arquiteto, designer, artista gráfico e jornalista. Nasceu em Garibaldi, Rio Grande do Sul, no dia 02 de dezembro de 1937. Em 1941, sua família muda-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde passa o resto de sua infância. Dados em sua biografia revelam que na casa dos avôs de Claudius em Garibaldi encontra-se hoje o Museu da Imigração Italiana.

Iniciou sua formação acadêmica em 1961, no Rio de Janeiro, formando-se em arquitetura na Faculdade do Brasil, hoje a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estudando, também, desenho industrial. Posteriormente, Claudius desenvolveu estudos em planejamento urbano na Itália e na Holanda, onde trabalhou nessa profissão num escritório.

Vemos que em sua trajetória há uma intrínseca relação com o teórico Paulo Freire, as duas imagens a seguir referem-se ao trabalho desenvolvido por Claudius e apresentada por Brandão (2005), o qual destaca que a proximidade entre Claudius e Paulo Freire além de profissional é de amizade:



FIGURA 1

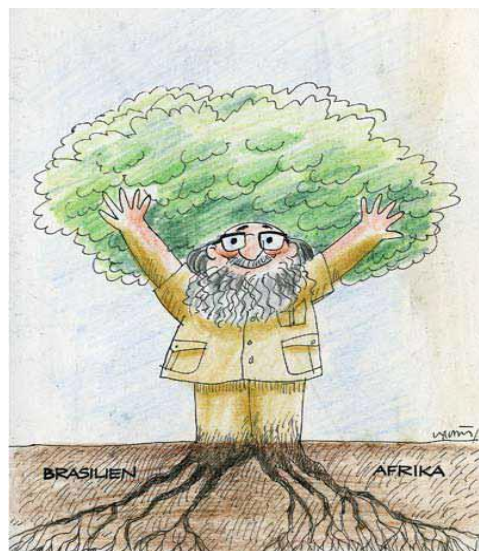


FIGURA 2

A vida profissional de Claudius começou muito cedo, pois aos quinze anos de idade trabalhou na Revista *O Cruzeiro*⁵ (1952), na qual desenvolveu atividades de auxiliar de paginação. Três anos mais tarde iniciou algumas colaborações de ilustrações políticas no jornal do *Brasil*, fixando-se posteriormente na empresa e exercendo a função de cartunista nos anos de 1961 a 1965, porém não deixando de auxiliar a revista *O Cruzeiro* e a revista *A Cigarra*, com seus desenhos e vinhetas⁶.

Ao olhar para Claudius, valoriza-se a biografia como fonte para a história, não podendo ser esquecido, evidentemente, do contexto em que se insere o biografado. Desse modo, evidencia-se que,

⁵ A revista *O Cruzeiro* foi lançada em novembro de 1928, com um projeto de vocação nacional e campanha publicitária intensa. Segundo relato de Accioly Netto, que foi redator e chefe da revista em 1931: O lançamento do primeiro número de *O Cruzeiro* foi muito planejado, coisa inédita no país naquela época. Ver mais em ROUCHOU, Joelle. Cinelândia: o cinema no primeiro ano da revista *O Cruzeiro*. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/ocruzeiro.pdf.htm>> Acesso em: 05 jun. 2012.

⁶ A vinheta, por sua vez, é uma pequena mensagem publicitária de áudio, a qual facilita a identificação de uma marca, emissora de rádio ou canal de televisão. As vinhetas, que tanto proporcionaram destaque ao Brasil, são projetos de design que compreendem imagem em movimento e som. É o principal meio pelo qual as emissoras firmam suas identidades audiovisuais. Maiores informações em SCHIAVONI, Jaqueline Esther. **Vinheta: Uma questão de identidade na televisão**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008.

[...] a historiografia privilegiava as análises de natureza econômica ou sociológica, parecia 'arbitrário', e mesmo 'perigoso', selecionar um indivíduo dentro da massa de homens que fizeram e que fazem a história. Mais grave ainda era admitir a possibilidade de que essa história de vida pudesse fornecer elementos de compreensão do todo social (MOTTA, 2000, p. 2).

Por outro lado, a trajetória individual encontrava similitude em outras histórias de vida. Por exemplo, na trajetória do exílio, encontramos uma série de indivíduos que tiveram de afastar-se do país por motivos de ordem política, permanecendo desterrados até o final da década de 70. Considerar a bagagem que eles acumularam é conceder espaço a uma nova ótica da história recente. Dessa forma, a força que a biografia foi adquirindo nas duas últimas décadas reforça a viabilidade e validade da fonte biográfica e sua relação com os processos coletivos.

Com o fortalecimento dos conceitos da biografia, a mesma passou a ser utilizada como fonte privilegiada de pesquisa, valorizando a experiência individual em relação ao coletivo e contribuindo para a compreensão do passado. Ao falar da sua valorização nos remetemos à biografia como fonte histórica, não somente, no Brasil, mas em todo o mundo (ALBERTI, 2000, p. 2).

Todas essas informações pertinentes à vida e obra de Claudius nos remetem a compreensões mais profundas sobre a biografia, uma vez que o contexto social em que se encontrava o país influencia diretamente a vida dele. Assim, é importante ter cuidado ao usar a biografia como fonte histórica. Quanto à biografia de Claudius, buscamos relacioná-la ao contexto histórico e sob a perspectiva de usar estas informações como fontes históricas.

No ano de 1962 Claudius se une a Ziraldo (1932), Jaguar (1932), Hilde (1913-1994), Borjalo (1925) e Fortuna (1931-1994), elaboram a coletânea intitulada *Seis Desenhistas Brasileiros de Humor*, produzindo e provocando uma série de temáticas que além de divertir, possibilitaram ao leitor refletir sobre sua realidade social, mediados pela visão humanística.

Com a finalidade de contextualizar o período em que a obra foi produzida, busca-se apresentar brevemente os autores de "*Seis Desenhistas Brasileiros de Humor*", valendo-se da própria biografia destes, presentes nesta obra, bem como outras informações. Suas histórias de vida coincidem com a

biografia de Claudius em variados momentos, pois apesar de distintos, todos carregavam objetivos semelhantes de lutar pela democracia, liberdade de expressão e educação cidadã, entre outros.

Historicamente conhecido por seus traços típicos, Ziraldo Alves Pinto⁷ é caricaturista, cartunista, chargista, pintor, dramaturgo, escritor, cronista, desenhista, humorista, colunista, cartazista, teatrólogo e jornalista brasileiro. É muito lembrado pelo público infantil, porque criou personagens famosos como, por exemplo, *O Menino Maluquinho* ou *A professora Maluquinha* (FOSSATTI, 2009).

Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe ou Jaguar é carioca e iniciou sua carreira na revista *Manchete*, no ano de 1952. Foi um dos fundadores do *Pasquim* em 1969, com críticas à ditadura instalada no Brasil em 1964, alcançando visibilidade com a criação de um notável personagem, o ratinho chamado Sigmund ou Sig, apresentado nas edições do *Pasquim*. Com um projeto estruturado de luta contra os ideais impostos pelo regime, as charges de Jaguar e de seus companheiros provocavam diretamente aqueles que “conduziam” o país. Por esse motivo, Jaguar foi preso como tantos outros artistas, políticos, estudantes e simples cidadãos brasileiros que não se opunham diretamente ao poder ditatorial, mas por qualquer motivo considerado trivial eram tidos como suspeitos (FOSSATTI, 2009).

Hilde Weber Abramo (1913-1994) foi chargista, ilustradora, desenhista e pintora. Trabalhou no jornal *Altona*, de origem alemã, veio ao Brasil em 1933 para visitar seu pai que se encontrava aqui desde 1918, após o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Após visitá-lo, Hilde Weber decide continuar no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, trabalhando com Rubem Braga (1913-1990), realizando ilustração de textos para os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand (1892-1968). Dessa forma, Hilde colaborou para os jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, tornando-se conhecida por suas charges políticas, bem como pelas caricaturas realizadas do presidente Getúlio Vargas (1882-1954) (FOSSATTI, 2009).

⁷ Maiores informações encontram-se no texto “História de Ziraldo”. Disponível em: <http://www.escolalasalle.com.br/2008/documentos_pdf> Acesso em: 12 jan. 2012.

Mauro Borja Lopes (1925-2004), conhecido como Borjalo, foi desenhista e cartunista brasileiro, produziu charges compostas por personagens que, em sua maioria, eram apresentadas sem boca e, também, sem diálogo, apresentando os textos redigidos, com a força da imagem (FOSSATTI, 2009).

Borjalo tem sua produção muito próxima do viés apresentado por Claudius “[...] foi mais um jornalista que a partir de sua experiência com charges, agora na imprensa escrita, foi utilizada na produção de programas para a televisão” (WANDERLEY, 2010, p. 4). Iniciou sua carreira muito cedo em Belo Horizonte (MG), no jornal *Folha de Minas*. Sua colaboração ficou marcada nas revistas *A Cigarra*, *Manchete*, *O Cruzeiro* e *O Cruzeiro Internacional*. Sendo assim, sua atuação na televisão por um longo período fez com que buscasse adaptar suas charges à linguagem televisiva (FOSSATTI, 2009).

Reginaldo José Azevedo Fortuna (1931-1994) tornou-se conhecido por suas charges e cartuns. Fortuna também iniciou sua carreira muito cedo desenhando desde os quinze anos, tendo suas charges apresentadas na revista *Sesinho*, no jornal *Correio da Manhã*, no qual criticavam o período da ditadura e suas ações. A imprensa carioca tem registrado em seus arquivos o trabalho de Fortuna em: *A Cigarra*, *O Cruzeiro*, *Pif-Paf* e a *Revista da Semana*, somando contribuições ao jornal *O Pasquim* (FOSSATTI, 2009).

Nesse processo de lutas, verifica-se que ao mesmo tempo em que Claudius colabora com seu trabalho à imprensa, ele aperfeiçoa-se, estudando em uma escola de nível superior de Desenho Industrial – ESDI (1963). Concomitantemente, em 1964, Claudius trabalha juntamente com Jaguar, Ziraldo, Sérgio Porto (1923-1968) e Fortuna (1931-1994) na revista *Pif-Paf*, dirigida por Millôr Fernandes (1923-2012), simultaneamente, com Jaguar e Fortuna publicam alguns trabalhos na coleção intitulada *Hay Gobierno? (1964)* divulgada pela Editora Civilização Brasileira.

Por sua vez, Millôr Fernandes foi escritor, tradutor e diretor de peças teatrais de grande envergadura e importância no país, construiu sua carreira no jornalismo, especializando-se nas artes gráficas. Foi um dos fundadores do jornal *O Pasquim*, trabalhou no semanário *O Cruzeiro* e conquistou o primeiro lugar em um concurso de contos na revista *A Cigarra*.

Integrante desta rede de autores citados anteriormente, Claudius teve igualmente uma profícua carreira no Brasil e no exterior:

Com 16 anos foi trabalhar como auxiliar de paginação na revista *O Cruzeiro*, onde publicou seus primeiros desenhos assinados. Aos 19 anos foi levado ao Jornal do Brasil por Amílcar de Castro. Um mês depois foi dispensado, mas Odilo Costa Filho havia gostado de seu desenho e o apresentou a Alberto Dines, editor da *Manchete*. Aí, começou na revista uma colaboração regular que durou treze anos. Foi interrompida quando Claudius assumiu, em 1969, um posto em uma organização internacional, sediada em Genebra. Claudius teve durante toda a carreira intensa atividade como chargista de política nacional e internacional em praticamente todos os grandes órgãos de imprensa do Rio e de São Paulo. Atualmente dirige a organização não governamental Centro de Criação de Imagem Popular – Cecip, que produz vídeos e publicações nas áreas de direitos humanos e cidadania, meio ambiente e saúde, colabora regularmente na revista *Caros Amigos* e ilustra livros para o público infanto-juvenil (JORNAL DA ABI, 2007, p. 22).

Dálcio A. Milanesi infere sobre a importância de Claudius Ceccon ao explicar sobre a Guerra do Paraguai (1864 e 1870), no qual destaca o humor de suas charges para explicar a história do Brasil. Segundo Milanesi (2004), a Guerra contra o Paraguai foi a mais longa e devastadora da história da América do Sul, a qual resultou na destruição do país. Sabemos, entretanto, que nesse momento o Paraguai era o país mais desenvolvido de toda a América Latina até o início do confronto. A guerra teve início na segunda metade da década de 1860, envolvendo as forças armadas do Brasil, da Argentina, do Uruguai e do Paraguai. Claudius Ceccon e a contribuição de outros autores, referenciados por Milanesi (2004), destacam o fato do Tratado de Tríplice Aliança entre o Império do Brasil, a República Argentina e a República Oriental do Uruguai ter sido secretamente engendrado um ano antes de sua publicação (MILANESI, 2004, p. 25).

Diante do exposto, podemos afirmar que a vida e obra de Claudius são igualmente marcadas por uma jornada de colaborações, algumas delas em autoria, direções e ilustrações. Nos anos de 1957 a 1970 Claudius expõe seu trabalho na revista *Manchete*, mostrando sua interpretação sobre os fatos

ocorridos na política, utilizando-se das charges para ironizar os problemas sociais.

O período em que Claudius passou na Europa durante o exílio, foi também, um momento de aperfeiçoamento: trabalhou em comunicação na organização internacional, dividindo experiências com Paulo Freire, Rosiska Darcy de Oliveira e Miguel Darcy de Oliveira em estudos no IDAC.

De acordo com informações oficiais do CECIP⁸ no Estado do Rio de Janeiro, Claudius colaborou com suas charges para os seguintes jornais e revistas de circulação: *Diário Carioca*, *Revista da Semana*, *Revista Mundo Ilustrado*, *Revista Senhor* (a qual deixou de circular no ano de 1964, cujo fechamento ocorreu devido às forças armadas tomarem posse do poder), no jornal *Correio da Manhã* e no *Pasquim*.

A partir da obra *Dez em humor* (1968), verifica-se, então, a proximidade entre Claudius Ceccon, Millôr Fernandes, Sérgio Porto, Reginaldo José Azevedo Fortuna, Henrique de Souza Filho conhecido como Henfil e Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, conhecido pelo pseudônimo de Jaguar, os quais articularam suas análises resultando no conteúdo da obra.

Outra obra que merece destaque é a obra *O Brasil é um sonho [que realizaremos]* de autoria de Cesar Benjamin, que traz ilustrações de Claudius e discute a possibilidade do país ser pensado a partir de suas origens, analisando-o por dois princípios norteadores: a mundialização, no qual considera-se o antepassado português, (entrelaçado a uma miscigenação com a África) e a possibilidade da construção de uma pátria única, humana e solidária englobando todos os homens.

Nesse mesmo viés de discussão, referenciamos o livro *Brasil Vivo*, pois possui discussão bem próxima com a obra de Cesar Benjamin elegendo o povo como personagem principal.

No que se refere à linguagem escrita, Claudius embasa suas críticas construindo coletivamente um panorama da história do Brasil, aderindo, desse modo, à nova história para reescrever a história do Brasil. Em relação a isso, nos dirigimos ao livro didático *Brasil Vivo*, no qual os autores Chico Alencar,

⁸ Mais informações encontram-se em: <<http://www.cecip.org.br>> Acesso em: 09 fev. 2012.

Marcus Ribeiro e Claudius Ceccon, iniciam o conteúdo se contrapondo a história do Brasil, até então contada. Na contracapa do *Brasil Vivo* encontramos a seguinte inferência dos autores:

Está acabando o tempo de se confundir história com aquela lista de nomes de heróis e fatos passados a ser decorada. A nossa História é viva e presente. Cheia de alegrias e dores, bem do jeito das pessoas que aqui vivem. Movida pelas forças dos grupos humanos, com caras, hábitos e interesses diferentes, a História do Brasil vai sendo construída entre sons e silêncios, festas e prisões, rezas e tiroteios, afetos e ódios. É o que foi, sim, mas também o que está sendo e o que será. Seu grande personagem somos todos nós. *Brasil Vivo – Uma Nova História da Nossa Gente* quer mostrar isso, uma linguagem simples e forte. De fácil compreensão para os jovens que começaram a ter acesso, nas escolas, a um ensino renovado da História, é igualmente uma leitura preciosa para os adultos nestes tempos de mudanças (ALENCAR; RIBEIRO; CECCON, 1992, p. 5).

Este enunciado dos autores do *Brasil Vivo* é um convite à leitura, assinalando que as críticas à forma tradicional de apresentar a história têm ênfase já no início da obra, ou seja, em seu desenvolvimento as críticas serão, certamente, enfatizadas.

Vemos, desse modo, que a participação do caricaturista Claudius é decisiva no que tange a ironia e o sarcasmo dos temas abordados desde o início de sua carreira até a materialização do CECIP. Portanto, suas obras abarcam geralmente um debate histórico, com ilustrações e linguagens compreensíveis, simples e criadoras, capazes de cativar o público jovem possibilitando desmistificar os conceitos do público jovem e adulto.

1.1 Ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e o contexto histórico

“Eu não tenho coragem, coragem tinha meu filho. Eu tenho legitimidade”
(Zuzu Angel)

A fim de entender o contexto histórico da ditadura civil-militar partimos de um referencial teórico que nos permitiu entender a relação de forças existentes no sistema internacional regido pelo sistema capitalista. Nesse

sentido, devido à abrangência das nações hegemônicas, consolidou-se uma nova estrutura, isto é um novo modelo sociopolítico e econômico que trouxe em seu bojo novas regras sociais, as quais são inerentes ao liberalismo⁹.

Há significativos estudos que confirmam que o continente latino-americano foi e, continua sendo, fortemente caracterizado pela exploração, pois desde sua colonização vem sendo consecutivamente oprimido e explorado, fato este que é corroborado no livro *Brasil Vivo* e reafirmado por estudiosos da vertente da história nova e do campo do marxismo. Esse fato aponta para a compreensão de que os nativos que se encontravam no Brasil, não foram respeitados como povos que possuíam culturas próprias, valores e princípios que norteavam suas vidas.

A primeira ‘roupa’ que os portugueses queriam enfiar nos nativos foi a da religião. ‘É preciso salvar esta gente bestial e de pouco saber’ dizia Caminha ao rei. Os padres jesuítas Manuel da Nóbrega e José de Anchieta vieram impor uma cultura que eles consideravam superior (ALENCAR; RIBEIRO, CECCON, 1992, p. 18).

Ao levantar dados para análise do período ditatorial verificamos a necessidade de destacar a organização social, pois as características do sistema econômico capitalista são predominantes no sentido de controlar a propriedade privada e controlar incisivamente os sujeitos. Mencionar que o movimento realizado pelos militares durante a ditadura Civil-militar foi uma

⁹ O neoliberalismo é uma ideologia inspirada no liberalismo do século XVII e XVIII. Na defesa pelo individualismo, naturalismo e racionalismo. No individualismo, porque a sociedade é a soma das ações individuais, ações racionais, egoístas e otimizadoras, as quais gerarão o bem-estar geral. No naturalismo, tem sua influência newtoniana do mundo. Seus componentes de leis universais e de crenças são pautados numa natureza humana imutável (TOLEDO, 1995). As origens do neoliberalismo, enquanto doutrina econômica e política, remontam ao texto “O caminho da servidão” (1944) de Friedrich Hayeck, que criticava veementemente os mecanismos de regulação do Estado sobre o mercado. Hayeck criticava os pressupostos Keynesianos de regulação do mercado sem, no entanto, obter êxito, dado que, no pós-Segunda Guerra Mundial, o capitalismo encontrava-se numa fase de expansão, o que dava bases para as políticas Keynesianas de regulação da economia e do trabalho. Com a crise do capital nos anos 70, as ideias liberais retornam ao debate político e econômico por intermédio do neoliberalismo, propondo limites ao Estado intervencionista, este visto como um dos vetores principais da crise contemporânea do capitalismo (ABREO, 2001, p. 61).

objeção estritamente capitalista e de certa forma, modéstia, pois é nítida a permanência dos valores, crenças e culturas que se esgotam no dinamismo do “lucro”. Desse modo, a ditadura civil-militar foi resultado de um capitalismo que se sentiu ameaçado ao perceber que alguns setores da sociedade começavam se organizar no sentido de superar o domínio do capital.

Ao buscar contextualizar historicamente a ditadura civil-militar, buscando fazer uma leitura do panorama em que os militares brasileiros se apoiaram, buscamos entender as consequências oriundas da Guerra Fria, isto é, uma compreensão mais complexa do que *a priori* parece ser um movimento a nível nacional.

De forma geral, a Guerra Fria se configurou num conflito político-ideológico entre os Estados Unidos (EUA), o qual buscava desenvolver e definir o sistema capitalista em oposição à União Soviética (URSS), que defendia o regime socialista. A expressão Guerra Fria se apresenta, justamente, ao final da Segunda Guerra Mundial (1945).

Desse modo, apesar do termo “guerra”, destaca-se que não houve combate físico direto. Os Estados Unidos e União Soviética financiaram guerras nacionais no jogo da Guerra Fria, causando, sim, inúmeras mortes na América Latina, Ásia e África, apesar do mundo temer um novo combate, pois tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos possuíam um grande arsenal de armas nucleares. Afinal,

As palavras-chave na guerra fria eram a ‘ameaça nuclear’: havia um temor constante, alimentado pela instabilidade das relações entre as duas superpotências, de que a qualquer momento num simples apertar de botões estaria a humanidade face a face com o armagedom, com a completa destruição da vida pelas armas nucleares, cujo potencial destrutivo fora testado e apresentado ao mundo em agosto de 1945 sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki (MORE, 2007, p. 1).

Assim, foi em termos, a partir da concepção da Guerra Fria que se iniciou e se consolidou 21 anos de ditadura no Brasil, um período que teve suas peculiaridades próprias e que aos poucos foi se intensificando, porém é importante enfatizar a maneira como se encontrava o cenário socioeconômico

do país antes de 1964.

Nos primeiros anos de 1960 o Brasil viveu uma crise política e social, resultado inicialmente da crise de 1929 e das crises decorrente no capitalismo internacional. O Brasil buscava estabilizar-se por meio da industrialização e a urbanização que se encontrava em crescente fase. Assim, argumenta Cunha e Góes (2002),

Sem condições políticas para se transformar no popular, o populismo, em 1964, deixou a cena para o novo Estado tecnocrático-civil-militar. Os novos tempos serão comandados pela internacionalização do capital, que se aprofundará, e dirigidos pela tradicional classe dominante, agora com mais uma proposta de modernização. Face às novas condições, o novo Estado definiu-se pela coerção para manter a dominação, no sentido gramsciano do termo (CUNHA; GÓES, 2002, p. 10).

Para se entender o golpe de 1964 é preciso retornar historicamente a fatos inerentes à economia e à política do país, como é o caso do suicídio de Getúlio Vargas, um acontecimento que marcou a história do país. Nesse tempo, realizaram-se as eleições para a Presidência da República, no qual Juscelino Kubitschek e João Goulart tiveram vitória sobre o candidato da oposição. Venceram com a proposta de “fazer o Brasil progredir ‘50 anos em 5’: atacando o problema das estradas, da energia, dos transportes e a construção de Brasília” (SAES, 2001, p. 103-119).

Desde a morte de Getúlio Vargas até a posse de Juscelino Kubitschek foram tomadas muitas decisões políticas e econômicas, apesar de muitas controvérsias. Um exemplo foi a posse de Nereu Ramos até a posse de Juscelino Kubitschek em 31 de janeiro de 1956. Denota-se a adesão que tiveram Juscelino Kubitschek e João Goulart, pois contaram com o apoio de vários setores sociais, entre os quais a burguesia industrial, a burguesia agrária, com sua máquina eleitoral do campo (PSD), o operariado sindicalizado e as forças nacionalistas (SAES, 2001, p. 103-119).

Em geral as administrações políticas fazem com que a sociedade busque novas formas de governar, pois, o Estado proporciona possibilidades para novas políticas se instalarem e, assim, governar o país da forma que melhor lhe convir.

Todo regime político responde aos interesses de uma determinada classe social; o Estado é a Instituição que permite a uma das classes exercer seu poder sobre as demais classes da sociedade. Por este motivo, o poder do ditador não emana de sua própria figura e nem é irrestrito dentro dos limites estabelecidos pelos interesses econômicos desta classe social da qual ele é o representante (SPINDEL, 1984, p. 8).

Os regimes autoritários, bem como qualquer outro regime não democrático, centralizam o controle da vida econômica da nação, no qual todas as atividades precisam obedecer estritamente às diretrizes e ao planejamento traçado pelo governo.

Ao se refletir sobre o contexto da ditadura civil-militar, durante a administração do Presidente João Goulart (1961-1964), destaca-se que o Brasil se encontrava em condições financeiras difíceis, pois a taxa inflacionária estava em elevação, sem citar ainda os inúmeros problemas estruturais que o país apresentava, mesmo antes de Jango.

Setores preponderantes das Forças Armadas, em 1964, tomaram o poder no Brasil, derrubando o governo Goulart e iniciando uma ditadura que só terminaria 21 anos depois. Foram várias as razões do golpe e muitos os desdobramentos políticos e econômicos do regime militar. Aqueles foram anos de profundo obscurantismo e sectarismo, geradores de consequências perversas que, ainda hoje, todos lutamos por superar (FICO, 2001, p. 17).

Em abril de 1964 foi implantado no Brasil, um dos períodos mais conflituosos de sua história, a ditadura civil-militar, que colocou fim ao governo de João Goulart, considerando-o um presidente “subversivo”. Com a deposição de Jango assume a Presidência da República o General Castelo Branco. A partir daí inicia-se um regime de autoritarismo que se estabeleceu por meio da opressão à sociedade, um período de atos de impunidades e transgressões aos direitos humanos e de cidadania “Não foi um simples golpe, mas uma articulação política de profundas raízes internas e externas, vinculada a interesses econômicos sólidos com respaldos sociais expressivos (CUNHA; GÓES, 2002, p. 31).

Já nos primeiros dias de ditadura começaram as prisões e perseguições através do Ato Institucional nº 1 (AI-1), que dava direito ao governo de tomar as diferentes decisões, sem direito de justificativas ou defesas aos acusados, usando a tortura como instrumento para obter “confissões” (RIBEIRO, 1998, p. 179).

Em dezembro de 1968, em meio à efervescência dos acontecimentos políticos e econômicos do momento em que encontrava-se o Brasil, oriundos do golpe de 1964, o regime repressivo decreta o Ato Institucional número 5 (AI-5).

[...] Com ele vieram as perseguições, torturas, assassinatos, diminuição dos direitos civis e a censura aos meios de comunicação. A parte da imprensa que não concordava com o regime militar atravessava um período de repressão e cortes nas edições [...] (LONGO, 2006, p. 1).

O AI-5 foi instituído com a finalidade de poder intervir em todas as situações, as quais os militares julgavam necessárias, levando, igualmente, o regime a valer-se de torturas, perseguições, censuras, assassinatos, entre outros atos que retiravam direitos da sociedade. Incluem-se, ainda, as cassações de mandatos políticos, inquéritos policiais militares e o exílio.

Com a ditadura instaurada no pós-1964, houve um rompimento do diálogo com a sociedade civil. Sindicatos, partidos, movimentos sociais autônomos e a imprensa foram esvaziados. À truculência do governo autoritário opuseram-se as esquerdas em seus vários segmentos, desde os que acreditavam na via institucional como forma de retorno ao Estado de direito até aqueles que defenderam o caminho da luta armada. As organizações que defenderam a luta armada e a colocaram em prática não tinham como intenção a volta ao regime democrático e institucional anterior ao golpe, mas sim, a construção de um outro regime baseado em valores e referências diferentes daquele (QUEIROZ, 2008, p. 1).

A ditadura contou com o apoio de parte da sociedade e de empresas que eram administradas por grupos dominantes. As diversas ações que transgrediram a integridade humana eram executadas pelos militares, “[...] sujeitos históricos que implementaram um regime político capaz de atender às necessidades de conhecida combinação de capitais, nacionais e internacionais,

associados através de extratos específicos das representativas burguesias” (FICO, 2001, p. 19).

A tomada do poder consubstanciou-se no argumento de que o país precisava de uma “Segurança Nacional”, a qual seria fundamental para o seu desenvolvimento econômico. Para manutenção dessa ordem foram criados órgãos que garantissem a qualquer preço a segurança e, tão logo, o “desenvolvimento objetivado”. Entraram em consonância a Marinha, a Aeronáutica e o Exército em nome da proclamada “segurança nacional” que teria deixado de existir com a presença de “subversivos comunistas que estavam transformando o Brasil no caos” em que se encontrava.

O significado do golpe militar de 1964 tem que ser buscado não no que era afirmado em palavras, isto é, nos discursos justificadores de tal movimento, e sim nos resultados das medidas implantadas concretamente pelos governos que se seguiram a ele (RIBEIRO, 1998, p. 178).

Desse mesmo modo Fico (2001), também enfatiza que a repressão durante a ditadura teve suas variações de intensidade, isto é, no tocante ao primeiro momento, logo após o golpe a repressão foi muito intensa, já durante a “distensão” e “abertura” política o número de punições diminuíram consideravelmente.

A partir de 31 de março de 1964, a elite política brasileira e assim chamada ‘opinião pública’ assistiram, estupefatas, a uma escalada jamais vista em nossa história, de atos arbitrários de todos da natureza. Parcela desses e de outros setores que apoiaram a derrubada de Goulart surpreenderam-se com o ânimo punitivo dos golpistas (FICO, 2001, p. 18).

Em relação à definição de ditadura, de modo geral, podemos descrevê-la, predominantemente, o regime político que se vale de atos de tortura, violência política, perseguições e mortes imputadas pelo poder ditatorial dominante. Rollemberg (1999) assevera que o golpe civil-militar de 1964 abriu caminho às perseguições a políticos ligados a governos populares, lideranças de movimentos sociais, sindicalistas, militantes e membros do movimento estudantil [...] intelectuais e professores (ROLLEMBERG, 1999, p. 64).

Para a maior parte das pessoas, a ditadura se restringe a uma

experiência vivida por um grupo político que monopolizou o poder do país. Não obstante, no período de vinte e um anos de governo militar, houve muitas atitudes violentas no sentido de controlar a sociedade, principalmente aos políticos e intelectuais considerados subversivos.

Todavia, verifica-se que o termo ditadura teve mudanças em seu significado de acordo com o desenvolvimento histórico. Esse conceito fica muito claro quando nos detemos nas compreensões de Bobbio (1992) sobre a ditadura num contexto diferente ao período de 1964, embora o autor não infira sobre o caso brasileiro.

A palavra ditadura tem sua origem na dictadura romana, o significado moderno da palavra é, porém completamente diferente da instituição que o termo designava na Roma republicana. A ditadura romana era um órgão extraordinário que poderia ser ativado conforme processos e dentro de limites constitucionalmente definidos, para fazer frente a uma situação de emergência o ditador era nomeado por um ou por ambos os cônsules, em consequência de uma proposta do Senado, ao qual cabia julgar se a situação de perigo fazia realmente necessário o recurso à ditadura (BOBBIO, 1992, p. 368).

Percebe-se, então, a diferença em sua compreensão e até mesmo em sua ação, no tocante a sua origem, o conceito de ditadura é diferente ao qual hoje se concebe. No que tange a ditadura civil-militar brasileira, muito já se mencionou, mensurou e se resumiu sobre o papel da sociedade, as torturas, a censura dos textos e das músicas e da falta de uma democracia sólida, porém, somente muito recentemente a presidente Dilma Rousseff sancionou a criação da Comissão da Verdade.

A criação da Comissão foi proposta pelo Programa Nacional de Direitos Humanos, em dezembro de 2009. A lei garante acesso às informações públicas ligadas ao período da ditadura. O objetivo é acessar os documentos públicos de órgãos federais, estaduais e distritais. No entanto, mesmo antes da aprovação da Lei, o governo brasileiro já teria iniciado o processo de abertura de documentos, como o projeto Memórias Reveladas, do Arquivo Nacional. A Comissão investigará violações de direitos humanos ocorridas entre 1946 e 1988. Desse modo, a Comissão da Verdade

complementará a Comissão de Anistia e a Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos¹⁰.

De acordo com Toledo (2004, p. 32), nem no Império, nem na República, houve governos tão decididos a destruir e desmoralizar o que já havia sido organizado no campo político, como fizeram os militares pós-64. A política começava deixar de ser privilégio do Governo e do Parlamento, alcançando, desse modo, os sujeitos das fábricas, dos campos e das ruas. No que se refere à ditadura moderna vemos que,

A ditadura moderna (chamada ditadura inconstitucional) é uma forma de governo mais ou menos durável. A ditadura constitucional designa procedimentos excepcionais, que são simples elementos secundários de uma forma de governo (em geral a democracia liberal) que se caracteriza por outros tipos de instituições inteiramente diferentes (BOBBIO, 1992, p. 369).

Historicamente, a burguesia brasileira se mostrou flexível, caracterizando sua posição de acordo com as circunstâncias e conveniências, se opondo ou se associando ao capital multinacional. Toledo (2004) mostra, por exemplo, que a adesão ao Plano Trienal, a tentativa de compra da AMFORP¹¹ e a protelação da Lei de Remessas e Lucros negam que Goulart se caracterizou como um governo nacionalista – populista.

A configuração dos chamados “anos de chumbo”, sem sombra de dúvida, não contempla apenas o Brasil, mas geograficamente se expande para países vizinhos como Chile, Argentina e Uruguai. Visto dessa forma, tem-se a prerrogativa de que muitos outros países “colaboraram” direta ou indiretamente para a permanência do período autoritário. A verdadeira ditadura civil-militar conta com bastidores de uma história que é exatamente contrária à “segurança nacional”, a qual era discursada: retrata-se a partir de injustiças, horrores, contradições e a luta de grupos sociais que objetivavam uma revolução, ou seja, que não estavam nem um pouco satisfeitos com a situação econômica e política do país. Desse modo, percebe-se que, “a ditadura moderna apresenta

¹⁰Informações mais detalhadas sobre a Comissão da Verdade encontra-se no Portal do Ministério da Justiça em: <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJA21B014BPTBRNN.htm> Acesso em 20 fev. 2013.

¹¹ Empresas do grupo norte-americano *American & Foreign Power Company* (Amforp), configurando uma estreita relação entre Brasil e Estados Unidos.

uma conotação indubitavelmente negativa. Designa a classe dos regimes antidemocráticos que [...] por sua vez entendida como designação da classe dos regimes liberal-democráticos” (BOBBIO, 1992, p. 370).

De acordo com Magno (2007), o período militar foi o melhor de todos os tempos. Era um tempo em que se acreditava em transformações da história, das vidas, da cultura e dos povos por meio de uma revolução. Mas foi, também, o pior dos tempos por se traduzir em torturas, perseguições e desaparecimentos, na violência de um regime que construía um discurso sob a teoria do desenvolvimento econômico, que ao mesmo tempo impunha ordem, torturava, matava e enlouquecia.

Os regimes militares são formados, geralmente, após um Golpe de Estado, derrubando o governo anterior. O Regime Militar caracteriza-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, pela censura, perseguição política e repressão àqueles que se mostram contrários ao regime.

Assim, qualquer atitude considerada suspeita era reprimida, por isso é que a ditadura foi um dos períodos mais conturbados da história recente brasileira. No entanto, ela é pouco lembrada pela sociedade, pois ao questionarmos os jovens sobre este período, poucos sabem da ocorrência do regime, embora muitos reflexos da atual situação econômica e social são consequências diretas desse período.

O autoritarismo brasileiro é destacado por Spindel (1984) com o uso e o abuso do poder por um grupo de militares com relação a certa esfera social que sem liberdade de escolha quanto à direção política do país, precisava de forma imediata obedecer a ordens duras e exigentes para não correr o risco de ser exilado para qualquer outro lugar do mundo, como foi o caso de muitos políticos, escritores, cantores, dentre outras pessoas. No entanto, até hoje vivemos as consequências das ações advindas do Estado autoritário implantado em 1964.

No período da ditadura civil-militar o autoritarismo foi dominante. Isso se deu não apenas nas diretrizes políticas, mas também no controle das publicações, da educação proposta nas escolas, na mídia, nas músicas, nas formas de pensar e até de falar sobre os mais diferentes assuntos relacionados à sociedade (FIUZA, 2006, p. 90).

Para o senso comum, é papel dos historiadores pensarem no legado deixado por esse autoritarismo e, se há retrocesso, é preciso esquecer o passado e se adaptar às novas realidades. Contudo, podemos inferir que não é somente aos historiadores o papel de compreender este período de caos e desordem, mas também aos interessados no futuro e no desenvolvimento do país e na preservação da memória histórica.

Vários setores da sociedade sofreram diretamente as ações punitivas dos militares, mas de acordo com Cunha; Góes (2002) e Rollemberg (1999) a repressão atingiu sobremaneira o sistema educacional, tomando como princípio a demissão de várias pessoas, que eram consideradas perturbadoras da ordem:

Anísio Teixeira, que ocupava a reitoria da Universidade de Brasília, foi sumariamente demitido, logo nos primeiros dias do golpe. O Programa Nacional de Alfabetização, que utilizava o método Paulo Freire, que o dirigia, foi liquidado, até mesmo em termos financeiros [...] os integrantes da equipe dirigente da *Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler* foram presos por seis meses, no mínimo. Um oficial da Marinha de Guerra assumiu o “comando” da Secretaria de Educação do Município de Natal, ordenou o abandono dos acampamentos e a incineração dos acervos das bibliotecas (CUNHA; GÓES, 2002, p. 36).

De acordo com Scocuglia (2007), muitos detalhes minuciosos que se escondem sob a sociedade, poderiam trazer à tona fatos importantes sobre o período da ditadura, mas que ainda se camuflam em muitos sentimentos e esquecimentos do passado obscuro que se caracteriza a ditadura civil-militar. Afinal, demonstrando o que realmente aconteceu, produzindo-se maior inteligibilidade sobre o passado e construindo o presente e o futuro com bases democráticas.

A educação brasileira nos anos 1950 e 1960 foi marcada pela eletricidade política dos ‘anos dourados’, e, depois, pela ditadura militar. Protestos, passeatas, métodos ativos, professores, progressistas, organização estudantil, repressão, Ato institucional nº 5 (AI-5 e o artigo 477¹²), torturas,

¹² O Decreto-Lei nº 477 de 26 de fevereiro de 1969 define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos

desaparecimentos, métodos tecnicistas, autoritarismo exacerbado, delações e tanto mais. Educação e política nunca andaram tão juntas, inseparáveis (SCOCUGLIA, 2007, p. 18).

Apesar de toda a resistência oriunda de grupos sociais, torna-se importante pontuar que o capitalismo com seus artifícios vêm prevalecendo frente às transformações políticas e sociais.

Ao pensar nesse período de nossa história é importante lembrar, também, da atuação dos Estados Unidos no desfecho da trajetória política do governo militar brasileiro, pois, como lembra René Armand Dreifuss ao discutir sobre as articulações golpistas do empresariado brasileiro, destaca a intervenção do governo dos Estados Unidos dentro do contexto da Guerra Fria, por meio das multinacionais (DREIFUSS, 1981, p. 136).

Nota-se, desse modo, que foi um alívio para os americanos ao verem o Brasil não se tornando uma cópia de Cuba, liderada por Fidel Castro, com a atuação de uma guerrilha armada.

Ao final do período ditatorial os militares, começaram a perceber a crise se alastrando pelo país, bem como a população também foi percebendo que a atuação militar não estava trazendo benefícios. Desse modo, Geisel iniciou uma abertura política institucional no país, frente, também, a uma forte pressão internacional, mediada por discursos do crescimento econômico. Assim, após os anos de repressão inicia-se de forma lenta o processo de abertura política em direção a redemocratização, a economia em baixa e as taxas de inflação em alta contribuíram igualmente para essa transformação.

Assim sendo, o processo de abertura política proposto pelo Presidente Geisel começa a se intensificar no ano de 1974 com a força do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Com isso, nas eleições de 1979 assume a Presidência da República o último general: João Batista Figueiredo, com a proposta de tornar o país democrático. Em seu governo, uma das primeiras medidas, “com vista à democratização” foi instituir a Lei da Anistia que incluía desde exilados a golpistas.

Em 29 de agosto de 1979 foi promulgada a Lei da Anistia, (Lei n. 6.683) que colocaria fim ao exílio daquele que, de fora do país, aguardavam alguma

de ensino público ou particulares, atribuindo outras providências.

mudança política: “A anistia era, ao mesmo tempo, o fim e o começo. Promoveria a retomada de uma sequência interrompida. Pertencer, enfim, ‘plena e verdadeiramente’ a uma sociedade” (ROLLEMBERG, 1999, p. 264). Uma medida que “colocaria” supostamente uma pedra sobre a obscuridão do período militar.

Nesse sentido, *a priori*, a Lei da Anistia se constituiu nesse momento como perdão dos crimes políticos e sociais leves cometidos contra a pátria, fazendo do exilado um sujeito livre ao retorno. No entanto, a Lei da Anistia “perdoava” todos os crimes, tanto do lado dos exilados como do lado dos militares que perseguiram, torturaram e assassinaram.

Nas eleições de 1982, o país demonstrou sua insatisfação com o governo militar. Por sua vez, o ano de 1984 é marcado pelas “Diretas Já”, com a proposta de eleições diretas para Presidente. No entanto, ainda por voto indireto, em 1985, foi eleito Tancredo Neves que faleceu antes de assumir o cargo. Desse modo, tomou posse em seu lugar José Sarney (PSD), o qual decretou “fim” da ditadura.

Em geral, a organização dos fatos demonstrados a partir dessa história evidenciam marcas e expressões de um contexto social marcado pela repressão, violências e injustiças, numa história cíclica de luta e clandestinidade e que aparecem aludidas na sátira e no humor presentes nas charges de Claudius. O contexto ditatorial faz referência à luta democrática, empreendida e engajada nas lutas armadas, as quais denotam um momento de resistência por parte de alguns brasileiros: intelectuais, trabalhadores, estudantes e parte da sociedade que arcava com as consequências dessa resistência.

Dessa forma, conhecer a obra de Claudius é dar a possibilidade de apreciar uma nova forma de se reportar à história, desmistificando-a, mostrando não somente o viés sentimentalista, mas também a complexidade deste período para o país.

A releitura da história, especificamente brasileira traz a possibilidade de questionar as “verdades” já consagradas, dando ênfase a novas discussões e embates, os quais podem revelar uma forma diferente de entender os fatos inerentes à ditadura e à educação. Tais versões podem contribuir para que

outras memórias da época possam garantir um espaço de existência que a história oficial não lhes oportunizou durante o regime ditatorial e pela interpretação histórica posterior.

Não obstante, sabemos que a ditadura civil-militar brasileira foi e vem sendo pauta para muitos estudiosos estruturar suas pesquisas, cujas análises buscam mostrar sempre algo de novo, de inédito de um momento que se tem muito por investigar e para contribuir com a historiografia brasileira.

1.2 O *Pasquim*: um jornal que saiu do ideário carioca e conquistou muitos adeptos

Caracterizar histórica e socialmente o semanário conhecido como *Pasquim*, apresentar seu projeto inicial, destacar o papel social e seus fundadores, refletindo sobre a participação de Claudius com sua arte de ilustrar é uma tarefa desafiadora, pois se trata de fatos recentes e politicamente complexos de abordar. De modo já referido anteriormente, a proximidade entre jornalistas e caricaturistas consolidou o jornal *O Pasquim*.¹³

O jornal *O Pasquim* surgiu da proximidade entre intelectuais focados em um objetivo único, o de apresentar sua aversão ao que estava acontecendo no país. Nesse viés destacamos Claudius, pois,

Viveu exilado em Genebra, Suíça, durante parte do regime militar, nos anos de 1970, sendo correspondente do *Pasquim*, fazendo parte de uma organização internacional, militando com o educador Paulo Freire no conselho mundial das igrejas. 'Claudius teve durante toda a carreira, intensa atividade como chargista de política nacional e internacional em praticamente todos os grandes órgãos de imprensa do Rio e de São Paulo' (JORNAL DA ABI, 2007, p. 22, apud VIEIRA, 2010, p. 153).

O Pasquim tem em seu histórico os responsáveis pelo projeto ter se concretizado apesar de tanta resistência, são eles: Sérgio Cabral, Tarso de Castro, Millôr Fernandes, Jaguar, Ziraldo Alves Pinto, Sérgio Augusto, Fortuna,

¹³ Claudius cria para o jornal *O Pasquim*, em 1971, no Rio de Janeiro, os personagens *Lili*, *Eurico* e *Malaquias o profeta* que aparece em seus cartuns de referências, especialmente, as charges que referencia a política brasileira.

Claudius, Miguel Paiva, Paulo Francis, Luiz Carlos Maciel, Martha Alencar, Ivan Lessa e Henfil.

1969... Época em que criticar o governo, assumir uma posição política diferente daquela pregada pela ditadura militar, ou mesmo andar com quem o fizesse, bastava para que um cidadão comum tivesse seus direitos cassados e, sob a pecha de subversivo, fosse preso, torturado e até morto. Mesmo assim, um grupo de jornalistas resolveu fazer piada com a situação. No dia 26 de junho daquele ano, seis meses após a edição do AI-5, foi lançado o que viria a ser o mais polêmico e transgressor veículo de comunicação já editado no país: o *Pasquim* (COSTA, 2010, p. 1).

Nesse contexto, o surgimento da imprensa alternativa tinha como objetivo o “combate político-ideológico à ditadura na tradição de lutas por mudanças estruturais e de crítica ortodoxa a um capitalismo periférico e ao imperialismo do qual a ditadura era vista como representação” (KUCINSKI, 1991, p. 6). Afinal,

Com o golpe havia se completado um processo de ocupação direta do Estado pelas classes proprietárias que vinha desde o governo Kubitscheck, quando foram criados pelos executivos, com quadros do próprio empresariado, para elaborar as normas e as políticas de cada grande setor da economia. Ao mesmo tempo em que se acentuou seu caráter classista, o Estado assumiu-se como condutor de um processo excludente das massas e silenciador das oposições. Nesse estado assim privatizado, desavenças entre frações políticas ou econômicas no bloco de poder, eram resolvidas nos corredores palacianos, exatamente como nos regimes absolutistas, tornando dispensável a esfera pública burguesa como espaço de confronto entre interesses de classe e necessidade do Estado (KUCINSKI, 1991, p. 11).

Ainda de acordo com Kucinski, a imprensa alternativa era constituída por intelectuais que não concordavam com a ideologia político-cultural da elite dominante, os quais lutavam para inverter o quadro dramático que se apresentava no momento. Os profissionais que o constituíam, adotaram, então, o caminho alternativo, opondo-se, a imprensa oficial. Portanto, o *Pasquim* fez parte de um gênero impresso de forte inserção no período.

Durante os anos de ditadura os inúmeros periódicos seguiam exprimindo sua aversão ao regime, demonstrando que a política, a economia e a educação

sofrieriam as consequências dos acontecimentos sociais. Ao buscar compreender a especificidade do *Pasquim*, encontramos recorrentemente em seu histórico a expressão “imprensa alternativa” ou “imprensa nanica”, essas expressões devem-se a sua menor tiragem em relação à imprensa oficial e por ser considerada uma voz sufocada pela censura, resultado da “grande imprensa” que marginalizou aqueles que se opunham a camuflar a verdade. No que se refere à expressão nanica, percebemos que a mesma é própria do momento, no entanto, a partir da atuação da imprensa alternativa e com o final da ditadura civil-militar surgiram muitos estudos nas áreas humanas que ratificam a relevância do papel social da imprensa alternativa em determinados momentos.

Durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou imprensa nanica. A palavra nanica inspirada no tablóide adotado pela maioria dos jornais alternativos foi disseminada principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais (KUCINSKI, 1991, p. 5).

Como já mencionamos neste estudo, inúmeros espaços de humor foram criados numa espécie de contraponto às circunstâncias vivenciadas pelos brasileiros, apesar de todos serem alvos da linha dura militar, conseguiram demonstrar a insatisfação social. Vemos, nesse sentido, que *O Pasquim* foi criado como um antídoto ao regime, com profissionais oriundos da grande imprensa, que descontentes com o rumo que o país tomava decidiram se opor na forma irreverente que se apresentou *O Pasquim*, com críticas explícitas e humor debochado que contornava a censura estabelecida.

O jornal apresentava objetivos claros diante da classe média conservadora, que defendia os propósitos da ditadura e daqueles que eram coniventes com a imprensa oficial. Assim sendo, a primeira edição foi lançada com a frase de capa “Pasquim, ame-o ou deixe-o”. Evidentemente, verifica-se que apesar dos fundadores do tablóide terem objetivos em comum, possuíam diferentes abordagens, alguns de forma mais acentuada que os outros. Assim, no que tange aos intelectuais da linha alternativa, encontramos um discurso

diferenciado que em nada se coadunava com aqueles que, em geral, eram oriundos da grande imprensa (QUEIROZ, 2008).

Como já referido, *O Pasquim* abrangeu um grande público do Rio de Janeiro e São Paulo, seu significado para o período dos anos de chumbo teve caráter especial, pois foi além de um veículo informativo, revestindo-se de uma performance própria de seus criadores e colaboradores, também um veículo com um viés esquerdista.

Desse modo, *O Pasquim* teve papel preponderante para uma parcela da sociedade, pois reuniu grandes nomes do jornalismo, cartunistas e chargistas para desenvolver um projeto ousado (com viés da esquerda inconformada) para criticar a forma como a sociedade estava organizada.

Para as décadas de 70 e 80, *O Pasquim* surgiu como símbolo da subversão, com humor debochado e sarcástico. Nesse sentido, Dênis Moraes (1999) infere que “*O Pasquim* foi a Lei Áurea da imprensa”, pois com ele inovou-se o formato da propaganda, do repasse de informação, que usou a linguagem coloquial, e em muitos aspectos, grosseira. Assim, por esse e outros motivos *O Pasquim* foi considerado o filho mal criado do capitalismo.

Para os colaboradores dos veículos de informação alternativa, o tipo característico de linguagem era uma marca expressiva de suas edições e ainda caracterizava a tão buscada “liberdade de expressão”.

Para o público interessado, o *Pasquim* possuía a responsabilidade de afrontar a ditadura, por isso o jornal era muito aguardado por seus leitores, que estupefatos com a coragem em “dar a cara a tapa” e dizer aquilo que muitos não tinham coragem, o tablóide foi driblando a censura e evidenciando a atuação dos militares ao ridículo de suas ações. Contudo, para Bernardo Kucinski (1991, p. 4), é de primordial compreensão entender que, apesar de tudo, *O Pasquim* foi um jornal de humor, inclusive chegando a ser rascunhado em mesas de bar.

Ainda para Kucinski (1991), com a intensificação dos atos ditatoriais, não foi fácil para a equipe de *O Pasquim* continuar o projeto à medida que muitos de seus integrantes foram sendo presos pelos militares. Difícil, uma vez que *O Pasquim* tinha conquistado um público imenso e que esse leitor não tinha como

saber que alguns dos colaboradores deixaram de contribuir para a produção do semanário devido às prisões.

Houve, então, a repressão por métodos extremos, pois os jornais cobravam, em especial, a reestruturação da democracia, respeito aos direitos humanos, os quais resultavam do modelo socioeconômico. A crítica não era unicamente política, pois: “A reestruturação produtiva, decorrente da dinâmica contemporânea do capital, é portadora de mudanças na economia, cujas consequências são fundamentais para toda a organização da sociedade” (SOUSA, 2008, p. 54). Após mais de uma década de críticas ao regime e ao *status quo*, o periódico passou a sofrer perseguição também em sua distribuição e venda:

[...] bancas que vendiam jornais alternativos como *O Pasquim* passaram a ser alvo de atentados a bomba. Aproximadamente metade dos pontos de venda decidiu não mais repassar a publicação, temendo ameaças, era o início do processo de extinção de *O Pasquim*. Graças aos esforços de Jaguar, único da equipe original que permaneceu até o final, o semanário continuaria ativo até a década de 90 [...] (MACHADO; BORGES, 2009, p. 136).

O jornal *O Pasquim* considerado um instrumento de resistência, recebeu rótulos imorais, devido à defesa do nacional-popular, revolucionando a linguagem jornalística e até mesmo a coloquial, colocando os militares sob o olhar da sociedade a partir do discurso esquerdista que inferia *o Pasquim*.

Vale destacar que a ditadura civil-militar não foi o único motivo para o surgimento da imprensa alternativa, mas intensificou-se durante esse período, uma vez que o tablóide *O Pasquim* surgiu com características próprias de um momento significativo para o país e que se tornou cada vez mais expressivo.

O humor no Brasil dos anos 70 marcou pela rebeldia bem humorada ao golpe de 64. Nesse sentido, o aparecimento do gênio de Henfil era, na verdade, apenas o começo do fim. O prenúncio de uma nova era em que a contestação política não teria mais a mesma importância. Um fenômeno como *O Pasquim* não ocorreria com o mesmo ímpeto num regime de liberdades democráticas, o confronto com a ditadura era a mola propulsora do deboche e irreverência que o semanário ipanemense levou a todo o país (CARUSO, 1997, p. 78).

Para tanto, ao contexto social, político e econômico, o semanário se constituiu como um “escape” àqueles que não aceitavam as injustiças emanadas do regime. Desse modo, *O Pasquim* ficou marcado, de modo geral, por fazer apontamentos sistemáticos contra a violação de direitos humanos e as críticas ao modelo econômico vigente que resultou em práticas ditatoriais. Isaura Maria Longo sintetiza que “mesmo com toda a repressão e perseguição aos jornalistas, *O Pasquim* cresceu e estabeleceu uma linha exclusiva de comunicação com seus leitores, desafiando os censores instalados na redação” (2006, p. 2).

Vieira (2010), ao desenvolver sua pesquisa sobre o jornal *O Pasquim* afirma que Claudius foi um dos mais importantes chargistas que compuseram a equipe do semanário. É nesse sentido, que *O Pasquim* constituiu-se como um marco para sua carreira, uma vez que suas charges ganharam notoriedade, apesar da implacável censura do momento contra todos que se posicionassem contrários à ordem estabelecida: “livros, jornais, letras de músicas (canções) dentre outras manifestações artísticas e intelectuais de então” (FIUZA, 2006, p. 108).

De acordo com Lago (1999), no ano de 1970, Claudius viaja a Nova York e ao ler o jornal *The New York Times*, toma conhecimento de que seus amigos integrantes d’ *O Pasquim* foram presos, devido às críticas ácidas do *Pasquim* dirigidas à ditadura. Outros motivos também teriam justificado tais prisões, pois houve por meio do *Pasquim* denúncias de que os parlamentares e as multinacionais estavam financiando as torturas em massa, existentes no Brasil e nos países da América Latina.

Portanto, a repressão foi um mecanismo muito utilizado pelo regime e com amplo apoio dos diversos setores da sociedade, como foi o caso do empresariado que deu sustentação material às estruturas repressivas. Esse estado de coisas levou milhares de pessoas ao exílio, as quais infligiram na criação de redes de denúncias no exterior e na consecução de profícuos projetos, como foi o caso do IDAC.

CAPÍTULO 2

CLAUDIUS CECCON E SEUS PROJETOS COLETIVOS

“Eu considero o desenho uma arma contra a injustiça, contra a desigualdade e a corrupção, e meus desenhos sempre procuraram expressar essa minha posição e influenciar outras pessoas a fazer o mesmo. O desenho de humor exige de quem entra contato com ele uma participação” Claudius Ceccon.

2.1 O Instituto da Ação Cultural (IDAC) e seu compromisso social

Em 1980, em São Paulo, Claudius juntamente com Paulo Freire, Rosiska de Oliveira e Miguel Darcy de Oliveira, publicaram o livro *Vivendo e Aprendendo: experiências do IDAC em educação popular*, cuja obra fundamentou grande parte das informações apresentadas sobre o IDAC nesse estudo. Esta obra apresenta e discute a realidade de diferentes lugares, principalmente onde o IDAC interviu pedagogicamente. Desse modo, há forte referência à educação operária dos italianos entre os anos de 1972 e 1974, sendo esta a primeira experiência apontada pelos autores na produção da obra.

A formação do IDAC com seus projetos voltados à educação popular dos países da América Latina, Europa e do continente africano é fruto do encontro de brasileiros que colocaram em prática seus projetos que outrora nasceu no Brasil, mas devido à ditadura civil-militar foram concretizados em outra realidade nacional. A partir de fontes primárias, apresentaremos a constituição do IDAC, destacando seu papel social de alfabetizar, renovar e “conscientizar”,

Posto diante do mundo, o homem estabelece uma relação sujeito-objeto da qual nasce o conhecimento que ele expressa por uma linguagem. Esta relação é feita também pelo analfabeto, o homem comum. A diferença entre a relação que ele trava neste campo e a nossa é que sua captação do dado objetivo se faz via preponderantemente sensível. A nossa, por via preponderantemente reflexiva. Deste modo surge da primeira captação uma compreensão

preponderantemente 'mágica' da realidade. Da segunda, uma compreensão preponderantemente crítica. Como toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, a uma ação, a uma compreensão preponderantemente mágica corresponderá também uma ação mágica (FREIRE, 1981, p. 67).

Além de conscientizar buscava-se politizar os cidadãos inseridos nesse projeto de transformação social. Referencia-se a Freire (1983), o qual destaca que,

O IDAC nasce por causa de uma experiência brasileira e latinoamericana; possibilita a nós; que nos vimos cortados deste contexto, o enraizamento em novas realidades e a participação de novas experiências; nos ensina a captar e a elaborar a identidade na diversidade e, agora, no momento da volta, nos ajuda a reaprender o Brasil (FREIRE, et al., 1983, p. 14).

Ao chegar à Suíça, Claudius se encontra com Paulo Freire e outros brasileiros que, imbuídos pelo mesmo espírito de oportunizar a conscientização cidadã, criam o Instituto da Ação Cultural - IDAC.

O Instituto de Ação Cultural - IDAC – é um centro de pesquisa e intervenção pedagógica criado há dez anos atrás em Genebra, Suíça por um grupo de brasileiros que os caminhos do exílio levaram a reencontrar. Durante esses dez anos corremos o mundo e participamos de experiências educativas nos contextos sócio-culturais mais diversos, desde a alfabetização em jovens países africanos até a ação cultural no contexto do movimento feminista europeu (FREIRE, et al., 1983, p. 9).

O IDAC fortaleceu-se como um local onde os brasileiros exilados puderam trocar experiências e informações sobre os recentes acontecimentos do Brasil da década de 70 e, ainda aproximar parte dos exilados, contribuindo na execução de outras atividades no exílio.

O IDAC foi criado em 1971 por Paulo Freire (1921-1997), Claudius Ceccon, Miguel Darcy de Oliveira e Rosiska Darcy de Oliveira em Genebra - Suíça. O Instituto se consolidou com a finalidade de aprofundar o estudo da experiência que Paulo Freire iniciou no nordeste do Brasil com alfabetização

de adultos. Foi com esta união que Claudius teve maior contato com a educação popular, obtendo experiências importantes por ter conhecido, convivido e colaborado com Paulo Freire, que já desenvolvia propostas coletivas de alfabetização de adultos. Desse modo, a troca mútua de conhecimentos fez com que o IDAC tivesse grande representatividade.

Nesse sentido, o IDAC serviu de espaço para reuniões, conversas e debates, no intuito inicial de trocar ideias acerca dos problemas sociais e educacionais. Em decorrência da significativa importância que aglutinava Paulo Freire no exterior, o IDAC foi desenvolvendo uma série de projetos voltados, mormente, à alfabetização de cunho mais politizado nos países de língua portuguesa.

O quadro de referência de nossa ação político-pedagógico foi a tentativa de viver e construir, em cada situação concreta, uma pedagogia do oprimido, isto é experimentar uma prática educativa em que, partindo-se sempre da realidade e dos interesses daqueles com quem trabalhávamos, buscávamos um processo de aquisição de conhecimentos e de instrumentos que aumentassem seu poder de intervenção sobre a realidade (FREIRE, et al., 1983, p. 9).

O IDAC pode ser considerado uma referência para este grupo de exilados, oferecendo serviços educativos, especialmente aos países que buscavam sua independência. Por isso, o Instituto durante seus projetos teve admirável aceitação, atingindo um nível de popularidade que acarretou vastas colaborações por parte da sociedade, abraçando a causa de conscientização abordada por Freire e contribuindo nos projetos do IDAC.

Nesse percurso, em 1975, a equipe do IDAC recebeu uma solicitação do Ministro da Educação de Guiné-Bissau Mário Cabral, para sua atuação no desenvolvimento do Programa Nacional de Alfabetização do país.

Na primavera de 1975, recebemos no IDAC, em Genebra, uma carta assinada por Mário Cabral, Ministro da Educação da República de Guiné-Bissau, a qual convidava Paulo Freire e a equipe do IDAC a irem à Guiné Bissau para contribuir no desenvolvimento nacional de alfabetização de adultos (FREIRE, et al., 1983, p. 69).

Torna-se importante ponderar que, nesse período, Guiné-Bissau era constituída por uma pequena quantidade de habitantes. Contudo, em torno de 95% da população era analfabeta. Os países da África que se libertaram da colonização europeia tiveram o apoio da equipe do IDAC no desenvolvimento de projetos educacionais. Dentre eles, destacamos São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Angola e, sobretudo, Guiné-Bissau.

[...] era preciso encontrar um modo de transmitir uma série de dados que haviam sido recolhidos, para que toda a população tivesse acesso a sua própria história. Como fazer? Era preciso encontrar um meio que permitisse uma 'leitura' a uma população com uma taxa de analfabetismo de 95% (FREIRE, et al., 1983, p. 108).

De acordo com Almeida (1981, p. 2-3), Guiné-Bissau buscou um desenvolvimento socioeconômico que tendia à transformação social, apesar de compreender a situação financeira frágil, seu governo buscou romper com as dependências, principalmente no aspecto educacional. Trabalhou-se, então, a alfabetização a partir de palavras geradoras, as quais o grupo que compunha o IDAC decidiu usar para a construção da identidade nacional desses sujeitos que, ao compreenderem-se enquanto homens históricos teriam a possibilidade de construir uma cultura nacional, baseada num processo de conscientização revolucionária, intrínseca ao sistema educacional.

Desse modo, o IDAC trabalhou junto à realidade de Guiné-Bissau, na busca de ensinar a ler o mundo e não apenas decodificar palavras, explicitando a importância da conscientização, expressa na obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire.

A consciência é essa misteriosa e contraditória capacidade que tem o homem de distanciar-se das coisas para fazê-las presentes, imediatamente presentes. E a presença que tem o poder de presentificar: não é representação, mas condição de apresentação. É um comportar-se do homem frente ao meio que o envolve, transformando-o em mundo humano. Absorvido pelo meio natural, responde a estímulos; e o êxito de suas respostas mede-se por sua maior ou menor adaptação: naturaliza-se. Despegado de seu meio vital, por

virtude da consciência, enfrenta as coisas objetivando-as, e enfrenta-se com elas, que deixam de ser simples estímulos, para se tornarem desafios (FREIRE, 1987, p. 7).

O vínculo entre o IDAC e Guiné-Bissau foi estabelecido por meio de um projeto que disseminava a conscientização através da palavra, estimulando a capacidade reflexiva do ser humano na sociedade. Todavia, vale ressaltar que ao referir-se a conscientização inferida pela equipe do IDAC, a mesma era atribuída no sentido de que era ofertada a população possibilidades de conscientização quanto às reais circunstâncias que os abrangiam, mas para isso há uma necessidade recorrente: do querer se conscientizar.

O desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização comporta, pois, um ir além da (apreensão) fase espontânea até chegar a uma fase crítica na qual a realidade se torna um objeto cognoscível e se assume uma posição epistemológica procurando conhecer (FREIRE, 1980, p. 290).

O método utilizado pelo IDAC, em seus diferentes projetos, possui uma abordagem crítica da realidade, pois a partir das palavras geradoras o sujeito é provocado a pensar sobre seu papel na sociedade. Para esta discussão ascender a um nível elaborado de conhecimento sistematizado, o papel do professor é primordial, pois é ele quem conduz e fundamenta a discussão.

O “diálogo com as massas populares é uma exigência radical de toda revolução autêntica” (FREIRE, 1987, p. 70). Nesta colocação, percebe-se que não basta o repasse de informações, e sim, o debate, a reflexão frente à realidade. O diálogo se mostra como propositor de reflexão, e, conseqüentemente da ação, portanto,

Na base da teoria freireana, encontramos dois princípios básicos: o da politicidade e o da dialogicidade. O princípio da politicidade do ato educativo fomenta a formação do cidadão inserido, contextualizado, crítico, capaz de buscar o diálogo como forma de transformar o mundo. Sendo autor desse processo, com o apoio do educador, o educando sente-se empoderado num processo dialógico de formação de si e de

construção do mundo. Todo esse processo é intencional (PRADO, 2007, p. 441).

O dialogismo de Paulo Freire, por sua vez, leva em consideração que o senso comum e o saber popular não podem ser ignorados neste processo. Nesse sentido, o autor valoriza o conhecimento prévio e defende a mediação que deve ser realizada pelo educador. Desse modo, as bases do pensamento freireano podem ser percebidas na produção de Claudius, explicado pelo fato de ambos terem vivido ricas experiências no exterior, onde Claudius permaneceu por um longo período até seu retorno em 1978.

Paulo Freire completava seu sétimo ano de exílio pela Ditadura Militar após rápida passagem pela Bolívia, quatro anos de intenso trabalho no Chile e um ano na Universidade de Harvard. Sua ida a Genebra respondia ao convite do Conselho Mundial de Igrejas para dirigir a renovação de seu Departamento de Educação, em especial nas atividades voltadas para os países do terceiro mundo. Rosiska e Miguel estavam exilados na Suíça, acusados de denunciar a tortura no Brasil (OLIVEIRA, 2010, p. 214).

Considerando os dados apresentados, percebemos que o IDAC foi criado por meio de uma situação histórica-política complexa, desenvolvendo projetos de uma educação consciente e politicamente engajada, a qual exigia uma formação de cunho alfabetizador e ao mesmo tempo politizador.

Ao longo da década de 1970, o IDAC realiza seminários e debates sobre a educação, sociedade e política na Europa e na América do Norte. Novos temas começaram a ser abordados: a emergência das mulheres como fator de democratização das sociedades, a formação política dos operários, a relação entre educação e desenvolvimento, a crítica da escola nas sociedades avançadas (OLIVEIRA, 2010, p. 214).

Possivelmente, as articulações políticas de direita, ao contrário do que pensávamos, viam no projeto de alfabetização e no método de Paulo Freire uma formação interessante, pois, por meio dela, muitos se tornariam “cidadãos”, os quais usariam de seu “poder de escolha”, pelo voto, para eleger nomes já consagrados no meio político. Assim, ao saber ler palavras e simplesmente escrever o nome, o sujeito é considerado alfabetizado, sendo

assim, uma presa fácil para a elite dominante que com alguns elementos conseguia convencer e conduzir a população.

As experiências vividas pela equipe do IDAC referem-se à realidades socioeducativas diversas, como o caso especial dos países africanos que possuíam uma realidade muito parecida com a do nordeste brasileiro, o que fez com que a equipe tivesse clareza ao buscar respostas aos problemas sociais. Vem daí a intrínseca relação entre o IDAC e as comunidades eclesiais de base da Igreja Católica.

Paulo Freire, Miguel Darcy de Oliveira e Claudius Ceccon (1983) ao discutirem sobre o IDAC como uma experiência em educação popular revelam um projeto que construiria em cada situação concreta uma aplicação da pedagogia do oprimido. Dessa forma, partindo de experiências práticas da realidade social, e por meio de inovadoras metodologias de trabalho, alcançou-se grande visibilidade pública, a qual se propagou através de seminários e oficinas nacionais e internacionais oferecidas pelo IDAC. Por meio dessas experiências vividas por este grupo é que o IDAC se tornou uma referência a Claudius e uma resposta aos objetivos almejados durante o período de seu afastamento do país.

Ao aludir sobre o exílio, *a priori*, temos um conceito único, no entanto percebemos que sua compreensão é mais profunda e requer uma distinção conceitual, digna de sua importância.

Apesar desta representatividade, cabe ressaltar que o fenômeno do exílio constitui-se [...] de uma pluralidade de experiências; não houve um único exílio para cada um dos países de origem, mas múltiplos exílios desenvolvidos por uma diversidade de motivos e de práticas políticas e sociais, em cada uma das nações onde os desterrados encontraram refúgio (FIUZA; BOHOSLAVSKY, 2012, p. 1-2).

Na medida em que o período ditatorial foi se mantendo e se complexificando no Brasil, os exilados seguiram desenvolvendo seus projetos sociais no exterior, uma vez que, para Paulo Freire (1980), os anos 70 foram os mais produtivos em práticas educativas, pois foi nesse momento que sua práxis pedagógica teve maior riqueza e profundidade. O exílio

representou aspectos amplamente negativos àqueles que o vivenciaram, por outro lado gerou frutos frente a realidades sociais diversas. Contudo, o exílio começava antes mesmo da fuga do país, afinal:

Um caso recorrente que acompanha os processos de exílio, como os citados anteriormente, se refere ao período da clandestinidade, quando se inicia um processo de exílio ainda no próprio país, mas envolvendo maiores riscos à própria sorte e a sobrevivência do grupo em que a pessoa atua. [...] ‘A vida clandestina reforçava a necessidade do exílio e inúmeros exilados viveram este processo gradual de desenraizamento forçado’ (FIUZA; BOHOSLAVSKY, 2012, p. 3).

O percurso do exílio, de fato, foi marcante na trajetória de muitos músicos, políticos, estudantes e intelectuais brasileiros. Nesse momento os movimentos políticos e sociais viviam a efervescência da ditadura que em nome da “segurança nacional”, colocou em prática vários Atos Institucionais que geraram: repressão policial, a supressão dos direitos civis, censura, torturas, assassinatos e a manipulação da opinião pública através de organismos de propaganda governamental e empresas privadas. Essa estrutura deu sustentação aos vinte anos de ditadura no Brasil, embora no final de 1970 ganhava terreno a abertura política.

Um dos marcos do processo de abertura do período ditatorial brasileiro é a Lei da Anistia, pela qual inúmeros exilados puderam retornar ao país, sendo “perdoados” os crimes políticos considerados menos graves.

Para um país que conseguira uma anistia nem ampla nem geral, nem irrestrita e recíproca, uma lei que anistiava envolvidos nos crimes da ditadura sem anistiar muitos dos seus atingidos: os presos, por exemplo, saíam das prisões pela redução das penas com a nova lei de segurança nacional, um ato que, por fim, confirmava as condenações; uma lei que ignorava os militares de baixa patente, ratificando, mais uma vez, a punição pela ousadia da recusa à hierarquia e à disciplina (ROLLEMBERG, 2003, p. 1).

Por outro lado, o terrorismo de Estado implantado em 1964 foi igualmente absolvido das acusações de crimes contra os direitos humanos, tendo seus agentes superiores se valido da própria lei para não responder

por suas ações.

A partir da anistia surgem novas perspectivas de retorno da equipe do IDAC ao Brasil, tendo como consequência a transferência da sede desse Instituto para o Rio de Janeiro, constituído como Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais, cujo principal objetivo “era a divulgação das obras e do pensamento de Paulo Freire” (GADOTTI, 1996, p. 682).

Paulo Freire permaneceu fora do Brasil por quase 16 anos e nesse período ele, bem como seus companheiros exilados, tentaram adaptar-se às novas realidades, sentindo-se desterritorializados nos países que os acolheram: “Apesar do muito que ensinou ao mundo, que aprendeu do mundo, jamais perdeu os vínculos afetivos e culturais com o Brasil, o nordeste brasileiro, o Recife”. “Antes de ser cidadão do mundo”, repetiu várias vezes, “sou um cidadão do Brasil.” Jamais perdeu sua identidade brasileira (GADOTTI, 1996, p. 683). Por conseguinte,

De um ponto de vista mais pessoal, enquanto brasileiros exilados de seu país, o nascimento do IDAC foi, acima de tudo, uma tentativa de não perder a identidade, de dar um sentido ao exílio. O IDAC respondeu à necessidade imperiosa que cada um de nós sentia de, preservando a saudade do Brasil, não deixá-la virar nostalgia (FREIRE, et al., 1983, p. 10).

Como mencionam os autores do livro *Vivendo e aprendendo, experiências do IDAC* (1983), o Instituto representou uma plataforma na qual eram divididas e somadas as experiências diárias, preparando-os para o retorno ao Brasil. Desse modo, o IDAC se constitui como uma possibilidade de não perder as raízes, de lembrar os hábitos, costumes, etc. Uma vez inseridos, forçosamente, em países estrangeiros, tornava-se preciso ter amadurecimento psicológico do momento para não, apenas, “viver da nostalgia da realidade emprestada” (FREIRE, et al., 1983, p. 10). Nesse sentido,

Seu ponto de partida, seu primeiro momento de trabalho em equipe foi, como não podia deixar de ser, uma tentativa de reflexão sistemática em torno das experiências educativas que haviam se dado e continuavam a se dar na América

Latina. Esta opção inicial correspondia à nossa necessidade de continuarmos vinculados à antiga realidade e não, apenas, à realidade de empréstimo que ainda não conhecíamos. Mas foi, precisamente, na medida em que se deu esta reflexão sobre o que se fez no contexto antigo que nos tornamos disponíveis a uma reflexão sobre o contexto novo (FREIRE, et al., 1983, p. 10).

Segundo Freire (1987), “o diálogo só existe em comunhão, ninguém dialoga sozinho”. Esta referência de Freire corresponde, de certo modo, ao trabalho do IDAC, pois nele se difundiu conhecimentos, experiências e informações a serem trabalhadas pelo grupo numa relação dialógica.

E com o objetivo de não perder as raízes, para não perder a identidade, a parceria firmada no exílio se consolidou nos projetos desenvolvidos pelo IDAC. Em seguida, esta parceria ganhou características próprias no Brasil, com o retorno do grupo exilado.

Ao contrário do que imaginamos em relação ao exílio, os intelectuais exilados como é o caso de Freire, Claudius, Rossiska e Miguel, não se limitaram a atacar o regime pelos tempos sombrios de repressão política, foram em busca de novos conhecimentos acerca do que seria necessário para uma educação crítica em cada lugar em que permaneciam. “Libertar-se”, de acordo com a concepção filosófica de Freire, não se limita ao plano material, mas ratifica a importância do conjunto das relações sociais.

A nosso ver, foi justamente o reconhecimento crítico da inviabilidade histórica de pensar, a curto prazo, numa reinserção nossa no Brasil que nos permitiu esperar, esperançosamente, por um outro momento histórico, mas não um esperar de braços cruzados. Foi por isso que agarrando as possibilidades de intervenção que o IDAC nos oferecia, nos entregamos a elas na Itália, na Suíça, na Guiné-Bissau (FREIRE, et al., 1983, p. 11).

Nessa menção, os autores inferem que o “não esperar de braços cruzados” significa uma libertação do sujeito, seja ela do egoísmo, do imobilismo e, principalmente, do medo de lançarem-se ao novo. Tais concepções são discutidas paulatinamente nas obras de Paulo Freire, Claudius Ceccon, Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira, em diferentes contextos de nossa realidade.

O IDAC se reforçou, ainda mais, com a visibilidade da obra *Pedagogia do Oprimido*, traduzida em diferentes línguas. Nesse período, os educadores apostavam, então, na proposta do IDAC como uma possibilidade de produção de conhecimentos e valores novos para a escola e, conseqüentemente, para a sociedade. Assim sendo, a *Pedagogia do Oprimido* se constituiu como resposta aos anseios referentes à escola e a educação como um todo.

Apesar do contexto histórico e político serem divergentes nos diferentes países europeus, verifica-se que, de uma forma ou de outra, os países estavam a desenvolver-se em algum de seus aspectos, o que fez com que repercutisse na escola e, tão logo, na educação. Por isso, a equipe do IDAC foi convidada para mediar a discussão teórico-prática sobre as temáticas elencadas por esse instituto e que as mesmas fossem ao encontro das necessidades locais.

A formação do IDAC fortaleceu-se, a partir do fato de seus fundadores não concordarem com o tipo de escola existente nas sociedades industrializadas, falsamente alicerçadas no princípio de “igualdade de oportunidades”. Por outro lado, a proposta do Instituto buscava fomentar a emancipação intelectual.

Ainda no que se refere aos conhecimentos educativos apontados pela obra *Vivendo e Aprendendo* experiência do IDAC em Educação a segunda experiência em educação ocorreu com mulheres inseridas no quadro do movimento feminista, na Suíça, em 1973. A terceira experiência se refere à reestruturação da escola e da alfabetização na educação de adultos no contexto de libertação colonial, em Guiné-Bissau, nos anos de 1976 a 1979.

As três experiências evidenciadas não são as únicas desenvolvidas pelo IDAC, isto é, os relatos não esgotam o conjunto do trabalho realizado pelo Instituto. A trajetória histórica do Instituto revela o comprometimento pela busca do diálogo e da dialética.

Procuramos, na medida do possível, fazer com que o percurso global do IDAC fosse coerente com a proposta político-pedagógica que tentamos por em prática em cada experiência concreta. Não tentamos nos aproximar de

nenhuma delas com esquemas de análise já prontos, com programa de trabalhos pré-determinados, como se nosso objeto fosse o de construir um edifício com prazo certo e planta feita, mas sem saber para que, para quem ou para quantos deverá servir (FREIRE, et al., 1983, p. 13).

Portanto, o ato de educar é desafiante e tipifica sobremaneira a proposta do IDAC, uma vez que não é possível ensinar sem aprender, numa mútua troca de conhecimento e experiências. Por isso, sabemos que o professor é um pesquisador sempre em formação, pois há necessidade de abranger cada vez mais pessoas na educação, cuja prática se volte para uma formação humanizadora e coerente para todos, buscando novas estratégias de ensino, inclusive conhecendo com maior profundidade aquilo que por algum momento tenha passado de forma superficial: “Os conteúdos se fazem e se refazem na medida em que o grupo com que trabalhamos avança em seu processo de desvelamento e de transformação da realidade” (FREIRE, 1983, p. 13).

Miguel Darcy de Oliveira explica no capítulo denominado “Conhecer para transformar”, do mesmo livro citado, as experiências dos anos de 1971 e 1972, que marcaram sua história, mediante a oportunidade de conhecer a realidade da Itália. A partir desse momento, torna-se cada vez mais contundente a discussão sobre a escola, cuja argumentação se baseia no fato da instituição se caracterizar como seletiva e elitista, embora não seja possível desconsiderar o autoritarismo pedagógico do momento. Os exemplos de subordinação baseiam-se no autoritarismo do professor em relação ao aluno, do assistente social ao assistido, do sindicalista ao operário, os quais, de acordo com (FREIRE, et al., 1983), produzem em diferentes níveis a mesma relação entre dirigentes e dirigidos.

Desse modo, o pressuposto teórico que embasa o IDAC faz um convite àqueles que sentiam que a escola não estava respondendo às demandas em seu papel socioeducativo. Os seminários organizados pelo IDAC voltados à relação pedagógica, aos objetivos, conteúdos e métodos da educação tiveram apoio maciço do professorado, assistentes sociais e sindicalistas que movidos pelo desejo de transformação, liberdade e emancipação intelectual viram no IDAC essa possibilidade de mudança.

Cabe mencionar neste espaço de discussão, que na obra *Vivendo e aprendendo experiência do IDAC em educação popular*, os autores descrevem que de Genebra levam seus projetos a vários países. Dentre estes, a realidade da Itália é muito citada, pois, como destaca Paulo Freire a proposta político-pedagógica da realidade italiana não nasceu na escola, mas é oriunda do movimento operário italiano que reivindicou “o direito ao estudo e ao acesso a cultura” como uma exigência posta pela luta.

As grandes lutas operárias travadas na Itália, sobretudo nos anos 68 e 69, introduziram reivindicações qualitativamente novas e mais amplas do que a luta pela melhoria salarial e pela defesa do posto de trabalho. Num país submetido a uma inflação crônica, o movimento operário foi se dando conta de que para obter melhorias salariais significativas e duradouras seria preciso influir sobre o conjunto da política de desenvolvimento industrial, sobre a política de investimentos, as grandes opções tecnológicas, os padrões de consumo, etc (FREIRE, et al., 1983, p. 16).

Destaca-se, então, que as ações do IDAC tiveram um de seus braços fortes, também, na Itália, onde num contexto de desigualdade social, os operários estavam ampliando sua visão sobre as relações sociais, pois o fato de ganhar mais, não era o único aspecto que os interessavam. Nesse momento, se colocava em pauta, também, uma série de condições que culminava em uma melhor qualidade de vida. Evidentemente que as reivindicações econômicas não eram esquecidas, mas enfatizava-se a liberdade de organização dos operários nas fábricas, resultado das grandes greves ocorridas no norte da Itália, as quais exigiam “o direito dos próprios operários controlarem os horários, ritmos e cadências do trabalho nas cadeias de montagem” (FREIRE, et al., 1983, p. 17).

Além do que fora explicitado em relação às greves, destaca-se que uma verdadeira reorganização do trabalho produtivo foi realizada com o objetivo de tirar o operário do confinamento repetitivo e mecânico de gestos (predominantes da divisão do trabalho), caracterizado como um trabalho monótono, cansativo e que traz consequências físicas e psíquicas aos seres humanos.

Uma conclusão dos operários em relação à educação se deu a partir

da compreensão da relação entre política e educação, pois como afirmavam os operários: “Não só ganhar mais, como também conquistar um maior poder de decisão e de liberdade para viver melhor” (FREIRE, et al., 1983, p. 17).

Os anseios operários resultam da luta contra a opressão do trabalho nas fábricas, convergindo daí a discussão incondicional da integridade física dos trabalhadores. Dessa maneira, conhecendo-se os princípios capitalistas, percebemos que as reivindicações efetivavam-se contra o regime vigente, contestando as formas de produtividade e rentabilidade, pois “*La salute non si paga*”, como traduz o próprio autor que “a saúde não está à venda”.

Os trabalhadores recusam-se a aceitar que sua força de trabalho seja uma mercadoria como qualquer outra e que sua energia vital possa ser comprada, graças a percentuais de insalubridade, nocividade, etc (FREIRE, et al., 1983, p. 17).

Assim, dá-se início a uma série de discussões acerca da busca da qualidade de vida. Destacamos também que foi a partir das concepções teóricas do IDAC, que os italianos abarcaram novas exigências de poder e de liberdade que implica em uma luta contínua, interna e externa à fábrica. A concepção do IDAC possibilitou aos operários um alerta de que a união e a compreensão dessas discussões podem levá-los a uma mudança real na qualidade de vida. Os exemplos a seguir, demonstram algumas das reivindicações nas extensões da fábrica como: preservação do meio ambiente; contra a poluição industrial; combate por uma política de transportes coletivos; luta contra a especulação imobiliária; pelo acesso à habitação; direito ao descanso e ao lazer.

A este elenco de reivindicações qualitativamente novas de controle, de poder e de liberdade, a federação unitária dos trabalhadores metalúrgicos acrescenta, no início dos anos 70, o *direito ao estudo e o acesso à cultura*. Este novo objetivo de luta que dará origem a proposta das 150 horas, parte da constatação de que a grande maioria dos operários industriais havia sido vítima do caráter seletivo e elitista do sistema escolar (FREIRE, et al., 1983, p. 18).

O que chama atenção nas reivindicações acima citadas é o direito ao estudo e o acesso à cultura, pois a este direito compete diferentes objetivos que seria, grosso modo, corrigir a discriminação escolar, apropriando-se de instrumentos de conhecimento de controle e intervenção, bem como questionar a escola quanto as suas práticas.

Em abril de 1973, a equipe do IDAC inicia aprofundamentos acerca das discussões dos sindicatos dos trabalhadores com os patrões. A princípio, os argumentos não resultam em negociações positivas, pois as grandes fábricas mostram-se favoráveis à formação intelectual do sujeito, desde que essa fosse realizada na área em que atuava o operário e ainda que fosse realizada por organismos oficiais.

Então vocês querem que nós paguemos os operários para que eles aprendam a tocar violino? Perguntaram ironicamente os patrões. 'Exatamente' é a resposta dos sindicatos 'para que possamos compor uma sonata para os senhores' (FREIRE, et al., 1983, p. 20).

Sob tal prerrogativa, os sindicatos com profunda fundamentação teórica “ganham à batalha política de ver reconhecido o direito ao estudo”, embora reconheça-se que há muito a se fazer. O aporte teórico que constitui o projeto do IDAC para a Itália, aparece como importante referencial a concepção de Gramsci, no que tange os grupos marginalizados e discriminados, no qual se discute a questão do fazer histórico sob uma nova cultura crítica e consciente, através da ascensão intelectual da massa popular. Porém, daí decorre questionamentos se há ou não uma cultura popular.

Voltando uma vez mais a Gramsci, formula-se a hipótese de que a consciência teórica ou a cultura das classes dominadas apresenta dois planos ou faces contraditórias: uma coisa é o que o operário faz, sua atividade concreta como membro de um grupo com uma inserção histórica social precisa; outra coisa bem diversa é aquilo que o operário pensa ou sabe, seu nível de percepção de si mesmo, dos outros e da realidade social, que é muitas vezes confuso e acrítico (FREIRE, et al., 1983, p. 22).

Apesar da incerteza sobre o nível da cultura popular, o IDAC apostou

nas reivindicações dos operários como um elemento primordial para a transformação social. De acordo com a discussão presente no livro *Vivendo e aprendendo, experiência do IDAC em educação popular* é preciso conhecer para transformar, porém o conhecimento se coloca, também, de acordo com as necessidades de cada realidade, pois “nestas condições o processo educativo, coerente e rigoroso se põe como condição indispensável” para o desenvolvimento educacional, político e social (FREIRE, et al., 1983, p. 22).

Claudius Ceccon, Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira aderiram à metodologia de Paulo Freire usada no nordeste brasileiro, com a inovação da tecnologia trazida por Claudius e superaram um problema que o país estava enfrentando em um momento sensível. No caso do trabalho em Guiné-Bissau, o país passava a ser independente, por isso a necessidade em mudar a realidade e a mentalidade de muitas pessoas. A educação foi o meio que mais tarde contribuiria para a mudança do país, com cidadãos que iniciaram sua alfabetização por meio de palavras geradoras que os colocavam diante de profundas reflexões acerca da história, mais precisamente de suas histórias.

Essa discussão leva a presumir que se buscou uma proposta pedagógica alternativa, capaz de abranger o público presente em grande parte das escolas brasileiras: um contexto determinado pela diferença socioeconômica, pois a elite brasileira não precisa da escola pública, nem elementos que leve a compreender determinados assuntos, pois ela tem todas as possibilidades de apreensão que não remete à escola a responsabilidade deste encaminhamento.

2.2 O Centro de Criação e Imagem popular (CECIP)

Com a Lei da Anistia, o país direcionou-se ao período da democratização, momento em que Claudius retorna ao Rio de Janeiro e passa colaborar para a estruturação da sede do IDAC no Brasil, em 1978. Sendo assim, o Instituto passou a denominar-se CECIP, desenvolvendo

projetos sociais de cunho educativo através da sistemática de ensino até os dias atuais.

Com anseios de cooperação, no intuito de possibilitar a sociedade reflexões acerca dos problemas sociais, o caricaturista se integra à diretoria da Organização não Governamental designada Centro de Criação de Imagem Popular – CECIP, em Nova Iguaçu¹⁴, Rio de Janeiro em 1986.

Por meio do CECIP, Claudius atuou incisivamente em ações coletivas criando o canal comunitário denominado TV Maxambomba, além de uma série de projetos desenvolvidos pelo Centro e em cooperação com outros órgãos não governamentais que se unem para desenvolver os projetos estruturados.

Claudius hoje é colaborador da revista *Caros Amigos*, dirige a organização não governamental Centro de Criação de Imagem Popular – Cecip (produzindo publicações nas áreas de cidadania, direitos humanos, saúde e meio ambiente) e ilustra livros infanto-juvenis. O 17º Salão Carioca de Humor o homenageou por seus 50 anos de carreira (VIEIRA, 2010, p. 154).

Uma das bases do CECIP conjuga Comunicação e Educação para o Desenvolvimento Humano, com a missão de “contribuir para o fortalecimento da cidadania, produzindo informações e metodologias que influenciem políticas públicas promotoras de direitos fundamentais”¹⁵. As atribuições do Centro são diversas:

Parcerias e alianças entre pessoas e organizações formam-se a partir de valores e objetivos comuns. O CECIP compartilha com o CEACA-VILA a preocupação em garantir que todas as crianças e todos os jovens possam usufruir plenamente de seus direitos. Criado no Rio de Janeiro em 1986, o CECIP é uma organização da sociedade civil sem

¹⁴ Nova Iguaçu é um município brasileiro do estado do Rio de Janeiro. Situa-se na região da Baixada Fluminense e faz parte da Região Metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Maiores informações em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php.htm>> Acesso em: 12 mar. 2012.

¹⁵ As informações atribuídas sobre o CECIP, são extraídas do endereço eletrônico do CECIP. Disponível em: http://www.cecip.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=28 Acesso em 15 jan. 2012.

finalidade lucrativa, que atua nas áreas de Direitos Humanos, Educação, Saúde, Meio Ambiente e Cultura. Um de seus objetivos é investir na formação de “agentes de mudança”, isto é, professores, diretores e outros trabalhadores da Educação, além de profissionais da Saúde, Cultura, Arte, Assistência Social, incluindo jovens estudantes dessas áreas, e em especial, lideranças comunitárias. O CECIP lhes oferece instrumentos que contribuem para a descoberta de novas formas de apoiar comunidades a serem mais efetivas em seus processos de transformação (CECIP, 2009, p. 23).

O CECIP é, portanto, uma ONG que produz materiais educativos audiovisuais e impressos (como livros, cartilhas e publicações) sobre educação em saúde, direitos humanos, meio ambiente, educação de jovens e adolescentes e Educação Infantil. A ONG organiza, também, seminários e cursos de formação para educadores.

As ferramentas são os materiais educativos que o CECIP cria, produzidos com a participação, em pé de igualdade, de lideranças, educadores e especialistas. Um dos frutos dessa maneira de trabalhar é o conjunto de materiais ‘Estatuto do Futuro’, que ajudam a transformar em realidade a Lei 8.069/90, o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, uma lei de fundamental importância, que permanece quase desconhecida (CECIP, 2009, p. 24).

Em 1986, na direção do CECIP, Claudius, inicia uma série de documentários: *Seu Anselmo de Jesus*; *Seu Cristiano Guedes*; e em 1987, *Para que eu possa amanhecer outro dia*; *Amamentação, um ato de amor* (1988), *Saúde não é coisa do outro mundo* e *Educação para a saúde do adolescente* (1989). Trabalhou como produtor executivo no documentário *Santo Forte* (1999), dirigido por Eduardo Coutinho (1933) e juntamente com Daniel Caetano dirigiu o vídeo, intitulado *Alguém falou em racismo?* (2004).

O vídeo *Alguém falou em racismo?* evidencia um conteúdo polêmico, destacando o compromisso de Claudius, junto à equipe, com o desenvolvimento de projetos em prol da conscientização social, no qual busca desmistificar os fatos que produzem barreiras entre as pessoas, como é o caso do preconceito.

Em 1989, Claudius integrou o júri do II Salão Carioca de Humor, realizado na Casa de Cultura Laura Alvim, evento que reuniu grandes

autores e exposições da produção de humor brasileiro, destacando as participações pela sua qualidade, a qual faz do Salão Carioca de Humor um dos três maiores do país.

Em 1990, ao lado de Noni Carvalho dirigiu o documentário: *Rocinha Criança*, documentário que discute,

As condições de trabalho oferecidas pelo sistema escolar existente para as crianças que estudam e trabalham, morando na favela da Rocinha. Este vídeo foi realizado para o projeto O valor social da educação e do trabalho em camadas populares urbanas, do Núcleo de Educação da Pontifícia Universidade Católica - PUC, financiado pela OEA - Organização dos Estados Americanos¹⁶.

Este mesmo ano é o marco da união de ideias entre Babette Harper, Miguel Darcy de Oliveira e Rosiska Darcy de Oliveira, no qual se realizou a publicação do livro *Cuidado, escola!* obra muito referenciada por estudiosos da educação.

O caricaturista ilustrou, ainda, os livros que se seguem: *Meio Ambiente: a lei em suas mãos* (1992); *Ficar...por dentro* (1995) publicado pelo CECIP; *Criança que trabalha compromete o seu futuro*, escrito por Madza Ednir e editado pelo CECIP e Cenpec: *uma década promovendo a escola pública* (1998). Nesse sentido, a exemplo do IDAC, o CECIP se destaca como um marco na vida de Claudius, com uma proposta inovadora que se materializou nesta empreitada.

Ao analisar o papel do CECIP, percebe-se a grande preocupação da equipe em dar apoio à sociedade no âmbito de suas necessidades, não somente educacionais, mas sociais. Isto é, a mais recente luta do CECIP vem sendo a de conscientizar a população sobre a discriminação racial, que, de fato, é um debate polêmico, mas ao mesmo tempo camuflado na sociedade. Assim sendo, são discussões direcionadas que unem o trabalho na escola voltado à comunicação de massa no que tange a cidadania.

¹⁶ Informações retiradas do site oficial do CECIP. Disponíveis em: <<http://www.cecip.org.br>> Acesso em: 20 jan. 2012

Cidadania está ligada a protagonismo. Em uma comunidade cidadã, estimula-se a cooperação e respeita-se a própria capacidade de produzir respostas para os problemas e desafios enfrentados, em vez de ficar passivamente esperando que outros as ofereçam. Utiliza-se como referência o Estatuto da Criança e do Adolescente, que, em seu artigo 3º, afirma: 'A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais' (CECIP, 2009, p. 50).

Desde sua criação, o CECIP promoveu inúmeros projetos voltados à educação e à cidadania, desde projetos mais simples até os que se utilizaram de parcerias maiores, pois necessitaram estruturar-se financeiramente. Um exemplo de projeto que demandou parcerias foi o projeto *SITE*, que promoveu a inclusão digital aos jovens da cidade do Rio de Janeiro estendendo-se para a capacitação para o mercado de trabalho.

Além da realização dos projetos sociais, ressaltam-se as premiações que o CECIP recebeu e que nesse processo Claudius tem sua parcela de responsabilidade e contribuições,

Claudius Ceccon, diretor do Cecip e pioneiro no uso das novas tecnologias do audiovisual em projetos de transformação social, também discutiu os conceitos de cultura, arte e educação. Após exibir um clipe com extratos da TV Maxambomba, uma TV comunitária feita pelos próprios moradores da Baixada Fluminense, disse que os jovens se acham capazes de mudar o mundo, mas não possuem instrumentos para que possam se engajar em ações sociais. 'Existe uma cultura viva em territórios periféricos que só estão esperando uma oportunidade para aparecer. Trabalhamos com os conceitos de educação e comunicação como uma coisa só. E também não diferenciamos arte de cultura', concluiu (DUARTE, 2011, p. 1).

A seguir será evidenciada uma série de publicações de Claudius em parcerias.

Em 1999, trabalhou como colaborador na revista *Bundas* no Rio de Janeiro e iniciou colaboração com suas charges na revista *Caros Amigos* em São Paulo. No que se refere a *Bundas* destaca-se que sua criação é uma oposição ideológica e bem humorada à revista *Caras* e um projeto de

continuidade do *Pasquim*, com espírito crítico e humorístico: “a revista que é a cara do Brasil”; pois “quem mostra a bunda em *Caras*, não mostra a cara em *Bundas*”¹⁷, diziam os autores. O projeto de *Bundas* era ousado, pois usava e brincava com as palavras, a fim de criticar as grandes celebridades que apareciam na revista *Caras*, desmascarando “o faz de conta” da sociedade, do espetáculo fútil e despolitizado.

A Midiativa, uma organização não governamental teve a vice-presidência ocupada por Claudius no ano de 2002, apontando seu trabalho desenvolvido em diferentes frentes. Claudius também integra-se ao Conselho Consultivo da *Brazil Foudation* em 2002¹⁸. Segundo o endereço eletrônico da *Brazil Foundation*, a fundação é uma organização não governamental que apoia iniciativas da sociedade civil brasileira que propõe soluções criativas e diferenciadas para os desafios enfrentados por comunidades de todo o país, desenvolvendo projetos em diversas áreas como: educação, saúde, direitos humanos, cidadania e cultura. A ONG¹⁹ *Brazil Foundation*, estimula o protagonismo local para garantir a aplicação eficiente dos recursos e ajudar comunidades a administrar seu próprio espaço.

Dentre essas características, essa organização não desenvolve trabalhos individuais, mas ações coletivas por meio de convênios e apoio técnico, ampliando parcerias com empresas e fundações no Brasil e nos Estados Unidos que investem em projetos sociais de comunidades brasileiras.

Em 2003, Claudius juntamente com Rubim Aquino, Lucia Naegeli e Francisco Mendes, publicam o livro “*Brasil: uma história popular*”. Seu conteúdo discute o sentido da independência política do Brasil, levando o

¹⁷A respeito da revista *Bundas* ver José Maurício Costa: Jaguar, o comunicador do ano. Disponível em <<http://www.tatame.com.br/dasantigas/upload/46/arquivo.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2012.

¹⁸ O Conselho Consultivo da *Brazil Foundation*, conta com sete líderes de diferentes áreas engajados em projetos de ação social - Edmar Lisboa Bacha, Ruth Cardoso,(1930-2008) Claudius Ceccon, Gelson Fonseca Jr., Hélio Mattar e Kenneth Maxwell e Gilberto Gil, um dos maiores nomes da música popular brasileira. Maiores informações disponíveis em: <<http://www.brazilfoundation.org/v1n1.pdf>> Acesso em: 12 jan. 2012.

¹⁹ Destacamos, desse modo, que não adentraremos no debate que tange as ONGs, por sua vez, objeto de crítica recorrente nos estudos das ciências humanas e sociais.

leitor a refletir a respeito dos conceitos apontados. A temática abrange, ainda, sua compreensão sobre a dependência que o Brasil tem com os países do primeiro mundo.

Nessa narrativa, o povo brasileiro é o ator basilar, e é sobre a perspectiva crítica que a história é contada. É uma trajetória em que o povo perpassa por lutas populares, com peculiaridades que recentemente começam a ter aceitação, pois somente eram aceitas pela ciência as versões oficiais, desconsiderando o comprometimento que muitos outros estudiosos tiveram e têm com a verdade e com a verdade histórica.

Ao observar os livros de autoria de Claudius e aqueles os quais contribuíram com suas ilustrações, percebe-se que, em geral, são livros organizados de forma didática, nos quais as críticas são explícitas e a linguagem facilita a compreensão de leitores iniciantes, como é o caso dos livros didáticos que são direcionados a leitores da fase escolar.

Consideramos que a maneira como são apresentadas as obras em que Claudius participa são de forma didática, pois apresentam duas formas de explicação: o texto e as imagens, ambos buscando conscientizar os jovens brasileiros acerca da emergência da construção de uma sociedade mais humana e solidária.

A produção da obra *Brasil: uma história popular* se deu pelo fato de que durante muito tempo a narração da história do Brasil foi descrita por meio da perspectiva oficial desconsiderando muitos fatos históricos importantes e privilegiando “grandes nomes” da história brasileira, elevando a inter-relação entre o Brasil e os países aos quais ele esteve submetido ao longo de sua história. De maneira cronológica, desde a “descoberta” do Brasil, em 1500 o povo vem travando uma luta desmedida, pois foram desconsiderados, roubados, subordinados à cultura europeia e mortos em uma luta desigual. Apesar disso, muitos deles deram seu sangue na tentativa de proteger seus costumes, sua forma de vida e, por fim, seu território.

Moacir Gadotti organizou em 1996 a obra *Paulo Freire Uma bibliografia* com a colaboração de Ana Maria Araújo Freire, Ângela Antunes Ciseski, Carlos Alberto Torres, Francisco Gutiérrez, Heinz-Peter Gerhardt,

José Eustáquio Romão e Paulo Roberto Padilha. Neste trabalho é evidenciada a vida de Paulo Freire, abordada por diferentes momentos, nos quais cada colaborador expõe seu entendimento e convívio com a trajetória de Freire. Dessa forma, o que chamou atenção na obra são as evidências deixadas por Claudius.

Claudius delimita sua participação ao livro com o texto *Dez anos de conversas*, no qual, de forma bastante peculiar, menciona que conheceu Paulo Freire em Genebra, em 1970, em mais um dos lugares em que Freire estava a passar durante o exílio. Ao se referir à chegada de Paulo Freire no Chile, afirma que não foi preciso pedir uma recepção digna, pois “Paulo Freire exala calor humano e morosidade” (GADOTTI, 1996, p. 212). Desse modo, nesse pequeno prefácio, verifica-se a relação de afeto e amizade entre Freire e Claudius, uma vez que Freire já era considerado um mito para os brasileiros e latino-americanos.

A chegada de Freire no Chile aconteceu no momento em que seu sucesso começava a se expandir internacionalmente, pois a *Pedagogia do Oprimido*²⁰ tinha publicado sua primeira versão em inglês, realizada por Alfred Knopf, em Nova Iorque e posteriormente publicou-se em outros idiomas. O conteúdo de Freire se expandia e com o sucesso de vendas no exterior, pela busca de compreensão à expressão “conscientização”, destacou Freire como o intelectual valioso que era (GADOTTI, 1996, p. 213).

As edições se esgotavam uma após a outra, contagiando os americanos, europeus, africanos e asiáticos que se esforçavam para pronunciar o método utilizado por Paulo Freire.

Conscientização era uma palavra – mágica – capaz de explicar como e por que a alfabetização, cujas estatísticas acusavam fracassos retumbantes em todas as latitudes, agora se tornava possível. O Método Paulo Freire passou a ser usado como chave mestre para designar experiências as mais diversas que se reclamavam, não poucas vezes sem razão, do pensamento do mestre Freire. O Conselho Mundial

²⁰ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Sua primeira edição foi publicada nos Estados Unidos em 1970 pela tradução de Carmen Hunter conhecida como uma das melhores educadoras norte-americanas, a qual se dedica aos problemas do analfabetismo nos Estados Unidos.

das Igrejas, dono do passe de Paulo, deu-lhe ampla liberdade de movimentação. Foram mais de dez anos de viagens internacionais, encontros, congressos, simpósios, conferências e papos. Isso mesmo, papos, ocasiões em que Paulo se punha à disposição de estudantes, educadores, intelectuais ou semianalfabetos, para conversar, ou, como ele prefere dialogar (GADOTTI, 1996, p. 213).

Da mesma forma, Claudius infere que “Paulo Freire é um conversador cativante que consegue analisar a educação bancária de modo que explica pertinentemente a falência dos sistemas educacionais”, os quais produzem a injustiça, o fracasso e a opressão – sintetizados em sua proposta norteadora de uma educação para a liberdade (GADOTTI, 1996, p. 214).

Sem nenhum constrangimento, Paulo Freire é comparado a Pelé, Tom Jobim e Ayrton Senna, como uma das quatro celebridades brasileiras mais conhecidas no exterior, mas afirma que “a reação que Freire provoca é qualitativamente diferente”. Do mesmo modo, em que Claudius vê em Freire o que ele tem de mais ilustre, faz um panorama de seus críticos, aqueles cuja objetividade se concentra em encontrar nos discursos de Freire a ideologia de Hegel, Marx ou Anísio Teixeira, deixando, desse modo, passar aquilo que, de fato, é mais importante, o conteúdo que discute e que envolve toda a sociedade. Conteúdo este que deve ser transmitido de forma consciente, buscando atuar no intuito de diminuir consideravelmente a diferença socioeconômica existente no Brasil (GADOTTI, 1996, p. 214).

Ao se referir aos sistemas educacionais, com proposta libertadora, Freire destaca o ato educacional intencional como primordial, no entanto expõe sua compreensão sobre a importância de compreender a educação relacionada às políticas (internas e externas), legitimando, desse modo, o ato de educar sob a perspectiva das políticas públicas.

Para tanto, se evidencia uma educação política para a sociedade, ou especialmente, àqueles cujas possibilidades foram “tiradas” de forma crua e violenta, caracterizando o sistema vigente cada vez mais excludente e seletivo. Para a parcela da população que foi e é desprivilegiada das possibilidades de ascensão social, há uma cultura que responsabiliza o indivíduo de como e porque fracassou. Desse modo, retira-se do sistema

social sua grande parcela de culpabilidade pela cultura do fracasso. Portanto, este estudo se estrutura sobre a figura expressiva de Claudius Ceccon que vinculou-se a outros renomados intelectuais e materializou importantes propostas educacionais, políticas e cidadãs no Brasil e no exterior.

CAPÍTULO 3

A PRODUÇÃO GRÁFICA DE CLAUDIUS CECCON

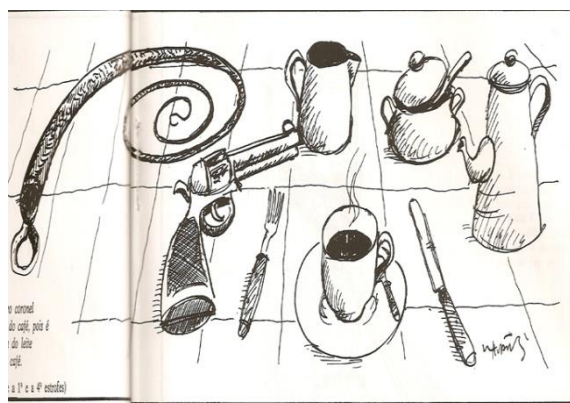


FIGURA 3

A análise das charges abordadas no decorrer dessa discussão será, exclusivamente, de autoria de Claudius Ceccon, retiradas de suas obras e em parcerias com outros autores, bem como suas charges publicadas no jornal *O Pasquim*. O gênero textual charge estará em discussão neste espaço, no qual se busca compreender a leitura chágica estabelecendo inter-relações entre o locutor, o tema abordado, o leitor e o contexto em que a mesma se encontra.

Ao direcionar o estudo sobre a charge e o discurso cômico, busca-se discutir sua origem e funcionalidade no meio artístico, cultural, informativo e educacional, procurando perceber por meio dela o que não está dito, ou seja, o que está subentendido, implícito nos traços característicos.

A charge surgiu, formalmente, na França como uma forma de protesto e a não liberdade de imprensa, sempre controlada rigorosamente pelo Estado. Assim sendo,

algumas das características mais marcantes da charge é a caricatura, a sátira e a ironia. Seus significados são, frequentemente, complexos, precisando que seu leitor tenha conhecimentos prévios dos temas que aparecem nos mesmos (SILVA, 2006, p. 989-0).

No que tange o humor, destacamos a natureza dos desenhos figurativos como discurso iconográfico, e como mecanismo de conexão social. Ao se fazer a leitura de charges é preciso estabelecer uma série de situações comunicativas, desenvolvendo estratégias para a compreensão, pois o entendimento depende, em grande parte, do conhecimento que tem o leitor da temática abordada.

Vivemos cercados por imagens. Somos regidos e enquadrados pela palavra escrita com que são feitas as leis, decretos, as disposições, os contratos, mas a cada dia que passa a importância da imagem cresce. Na civilização urbana e industrial em que vivemos somos bombardeados constantemente por imagens que acabamos por absorver sem nos apercebermos (FREIRE, et al., 1983, p. 117).

Gasca e Gubern (2011) apresentam estudos sobre o desenvolvimento e enriquecimento do discurso cômico nos estudos literários e jornalísticos, destacando interesses em estudos iconográficos na França, Espanha e Itália. Nesse sentido, o estudo do cômico teve aprofundamentos no que se refere às suas particularidades, como explicam Gasca e Gubern (2011),

[...] aunque muchas veces la codificación de las convenciones aparece como muy rígidas y altamente estereotipada, como es frecuente en los medios de la cultura de masas, no tardan en descubrirse variantes, derivaciones y hasta transgresiones de la codificación matricial. Y, también en este medio de comunicación, los códigos generan a su vez familias de subcódigos particulares, de ámbito y aplicación más restringidos (GASCA; GUBERN, 2011, p. 9 - 10).

Grosso modo, podemos nos referir à charge como um meio de comunicação que, de início, se faz presente nos textos jornalísticos, que propõe ao leitor uma forma diferenciada de entender determinado assunto, o que Claudius (1983) denomina como “simplesmente um produto final que é

fruto de uma íntima convivência entre palavra e imagem, de tal forma que se tornem uma unidade ou dela se aproximem” (FREIRE, et al., 1983, p. 120 – 2). Logo,

Para que isto seja possível é necessário que não haja divisão entre escrever e desenhar/editar. Esta compartimentalização não é outra coisa senão o reflexo da divisão existente na sociedade entre trabalho intelectual e manual, entre os que elaboram, criam, dirigem e os que apenas executam submissamente (FREIRE, et al., 1983, p. 122).

A charge constitui-se como uma linguagem de comunicação, cuja característica se distingue dos textos escritos. É notório que o estudo da charge vem ganhando maior ênfase com as intensas pesquisas realizadas a partir desse gênero textual, voltado a entender a interação do leitor com o assunto abordado, pois [...] “esse meio de comunicação veicula uma mensagem que carrega um conteúdo ideológico mais ou menos explícito, que nos dá uma certa visão do mundo e procura nos levar a um consenso” [...] (FREIRE, et al., 1983, p. 117- 8). Portanto, a linguagem chárstica demanda convenções e símbolos que produzem leituras do discurso pretendido:

En el apartado de la iconografía hemos compilado las convenciones relativas a los encuadres, a las perspectivas ópticas, a los estereotipos, al gestuario, a las situaciones arquetípicas, a los símbolos cinéticos o movigramas, a la decomposición del movimiento, a la distorsión de la realidad y a las metáforas visuales e ideogramas (GASCA; GUBERN, 2011, p.10).

Dessa maneira, a charge é um gênero textual frequentemente utilizado como mecanismo de crítica social. Afinal, como assevera Ceccon, “um meio de comunicação que não permita uma reflexão crítica e a possibilidade de uma resposta criativa corre um sério risco de ser apenas manipulador” (FREIRE, et al., 1983, p. 114).

A produção de Claudius apresenta igualmente a luta em prol da democratização da informação, marcadamente com sua colaboração gráfica

ao *Pasquim*. Vemos, desse modo, como essa forma de linguagem, certamente mais moderada, foi realizada por Claudius em suas charges. Muitas delas são críticas explícitas, embora haja charges com críticas mais cifradas e implícitas. Essa opção em informar a sociedade se destacou durante o período da ditadura civil-militar, porque atuou ativamente contra os ideais do regime, informando por meio do humor debochado e sarcástico, driblando a lupa dos censores.

Claudius consolida sua carreira como caricaturista ao demonstrar um estilo único de persuasão do público por meio da charge ou da imagem. Nessa perspectiva, perscrutar a trajetória de Claudius é também conhecer parte da história recente brasileira. Podemos afirmar que é possível também verificar as impressões de Claudius empregadas nos traços chárgicos, cujas características denotam sua ideologia, sua experiência de mundo e, portanto, sua intenção no tocante ao contexto educacional.

Os recursos audiovisuais foram mecanismos usados pelo IDAC para o projeto de alfabetização, recursos que inovaram e cooperaram para a compreensão e ponderação sobre a realidade.

[...] toda a equipe do IDAC havia feito uma extensa visita a várias regiões da Guiné-Bissau. A alguns lugares tivemos de chegar de helicóptero, pois na época das chuvas as estradas, normalmente precárias, se tornam impraticáveis. Conversamos com muita gente, discutimos com camponeses, ministros, professores, responsáveis políticos. Colhemos material, fotografamos, observamos, nos documentamos. Nosso projeto de assessoria foi elaborado em conjunto com os guineenses (FREIRE, et al., 1983, p. 108).

A partir das discussões sobre as experiências reais vividas pelo povo é que conseguimos perceber a forma como Ceccon (1987) compreende a educação:

Vendo, julgando e agindo o povo se educa e mostra que a educação não acontece só na escola. A gente se educa cada dia, durante a vida inteira, aprendendo das experiências que vive e aprendendo ainda mais se elas são vividas e discutidas em comum (CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1987, p. 92).

Os recursos utilizados pelo Instituto da Ação Cultural é que o diferenciou das demais propostas voltadas à educação política do sujeito, com uma ação educativa pautada em cultivar métodos de “experimentação”, partindo da realidade vivenciada pelo grupo. Não obstante, o diálogo e a dialética constituem-se como características principais para determinar a relação educador e educando no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, nos apoiamos em uma entrevista realizada por Paulo Sgarbi²¹ a Claudius, intitulada “*Um caminhante de muitos caminhos*”. Para tanto, utilizaremos este texto para demonstrar a produção intelectual de Claudius e as reflexões levantadas pelo entrevistador sobre a educação.

Iniciamos a apresentação dessa entrevista com a inferência de Alencar e Ribeiro (1992, p. 73), que denotam que a “história é como um carro, sempre em movimento. É como a vida da gente, sempre em transformação”.

Nessa entrevista, a referência que Claudius faz sobre sua percepção de escola, confirma sua aproximação às teorias de Paulo Freire. Em seu relato, infere que “a escola, salvo raríssimas exceções, pouco estimulou e, mesmo, em alguns casos, desestimulou o que havia de mais criativo e autêntico: o desenho” (SGARBI, 2010, p. 3). Nesse aspecto, entende-se a crítica fundamentada ao contexto escolar, pois à educação formal reproduziu um desdém pela arte do desenho, aí incluídas a charge, elementos pouco trabalhados na formação e informação do sujeito que remete a impressão de tempo desperdiçado, sem nenhum objetivo concreto.

Devido a esse desestímulo é que a recordação da escola para Claudius “não é nada boa”, visto que esta menção se remete à sua infância e ao período colegial com início dos anos 50. Porém, também, pondera reconhecendo que a escola a qual mencionou “mudou muito e mudou para melhor!”, porque vem lutando por melhores condições de ensino, por leis que

²¹ SGARBI, P. Um caminhante de muitos caminhos. **Revista Teias**, v. 10, n. 20, p. 01-11.

possibilitem acesso e qualidade.

Portanto, a partir do contexto de uma infância subordinada a traços característicos da escola tradicional²², suas experiências denotam o apego exagerado ao conteúdo ensinado pelo professor, considerado-o como detentor do saber, sem a possibilidade da troca mútua de conhecimento, o que leva-nos a inferir sobre sua experiência negativa com a escola.

No que se refere à escola tradicional nos detemos na compreensão de Saviani (1991), o qual elucida importantes questões em relação a abordagem das teorias não críticas que são denominadas dentro do contexto histórico como: Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova e a Pedagogia Tecnicista, o que aqui não é o foco desse estudo, porém apresentaremos sinteticamente ao conceito de pedagogia tradicional a fim de conhecer o que assevera um dos mais renomados teóricos da educação contemporânea.

A pedagogia tradicional traz em seu bojo que “a educação é direito de todos e dever do estado” (SAVIANI, 1991, p. 17). Contudo, essa premissa política decorre dos interesses da burguesia em relação ao desenvolvimento do sistema capitalista. Foi neste contexto que se buscou construir, por meio do ensino, uma sociedade democrática, a qual buscaria transformar os súditos em cidadãos conscientes das relações sociais. Nesse caso, a marginalidade é caracterizada como a ignorância dos indivíduos. Para tanto, a pedagogia tradicional pode ser conceituada em seu amplo contexto teórico, pois,

A escola surge como antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre-escola será o artífice dessa grande obra. A escola se organiza, pois como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos (SAVIANI, 1991, p. 18).

O entusiasmo pela educação acabou em decepção, pois a sociedade do século XIX, nas condições em que se encontrava, buscava uma nova

²² Saviani conceitua escola tradicional aquelas cujas teorias se reportavam às teorias não críticas: o professor ensina e o aluno aprende em silêncio e sob coerção rígida.

pedagogia, com isso, a pedagogia tradicional (levada pela crítica do autoritarismo dos professores), viu-se obrigada a arcar com as consequências de todas as críticas em relação a sua caracterização na sociedade, características estas que vieram a ser a partir desse momento, transitórias e muito discutidas em relação à Pedagogia Nova.

Na perspectiva de identificar um avanço no entendimento da emergência da escolarização, Claudius enfatiza que “há uma crescente consciência de que a educação é fundamental e que um país não pode tornar-se uma verdadeira nação sem uma base sólida, dada por um sistema público de ensino de qualidade para todos” (SGARBI, 2010, p. 3). Evidentemente, ao contextualizar seu conhecimento acerca dos problemas que a educação brasileira enfrenta, não soa estranho quando Claudius conclui que “estamos longe” de uma educação de qualidade e para todos, mas em relação à progressão em que se refere, diz respeito à “massa crítica de análises, experiências e propostas que faz com que comece a haver diferenças” (Ibidem, p. 3).

Ao somar as qualidades que agregam relevância ao seu trabalho, Claudius refere-se aos avanços significativos da educação devido à “continuidade administrativa”, pois com ela e outros fatores, pode-se ultrapassar muitas barreiras dos problemas estruturais brasileiros. No entanto, sabe-se que a educação sozinha não transforma o mundo, ela entrelaçada aos outros setores da sociedade, como parte de uma máquina, efetiva resultados certamente diferentes dos que costumamos conhecer.

O apontamento que Claudius faz na perspectiva da continuidade, se evidencia em buscar expansão de projetos, os quais beneficiam direta e indiretamente o cidadão, uma vez que, “ainda, há muito a fazer”, pela e na educação, porque de acordo com ele o Brasil “tem uma estrutura perversa e injusta”, no entanto precisamos não somente aceitar esta afirmação, mas buscar superá-la. Para ele, o fato de conseguir “eleger bons governos é um avanço”, porém o que se torna essencial para o real desenvolvimento do país é, de fato, “a crescente participação consciente dos cidadãos” (Ibidem, p. 3).

Claudius não traz subterfúgios ao expor as necessidades para se

obter resultados satisfatórios, por isso infere que não se pode limitar educação, à escola, mas uma educação que dê possibilidades de preparar o sujeito para a vida, para a atuação enquanto ser social que faz história e que é capaz de transformá-la. Por isso, afirma: “não acredito em reformas vindas de cima, como concessão: acredito em conquistas, em organização, em pressão popular sobre legisladores, dirigentes e em tomada de posição da mídia” (SGARBI, 2010, p. 3).

Com essas afirmações de Claudius, podemos identificar sua proximidade com o pensamento freireano e de outros exilados que criaram o IDAC ao criticar a forma como nossa sociedade se organiza.

A partir das bases constitutivas da sociedade brasileira é que anima o discurso referido por Claudius. O autor também analisa a sociedade brasileira contemporânea ao alertar que “com o empobrecimento da classe média é possível que mais crianças engrossem o contingente da escola pública, a qual é considerada uma das razões da má qualidade do ensino público e das péssimas condições do professorado, o que têm origem no fato de que há setores mais articulados que estão se mexendo” (Ibidem, p. 3). Em outras palavras, quando a classe média estiver diante da experiência da escola pública é que teremos melhores resultados. Isto, certamente, pode ser considerado uma grande expectativa para os prósperos estudiosos da educação brasileira: um sinal de que a classe média tem consciência de sua real situação faz com que “o resultado desse movimento comece a aparecer” de uma forma ou de outra (Ibidem, p. 3).

Ao ser questionado sobre a leitura que faz sobre a relação entre imagem e educação, referida aos textos *A Vida na escola e a Escola da vida* e ao livro *Cuidado Escola!*, Claudius infere que “as imagens comunicam imediatamente, instantaneamente”, a intenção do autor ao público. Não se trata, pura e simplesmente de desenhos soltos no decorrer dos livros, apenas para entreter as crianças, “trata-se de outra maneira de ver o mundo, que pode utilizar a linguagem dos sonhos, fazer sínteses surpreendentes, dizer coisas que as palavras têm dificuldade de exprimir” (SGARBI, 2010, p. 4). Nesse sentido, Claudius demonstra a importância das ilustrações, pois,

‘vivemos numa sociedade em que somos cercados por imagens o tempo todo: *outdoors*, *busdoors*, *grafittis*, pixações, bancas de jornal cheias de revistas, a televisão, o cinema – onde quer que você esteja você é bombardeado, está cercado, imerso em imagens’ (Ibidem, p. 4).

A partir desse argumento, reitera-se a relevância que as imagens adquiriram nos processos educativos, materializando-se em livros, como é o caso da cartilha *Super ECA*, organizada por Claudius que além de enfatizar o lúdico, inerente às charges, é um convite extrovertido ao conhecimento dos direitos e deveres das crianças.

Vamos corrigir!

Toda criança tem direito à educação. Os pais têm o dever de mandar os filhos à escola. O governo tem o dever de providenciar escolas e creches para todos (CECCON, 2000, p. 11).

Claudius se baseia em seu principal interlocutor para exemplificar seu discurso: “como já dizia nosso guru Paulo Freire, seu método, por exemplo, era baseado em imagens. Sua primeira série de dispositivos foi desenhada por ninguém menos do que Brennand²³ e é linda” (SGARBI, 2010, p. 4).

Com essa proposta, Freire ajudou milhares de pessoas a conhecer o mundo, a refletir sobre ele e descobrirem-se criadores de cultura: “A educação através da arte é um caminho maravilhoso para um novo entendimento do mundo – para poder dominá-lo, em vez de ser dominados pelas forças do mercado” (SGARBI, 2010, p. 4-5).

O entrevistador de Claudius assevera sobre o papel da imagem para formar no cidadão uma consciência crítica e apropriada, capaz de conduzi-lo pela vida, a fim de saber enfrentar o cotidiano, sistematicamente, pensado para a apropriação da força de trabalho da grande massa.

²³Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand (1927) é escultor, desenhista, pintor e ilustrador de Recife que expôs sua obra no Brasil e no exterior, tendo a oportunidade de conhecer Pablo Picasso (1881-1973), dentre muitas outras marcantes experiências.

Claudius teve participação incisiva no Brasil ao fazer parte da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para crianças e adolescentes, acontecida no Brasil em abril de 2004. De acordo com o próprio Claudius, a Cúpula Mundial “foi uma reunião importantíssima e extremamente bem sucedida”. Sabe-se, entretanto, que esse encontro traria subsídios para o sucesso dos assuntos ali discutidos, sendo um encontro em que se reforçou o grupo que “*a priori*, era pequeno” (SGARBI, 2010, p. 6).

Para Claudius a decisão em ir em frente com os objetivos propostos em relação às crianças e aos adolescentes, requeria do grupo uma proposta, eminentemente, desafiadora.

Provamos que somos capazes de organizar um evento desse porte com poucos recursos e com muita imaginação e trabalho em comum. A resposta dos que vieram, foi maravilhosa. Foram dias em que o Rio de Janeiro contribuiu, vestindo-se de cidade maravilhosa, deslumbrando participantes nacionais e estrangeiros. Os conferencistas foram de alto nível e os temas debatidos abrangeram todas as questões que se referem à mídia de qualidade para crianças e adolescentes, sem concessões (SGARBI, 2010, p. 7).

No propósito de buscar transformações, afirma que “a próxima cúpula será na África do Sul”, desse modo, os temas discutidos no Rio de Janeiro, serviriam como exemplo para as próximas discussões, buscando abranger desafios ainda maiores, possibilitando aprofundar as questões já debatidas, introduzindo outras específicas do continente africano,

A cúpula brasileira colocou em pauta questões que não faziam parte das preocupações de quem iniciou o movimento. Agora fazem. Introduzimos nossa ginga, nosso axé, nosso borogodó e toda uma série de problemas que são nossos problemas, do mundo real, de quem vive abaixo do Equador. Vão ter que nos engolir. A cúpula africana continuará aprofundando essas questões e o movimento nunca mais será o mesmo (SGARBI, 2010, p. 8).

Quando questionado sobre os problemas que enfrenta a educação brasileira, Claudius infere que os culpados do ensino ser tão questionado é uma responsabilidade em que “todos têm uma parcela de culpa e todos são,

ao mesmo tempo, e de certa forma, vítimas de um sistema” (SGARBI, 2010, p. 9). E vai mais além:

O que quero dizer é que deve acontecer profundas mudanças na escola, nos métodos de ensinar, na maneira como se organiza e se perpetua a descoberta e a transmissão do conhecimento. Acho que a escola não é responsabilidade apenas dos gestores e das autoridades. A escola deve ser o que a sociedade exigir e precisar que ela seja. E isso não é algo que se tira magicamente da manga: exige trabalho, mobilização, discussão. Exige que se coloquem em questão falsas certezas, que se tenha uma visão de que país queremos ter, que futuro para nossos filhos e netos. Temos de ter uma utopia, um horizonte, uma meta a alcançar. Sem isso, nada acontecerá (SGARBI, 2010, p. 9).

Assim, Sgarbi pondera sobre a obra *A vida na escola e a escola da vida* (1987), na qual os autores são determinantes ao afirmar que “são as crianças pobres que fracassam”, (SGARBI, 2010, p. 9) isto é, que essas são, em sua imensa maioria, excluídas da escola, sem qualquer qualificação ou diploma, sem ter aprendido algo suficiente útil para sua vida e seu trabalho. Praticamente, a única lição que os anos de escola ensinam a estas crianças é a de se considerarem a si mesmas como inferiores as outras que tiveram êxito.

Claudius compreende que “na realidade, muita coisa mudou, embora a situação básica permaneça. É um paradoxo. Mas a escola enfrenta hoje desafios, ainda, maiores do que os que tradicionalmente as colocavam em xeque” (Ibidem, p. 9). Para ele, os desafios que a escola precisa enfrentar demandam considerar a presença das novas tecnologias na escola, buscando entender como os alunos aprendem e porquê não aprendem.

A educação vem sendo assunto de pauta, não apenas dos educadores, mas de muitos outros profissionais que se situam nas ciências humanas. Sabe-se que na escola há a presença de grande número de profissionais, tais como: psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, dentistas, dentre outros “profissionais, que veem na escola uma possibilidade de transformar a sociedade”. Foi a partir da inserção de diferentes campos profissionais na escola que se desenvolveram pesquisas relacionadas, entre

outros aspectos, ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos relacionados ao contexto socioeconômico em que vivem estas crianças. Nesse sentido, entendemos a colocação feita por Claudius quando se refere a questões biológicas do ser humano, inferindo que,

Sabe-se bem que o cérebro funciona de determinada maneira e que a fome atinge grave e talvez, definitivamente, as crianças pobres e tantas coisas mais que, no entanto, não chegam a ser uma alavanca de mudanças para a escola (SGARBI, 2010, p. 9).

O processo de autoavaliação do método utilizado pelos educadores deve servir para provocar um estímulo às mudanças, às quebras de paradigmas, isto é, um processo que retire o profissional de sua zona de conforto e coloque-o frente a novos desafios. Claudius afirma, então, que,

Na metodologia descrita nos mestres *da mudança*, parte-se de uma análise da situação concreta de cada escola e não de propostas abstratas a serem aplicáveis a todos. É dessa análise que vão sendo construídos os instrumentos que permitirão que os atores locais se apoderem de uma metodologia que os ajudará a superar as questões que impedem que essa escola desempenhe bem o seu papel. Dito isso, é claro que se parte de pressupostos teóricos, como o construtivismo, e de visões generosas, como a educação como prática da liberdade, de Paulo Freire (SGARBI, 2010, p. 10).

Paulo Sgarbi ao agradecer a oportunidade da conversa, aproveita o ensejo para referir-se a esta circunstância como um momento importante para debater assuntos que, por muitos, são esquecidos. Para tanto, tal discussão revela ações efetivas que buscam melhores condições à educação brasileira. O entrevistador corrobora afirmando sobre a seriedade dessa discussão e a importância da 4ª Cúpula Mundial:

Mais do que isso, contribuindo de maneiras concretas: no CECIP, produzindo material didático de qualidade e formando educadores e agentes sociais; na 4ª cúpula mundial de mídia para crianças e adolescentes, participando ativamente da organização e trazendo à discussão temas da maior importância, como o empenho que os países do hemisfério sul estão tendo para ampliar o debate (SGARBI, 2010, p. 11).

No entanto, torna-se necessário denotar o compromisso social de todos, pois como menciona Freire “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 29).

Notamos que o desenho de humor é defendido por Claudius como uma peça importante de seus projetos de educação, por isso a possibilidade de enxergar na charge sua ideologia, seus posicionamentos diante de uma sociedade excludente. A charge, por sua vez, representa pela grafia dos traços, fatos conhecidos pelo público leitor, ou seja, usa de personagens reais para fazer refletir, ironizar e rir. O que torna prazerosa é a mensagem não ter regras para a linguagem, pois ela permite o uso do verbal e do não verbal. Quando há o predomínio do não verbal os detalhes específicos de cada personagem precisam se destacar para bem circunscrever o contexto.

Sua relevância se destaca, justamente, pelo humor que culmina na crítica, pensada e elaborada ao público leitor. Desse modo, o contexto da charge utiliza de mecanismos atraentes, pois demonstra ao leitor um fato carregado de imagens e tonalidades, com personagens que têm sentimentos expressados pelos traços artísticos do caricaturista. Portanto, a charge conduz o assunto tratado, por mais sério que possa parecer, a um viés sarcástico, humorado e irônico.

O recurso da charge se destaca, sobretudo, nas páginas de jornais, divertindo o leitor com as críticas, por vezes, concisas, em outras, densas. Por se expressar em um pequeno espaço, sua leitura é, por vezes, escolhida pelo leitor, pois tem a conotação de “fácil” compreensão.

Conceitualmente há diferenças entre charge, cartuns, caricatura e ilustrações, os quais se aproximam muito, por isso buscaremos conhecê-las a fim de contextualizar o uso dessas nomenclaturas.

De maneira sintética essas nomenclaturas são desenhos característicos vistos pelos leitores como uma forma reverenciada de tratar assuntos que, em geral, dizem respeito aos interesses sociais em seus diferentes aspectos. Porém, veremos a seguir que os mesmos possuem definições aproximadas, embora com características próprias.

O cartum representa desenhos com ou sem legendas, apresentando ao leitor uma possibilidade a mais de refletir sobre determinados assuntos da esfera social. Em síntese, são desenhos que representam de forma geral um assunto específico de maneira engraçada (PETRINI, 2012, p. 46).

Segundo Petrini (2012), o termo charge tem origem em carga, carregar ou exagerar que é proveniente do francês “charger” que remete a críticas as pessoas, situações ou acontecimentos, sejam reais ou imaginários, portanto, sinônimo de caricatura.

Diante disso, verifica-se que a função da charge é criticar um personagem ou um acontecimento social, evidenciando o humor em muitos momentos com críticas agudas. No que se refere à contextualização da temática, ressalta-se que,

Embora possua características específicas, não podemos pensar a charge como um texto isolado, sem relação com outros textos, que aparecem não só no próprio jornal, mas também fora dele. (...) Isso dá o leitor a possibilidade de relacioná-los e, até mesmo, usar esses outros textos para auxiliar na interpretação da charge (ROMUALDO, 2000, p. 6).

A expressão caricatura carrega um significado amplo, pois abrange uma série de representações: história em quadrinhos, cartuns, tiras, etc. O vocábulo cartum é oriundo do inglês *cartoon*, que usava do desenho em cartão para transmitir mensagens engraçadas (PETRINI, 2012, p. 43).

Pedro Corrêa do Lago (1999), destaca que as definições de caricatura e charge muito se aproximam, pois as mesmas provêm do francês e que significam “carga”. No entanto, suas diferenças se restringem ao contexto em que são elencadas, como um meio jornalístico de cunho político-cultural, por exemplo. Infere, ainda, que a primeira charge publicada no Brasil é atribuída à Araújo Porto Alegre, sendo caracterizada como uma sátira política e a partir daí a charge conquistou e animou seu público, com lugar distinto na imprensa.

Verifica-se que as charges políticas são as que mais exigem do leitor, pois sua apreensão depende da noção que o mesmo tem sobre os

acontecimentos políticos e econômicos ocorridos no Brasil e no mundo. A leitura por meio da charge força o leitor à compreensão e à reflexão sobre temas polêmicos da sociedade, ao mesmo tempo em que propicia um momento prazeroso de leitura. Se pensarmos na emergência dos estudos políticos para a compreensão das imagens como fonte histórica, depreende-se que:

A recuperação do prestígio dos estudos políticos entre a historiografia recente tem sido possível, em grande medida, devido à renovação das abordagens. Não tem havido, obviamente, uma volta pura e simples do velho enfoque 'positivista', marcado por uma perspectiva elitista e factualista. Tal como se deu em outros setores da disciplina histórica a renovação foi viabilizada, em grande medida, pela incorporação de elaborações teóricas e metodológicas das ciências sociais (MOTTA, 1996, p. 92).

Motta (1996) aponta para a história política por meio de duas vertentes de pesquisa: uma linha constituída pela renovação dos enfoques, como organizações estatais, instituições e movimentos políticos, com a contribuição da ciência política e da sociologia política, as quais buscam superar a velha abordagem política. Outra vertente baseia-se em novos enfoques com a exploração de novos objetos, desconhecidos pelas análises políticas clássicas. Isso nos remete a fazer uma aproximação com as charges do livro *Brasil Vivo* que usa, exatamente dessa abordagem para produzir a história do Brasil.

Podemos entender que todas as obras anunciadas remetem a uma discussão complexa e que eleva o caráter dos objetivos de Claudius referente às condições reais da sociedade brasileira, a qual é colocada em pauta e que dá margem a outras possíveis compreensões.

Portanto, a charge que significa carga, se define no exagero dos traços no intuito de caracterizar alguém ou algum assunto polêmico. É uma maneira de ilustração que usa a caricatura de acontecimentos atuais e é muito comum encontrar charges com críticas políticas ao momento vivido, por isso, provoca humor e, a partir dele, a reflexão.

Sírio Possenti argumenta que “a charge é completamente incompreensível se não se fornece um conjunto de informações” necessárias

para que o leitor possa se situar no contexto real da crítica (POSSENTI, 2009, p. 226). Desse modo, é pensada por meio de seu sistema gráfico com legendas, por vezes, curtas e bem humoradas para atrair o leitor.

[...] a charge é um texto visual desenhado e, enquanto tal, possui algumas características comuns a todos os desenhos. O seu caráter icônico, na sua totalidade, pode ser convertido a formas mais reduzidas, a elementos gráficos mínimos como o ponto, as linhas (verticais, horizontais, curvas, sinuosas – regulares e irregulares –, quebradas e mistas), e as massas (superfícies escuras ou hachuras), que variam de intensidade e podem assumir as mais diversas formas (ROMUALDO, 2000, p. 22 - 23).

Tais características, são importantes para a produção de um discurso imagético que temos entre outros temas, aborda questões econômicas, e políticas que respondem aos inúmeros problemas sociais.

As ideias, os valores, as visões do mundo são articuladas em função do modo pelo qual os seres humanos estão ligados socialmente. As imagens decorrem dos mitos sociais, referem-se o tempo todo a modelos culturais engendrados por uma sociedade organizada a partir de princípios bem definidos (FREIRE, et al., 1983, p. 118).

Percebe-se a relevância da charge ao observar a explicação realizada por Brandão (2004), na qual o discurso imagético inerente apresenta-se por meio de uma dualidade que é característica da linguagem e que considera a organização social vigente, com suas normas e regras, intrínsecas a um padrão social, estabelecido pelo próprio homem. Visto assim, através do discurso é possível reconhecer no sujeito sua ideologia, sua compreensão de mundo e suas crenças.

É muito recorrente no que se refere à charge o reconhecimento do que está dito e do subentendido no contexto em que se discorre o assunto, sendo ele um desafio ao leitor por sua necessidade de compreensão. Por isso, as charges podem apresentar diferentes possibilidades de entendimento, em síntese, torna-se necessário considerar a abrangência do conhecimento de mundo do leitor.

Por conseguinte, entendemos a profícua atuação de Claudius para o

desenvolvimento histórico e educacional, relacionado a seu contexto (intelectual) a uma corrente teórica que resultou em exitosos projetos de alfabetização desenvolvidos na Europa e África. Desse modo, embora protagonista, Paulo Freire não atuou sozinho, contou com a perseverança e o trabalho de pessoas como Claudius e tantos outros que contribuíram para o desenvolvimento dos projetos sociais, voltados à realidade dos países em que atuaram.

Para tanto, se torna necessário contextualizar o papel da linguagem as circunstâncias reais de conflitos e de jogos ideológicos, mas que ao mesmo tempo se caracteriza como mediadora do homem na sociedade, como um mecanismo de interação do homem social. Ao mesmo tempo em que usamos do discurso para iniciar um conflito, usamos dele para solucionar os inúmeros conflitos da vida.

O fato de Claudius ter sido um dos fundadores do IDAC em Genebra e secretário executivo no CECIP é que nos impulsionou a mostrar de forma mais detalhada sua trajetória de vida e os projetos de um homem que continua lutando por um país melhor, por uma educação que transforme os cidadãos, assumindo responsabilidades com os seres humanos.

Desse modo, as discussões realizadas por Claudius se preocupam em mudar a mentalidade das pessoas, dando possibilidades de compreender cada sujeito intrínseco à sua cultura, inerente a um mundo que vem passando por diferentes mudanças em sua história.

Salientamos que as obras e projetos de Claudius se voltam à educação de modo a instruir os sujeitos a uma vida cidadã. De fato, de acordo com sua história de vida, não podemos inseri-lo diretamente na educação formal, mas, sim na educação não formal e informal promovida por parcerias que trouxeram resultados satisfatórios e, no que tange à educação informal, uma inequívoca preocupação e ações voltadas à formação social e política do sujeito.

Portanto, desde o IDAC, a grande inovação era, então, o uso de vídeos e imagens, os quais tiveram grande aceitação do público brasileiro, pois como cartunista, Claudius usou do desenho de humor para transmitir

conhecimento, fomentar reflexões e fazer rir seus leitores.

Utilizar outros mecanismos para explicar a realidade, simboliza a criatividade de sujeitos comprometidos com seu papel de educadores que buscam e oferecem possibilidades de instruir e conscientizar o outro, por isso que “o uso dessas imagens na educação, seja para criticá-la, ou para transmitir algo de inovador, representa uma arma a mais nas mãos de educadores e alunos” (SGARBI, p. 4).

Para Ceccon (2000), torna-se imprescindível o sujeito saber ler o mundo, por meio das imagens, buscando nelas o que está explícito e o que está oculto nos traços. Isso significa inferir sobre a importância atribuída às charges, evidenciadas sob uma perspectiva política emancipatória do ser humano.

Apesar do uso de tecnologias ganharem ênfase, ressaltamos que a mesma técnica que contribui para o ensino exclui e marginaliza aqueles que não têm acesso a tecnologias que impulsionariam a aquisição de conhecimento e informação.

Assim sendo, as charges de Claudius fazem da comunicação o elemento chave para a construção da consciência cidadã. Para isso, na produção chárstica busca recorrentemente informar a população quanto aos direitos e deveres relacionados à cidadania.

A proposta evidenciada por Claudius em seus livros não se resume em adotar uma didática única, capaz de abranger todas as escolas e todas as realidades, mas é uma possibilidade a mais de refletir sobre a escola a partir de uma “metodologia participativa”, contextualizando a escola frente as suas necessidades e peculiaridades.

Nas discussões em que a charge aparece como suporte da história política, constata-se que não há como compreendê-la sem considerar o contexto em que ela se insere. No entanto, é importante destacar que esse contexto se refere diretamente à cultura política de cada lugar. Para tanto, nos valem da definição de cultura explicitada por Motta, o qual aponta que,

A definição conceitual de cultura é extremamente polêmica. Mesmo entre os antropólogos, cuja contribuição nesta área é

extremamente valorosa, não há consenso quanto ao estabelecimento do significado do conceito. Contudo, para nossos fins, optamos por lançar mão de uma definição que, mesmo não sendo consensual, é pelo menos a mais corrente entre os estudos etnológicos. Cultura, então, seria o conjunto complexo constituído pela linguagem, comportamento, valores, crenças, representações e tradições partilhados por determinado grupo humano e que lhe conferem uma identidade (MOTTA, 1996, p. 93).

No que se refere à teoria da cultura, Ribeiro (1995), contribui inferindo que,

Faltava ainda uma teoria da cultura, capaz de dar conta da nossa realidade, em que o saber erudito é tantas vezes espúrio e o não saber popular alcança, contrastantemente, atitudes críticas, mobilizando consciências para movimentos profundos de reordenação social (RIBEIRO, 1995, p. 16).

Por sua vez, o discurso desenvolvido pela charge oculta sua complexidade, pois, *a priori*, demanda algo que, em geral, é direcionado às crianças para iniciar sua vida como leitor, primeiro por meio de gibis que frequentemente transitam pela sociedade, por serem considerados de fácil compreensão, devido aos traços característicos dos desenhos, e depois por livros que se utilizam de texto escrito seguido de ilustrações.

Nesse sentido, a discussão das obras de Claudius traz propostas em discutir a história brasileira por meio de uma linguagem acessível e voltada a diferentes públicos. Seu objetivo principal é o de propor discussão e reflexão sobre um projeto do país, uma democracia tenha a superação da desigualdade social como uma das principais bandeiras.

A produção de Claudius produz ainda um discurso contra-hegemônico à imagem do brasileiro como ser apolítico, financeiramente dependente e submisso, invertendo essa construção, ele coloca o povo como protagonista na história brasileira.

Ao tratar do discurso inerente à linguagem chágica, percebemos a desatenção de alguns educadores ao lançar mãos dos gibis ou charges dos livros como uma leitura de fácil compreensão, pois o discurso além de se apresentar na forma verbal apresenta a ilustração, em muitos casos, carregada da subjetividade dos personagens. Isso se remete ao fato de não

nos darmos conta do nível de complexidade implícito nos traços característicos das ilustrações e do fato da intenção do autor ao publicar seu desenho.

A caricatura, por sua vez, se constitui pelo exagero intencional dos traços característicos dos personagens usados pelo artista para destacar a condição humana e, ainda, por mais obscuro que seja a realidade apresentada, é possível achar graça. A caricatura como característica única se destaca pelo abuso proposital dos traços fenotípicos [...] que “desvela ligações, nexos, associações que até aquele momento eram apenas implícitas” [...] (FREIRE, et al., 1983, p. 120).

Uma caricatura, forma particular de desenho de humor, pode revelar aspectos dissimulados no personagem caricaturado. O desenho de humor incomoda porque pode falar com irreverência de pessoas, não enquanto indivíduos, mas enquanto portadores de dogmas morais, representantes de instituições e coisas que são cercadas por uma ‘seriedade’ que as torna intocáveis, exigindo um tal respeito que seus pés de barro só podem ser mostrados por via indireta (FREIRE, et al., 1983, p. 120)

A caricatura é um desenho que caracteriza um personagem real do cenário político ou artístico. Desse modo, sua característica principal é o exagero das formas nos indivíduos. Nesse sentido, a charge e a caricatura se aproximam muito e ambas usam do humor para estabelecer a crítica, para tanto a charge e a caricatura possuem características próprias de um fato específico.

Ao falar em leitura nos remetemos, naturalmente, a textos escritos, no entanto buscamos superar as formas tradicionais de leitura e ensino, considerando que as imagens transmitem mensagens, informações e possibilitam criticar os mais diferentes aspectos da vida social. Ao se referir à imagem, destacamos que no contexto da constituição do IDAC, em Genebra, por exemplo, inseriu-se uma nova forma de comunicação:

Para essa tarefa de comunicação escolheu-se o desenho de humor. Por que de humor? Porque permite que se represente visualmente elementos que originalmente se

encontram isolados, camuflados, que são diferentes entre si, contraditórios. ((FREIRE, et al., 1983, p. 109).

Ao nos referir ao professor como motivador do diálogo e do conhecimento nos detemos, especificamente, aos estudos realizados por Paulo Freire e sua equipe, não somente no IDAC, mas também, e especialmente, no Brasil. Por esse motivo é importante que o professor seja o motivador do diálogo com seus alunos a medida que possibilite mostrar a leitura de imagens. Ceccon (1983) lembra que além do leitor “o desenho de humor exige de quem entra em contato com ele, uma participação, um esforço de decodificação” [...] (FREIRE, et al., 1983, p. 109). Desse modo, as imagens realizadas por um autor têm seus objetivos e intenções sistematizadas.

O autor é o organizador de uma informação que existe em estado bruto, informação essa que foi recolhida, elaborada e devolvida. Quem a recebe não o faz passivamente. A informação é reelaborada por quem passa a ser, a partir daquele momento, co-autor (FREIRE, et al., 1983, p. 109).

Nesse pressuposto, a mensagem repassada pelo desenho de humor depende da forma como o leitor percebe a realidade e se não há esta contrapartida do leitor, o desenho precisa ter detalhes suficientes para possibilitar o entendimento e, tão logo, a crítica.

Diferentemente, o *cartoon* se constitui por traços gráficos que não se utiliza de personagens preexistentes, nem necessariamente de fatos reais. O autor, sem limitações prévias adentra ao meio fantasioso para abordar determinados temas.

O *cartoon* tem origem da palavra italiana "cartone" que significa pedaço de papel. Caracterizado como um desenho de humor que retrata acontecimentos da sociedade, ele pode ou não acompanhar a legenda. Os assuntos variam e são ligados a temas atemporais e universais, tais como felicidade, paz, amor, educação, etc.

Brandão (1985) explica que Freire utilizou-se de um método de ensino, o qual aplicou na alfabetização de adultos antes do golpe civil-militar de

1964. Antes que Freire iniciasse seu projeto de alfabetização, buscou levantar dados que contextualizasse o universo vocabular do local onde atuaria, isto é, as palavras mais utilizadas pelas pessoas naquele contexto seriam, então, as palavras geradoras, as quais dariam elementos para estruturar a discussão em torno da realidade daquela gente. Estes, por sua vez, remetiam às imagens do objeto apresentado pelo código.

Portanto, na gênese do método Paulo Freire, ao pensarmos nas palavras geradoras, a visualização de imagens já era uma prerrogativa. Por sua vez, a reflexão sobre a política, em suas diferentes nuances, também características do método, vão se encontrar presentes na produção chárstica de Claudius.

O debate a partir de palavras geradoras, motivadas e mediadas pelo professor leva o grupo a pensar junto sobre a realidade e como tal, as possíveis mudanças para superar os problemas encontrados nesse contexto. Nesse sentido, Brandão (1985) destaca a forma como Freire se utilizou das palavras geradoras para estruturar um debate mais profundo de politização do sujeito.

Palavra geradora: salário.

Ideias para discussão:

- a valorização do trabalho e a recompensa.
 - finalidade do salário: manutenção do trabalhador e de sua família.
 - o horário do trabalho segundo a lei.
 - o salário mínimo e o salário justo.
 - repouso semanal – férias – décimo terceiro mês [...]
- (BRANDÃO, 1985, p. 53)

Tais elementos de debate, segundo Brandão, ainda levam a “finalidades da conversa e encaminhamentos da conversa”, os quais além de alfabetizar os sujeitos, politizam e instruem ao mesmo tempo.

Um dos pressupostos do método é a ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor, dá pra pensar sem susto -, não pode ser imposta. Porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a auto-educação é um diálogo à distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não

possui nenhum (BRANDÃO, 1985, p. 22).

Dessa forma, Brandão (1985) destaca a importância do motivador de debates, pois é ele também quem dá a cada palavra seu peso necessário, e contextualiza a educação em que os sujeitos estão inseridos, mostrando, desse modo que nem o homem, nem somente a educação podem ser neutros.

A partir do levantamento das 'palavras' a pesquisa descobre as pistas de um mundo imediato, pelo repertório dos símbolos configurado através dos quais os educandos passam para as etapas seguintes do aprendizado coletivo e solidário de uma dupla leitura: a da *realidade social* que se vive e a da *palavra escrita* que a reproduz (BRANDÃO, 1985, p. 27).

A educação referida por Paulo Freire e afirmada por Brandão (1985) é destacada por um ensino-aprendizagem, na qual todos aprendem juntos, sem a formalização de que o professor é o sujeito que sabe e o aluno aquele que espera os conhecimentos trazidos pelo professor. Em síntese, as discussões acerca da educação destacada por Freire consideram o sujeito inerente ao contexto histórico social.

Assim, escolhemos o gênero charge para analisar uma das especialidades de Claudius Ceccon, e que é abordado como foco principal deste estudo a partir de sua biografia. Nesse contexto, nas obras selecionadas foram analisadas as charges e caricaturas exclusivas de Claudius relacionadas em grande parte ao conteúdo verbal.

O objetivo da análise das charges nesse estudo é mostrar como o autor se valeu da arte nas obras para explicar seu conhecimento acerca de determinados aspectos da vida social, bem como para produzir críticas a acontecimentos polêmicos da política, destacando, por fim, a riqueza do gênero textual chágico atrelado ao humor que envolve o leitor, convidando-o à leitura e à reflexão. Para tanto, a visão do leitor diante da crítica realizada na charge é importante para as interpretações dos dados apresentados e dos personagens retratados, pois,

La mirada constituye un acto fundamental en las interpretaciones de las personas y también en los personajes dibujados. Es cierto que a veces su dirección, e incluso su función, pueden ser superfluos para la comprensión de la historia o de la psicología de los personajes por parte del lector (GASCA; GUBERN, 2011, p. 163).

Abaixo seguem as charges selecionadas do livro didático *Brasil Vivo* juntamente com a explicação acerca do contexto histórico em que cada imagem está inserida.



FIGURA 4

A crítica refere-se a um português devidamente caracterizado que sufoca uma galinha questionando com a seguinte frase: “Como é que é?! Vamos logo com esse ovo!”.

O jeito era descontar no Brasil, sua ‘galinha de ovos de ouro’, impostos, taxas, proibições e monopólio. Quem gostava? Até os proprietários de terras e de escravos começaram a reclamar do ‘espantoso cativo’ (ALENCAR; RIBEIRO; CECCON, 1992, p. 73).

Os autores contextualizam suas críticas à exploração europeia em relação ao Brasil, destacando o descontentamento dos brasileiros desse período com a chegada dos portugueses. Porém, na charge a seguir, Claudius

demonstra a imaturidade dos brasileiros que ao se deparar com a família real no Brasil, organizaram-se em filas para saudar D. João VI. Essa saudação se deu como ato de reverência através da cerimônia do beija mão, pois os personagens presentes eram para os brasileiros algo inédito.

Nesta charge, Ceccon (1992), ilustra ainda D. João VI com seu exagero alimentar. Os autores continuam destacando que um brasileiro ao beijar a mão de D. João:



FIGURA 5

Como é penoso beijar as mãos do príncipe-regente: seus dedos estão sempre gordurosos...mesmo assim, a fila é comprida. Um rei no Brasil, quem já viu?

- Pois o príncipe porcalhão é tão católico que quer imitar os frades: banho só na Páscoa e no Natal! Graceja um dos que esperam a vez na cerimônia do beija-mão (ALENCAR; RIBEIRO; CECCON, 1992, p. 73).

A essa concepção compreende-se que por muitos anos do século passado, o frango era um alimento de luxo e, portanto, expressa a gula do personagem que apesar de “fino” era guloso. Por sua vez, a imagem do glutão como representativo das elites é recorrente. Produz-se a ideia da sanha pela comida como voracidade pelas riquezas produzidas socialmente.

Percebemos, então, que nesse texto a proposta em compreender a história de nosso país relacionada a outros países requer um esforço maior, pois, até o momento, a história tradicional pautava-se em heróis da história oficial, no entanto a proposta evidenciada por Claudius é colocar outros heróis em foco. Outra estratégia é a de ridicularizar as elites dominantes, ou de representá-las em suas diferentes metamorfoses, como nas transições políticas, como a que afasta o Imperador e sua corte e coloca o grande latifundiário e a Igreja como aliada em seu lugar.



FIGURA 6

De acordo com os autores do *Brasil Vivo*, entende-se que o objetivo da obra incita o leitor ao olhar crítico, possibilitando refletir por meio da história e de suas ilustrações, os quais buscam demonstrar a submissão dos brasileiros em relação aos portugueses.

O povo brasileiro pagou, historicamente, um preço terrivelmente alto em lutas das mais cruentas de que se tem registro na história, sem conseguir sair, através delas, da situação de dependência e opressão em que vive e peleja (RIBEIRO, 1995, p. 25).

No que se refere à identidade latino-americana, notamos um povo descontente com a situação econômica, social e política. No entanto, o Brasil tem melhorado sua economia, mas as circunstâncias que envolvem a política brasileira levam os brasileiros à insatisfação.

Dentre as causas da insatisfação, algumas são políticas, mas têm peso decisivo as econômico-sociais. A grande maioria considera que os problemas vinculados à pobreza têm piorado. A população se refere a carências de oportunidades de trabalho, de acesso à saúde e à educação de boa qualidade, à incerteza no trabalho, a baixos salários. A esses pontos são agregados temas como o aumento da corrupção, a delinquência e o tráfico de drogas. Além disso, as pessoas expressam que sentem que essa é uma região onde existem grandes desigualdades, encontrando-se, por isso, fortemente ressentidas (KLIKSBURG, 2000, p. 3).

A sociedade tem consciência sobre, por exemplo, a política desonesta e nefasta que permeia o contexto político, mas se enxerga sob sua individualidade, a qual o coloca cada vez mais distante das reais capacidades e possibilidades que o homem tem de se libertar dessas estruturas.

Evidentemente, ao subjugar a democracia do ponto de vista social, nota-se um posicionamento maciçamente favorável, pois para a sociedade é melhor a pior democracia, que uma ditadura que persegue, tortura e mata. Sabemos que o mais recente acontecimento histórico-político que marcou a história brasileira foi à ditadura civil-militar (1964-1985), contexto no qual Claudius aborda e critica em suas charges.

Nessa perspectiva é que se encontra uma das justificativas para caracterizar o povo latino americano: uma sociedade que, grosso modo, é fruto da união de índios, portugueses e africanos. Os brasileiros que aqui viviam foram desdenhosamente reprimidos pelo domínio europeu. O ponto de convergência dessa discussão abeira uma defesa aos brasileiros no sentido de um povo ordeiro, mas que muito já lutou para realização de suas conquistas, sejam elas sociais, políticas, econômicas ou educacionais.

Na charge abaixo, Claudius demonstra a hierarquia socioeconômica existente no Brasil colonial, na qual a Igreja se constitui no topo dessa pirâmide sendo, desse modo, sustentada por seus inferiores e ao mesmo tempo, além de amparada a Igreja determina como a sociedade deve se comportar.

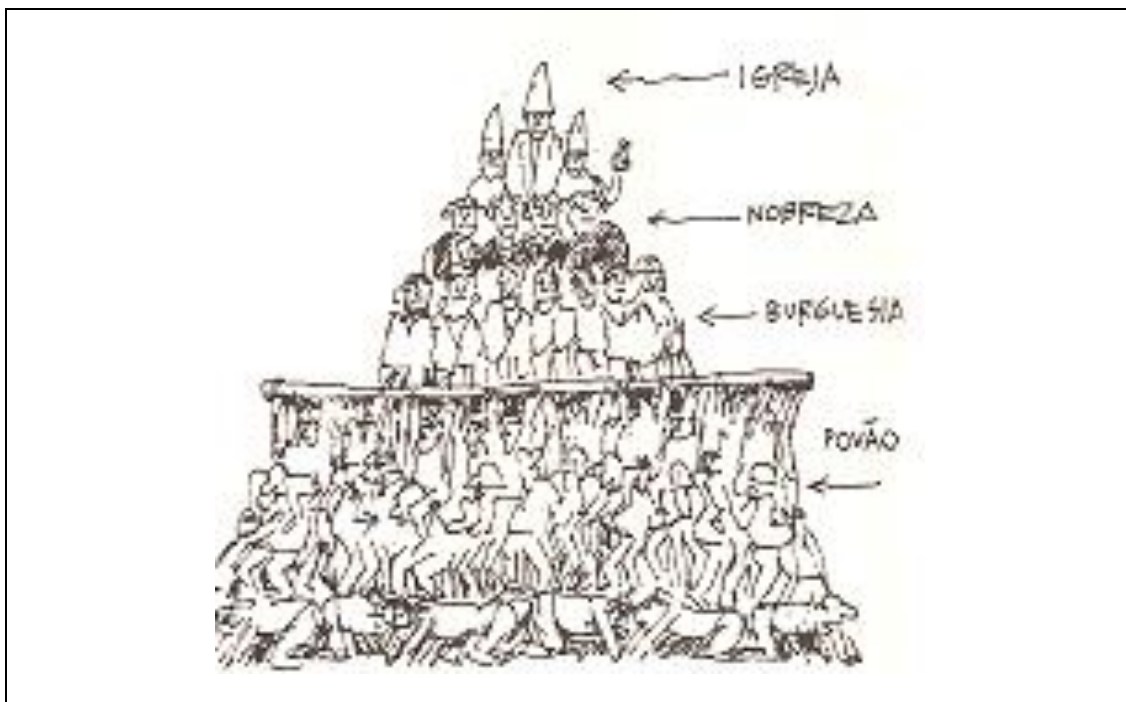


FIGURA 7

A imagem é destacada pelos autores acerca de questionamentos durante o período da Idade Média, momento no qual as nomenclaturas “igreja, nobreza, burguesia e povão” tinham significados claros e específicos. A ilustração deixa claro o sofrimento das classes populares para manter seus “superiores”, por meio de sua mão de obra para sustentar o ócio da igreja, da nobreza e da burguesia. A imagem é questionadora, causa reflexão no leitor, pois qual é o argumento que faz com que tantos obedeçam a tão poucos?

A busca dos europeus por novos territórios os fizeram chegar ao Brasil, no entanto, o objetivo era encontrar às Índias. Para tanto, ao avistar terra firme ao longo do mar, após tanto tempo de viagem tiveram, então, uma imensa satisfação.

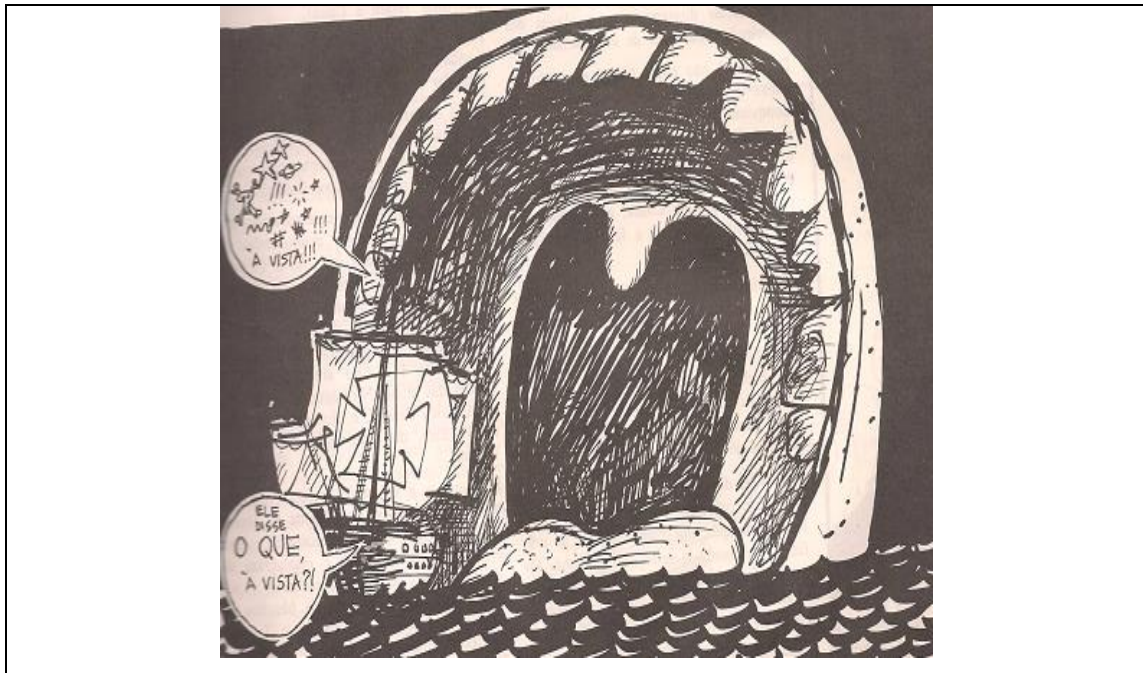


FIGURA 8

Claudius ilustra o Brasil de 1500, através da charge de uma boca. As características desse desenho se mostram inerte a espera de observadores que vêm se aproximando para verificar o que o local possuía de mais valioso.

Nada que os índios tinham ou faziam foi visto com qualquer apreço, senão eles próprios, como objeto diverso de gozo e como fazedores do que não entendiam, produtores do que não consumiam. O invasor, ao contrário, vinha com as mãos cheias e as naus abarrotadas de machados, facas, facões, canivetes, tesouras, espelhos e, também, miçangas cristalizadas em cores opalinas (RIBEIRO, 1995, p. 48).



FIGURA 9

Assim, os povos que aqui viviam foram destruídos devido a resistência à chegada dos europeus, pois houve o choque de interesses e de culturas e, desse modo, a cultura indígena sofreu desvalorização total culminando com a vida de muitos. Vemos isso claramente pela charge acima que descreve a quantidade de pessoas existentes antes da chegada europeia e a quantidade que restou quando da publicação do livro didático em 1992.

As características dos portugueses nas charges de Claudius conotam o figurativo desfalque que sofreu o país em sua colonização, sua ênfase se dá sob a prerrogativa econômica de sempre lucrar, da forma que lhes convir.

Os colonizadores portugueses consideravam-se os únicos donos do Brasil. E viram logo que para ocupá-lo tinham que dominar seus habitantes. Para eles estes nativos não passavam de 'bárbaros' e 'selvagens'. Ser diferente era ser inferior (ALENCAR; RIBEIRO; CECCON, 1992, p. 14).



FIGURA 10



FIGURA 11

No que se refere à chegada dos europeus em terras brasileiras Ribeiro (1995) corrobora com o conteúdo apresentado no *Brasil Vivo*, inferindo que,

Frente à invasão europeia, os índios defenderam até o limite possível seu modo de ser e de viver. Sobre tudo depois de perderem as ilusões dos primeiros contatos pacíficos, quando

perceberam que a submissão ao invasor representava sua desumanização como bestas de carga (RIBEIRO, 1995, p. 49).

Ao índio restou o espanto em ver estranhos direcionando-lhes armas e imposições, tendo desse modo que se despir de sua cultura e acatar determinações rigorosas e agressivas dos visitantes.

El asombro se expresa en los cómic mediante unas reacciones faciales muy características (ojos muy abiertos y a veces también la boca), pero sobre todo por un signo de admiración sobre la cabeza, que puede estar encapsulado en el interior de un globo. La contundencia ideogramática del signo de admiración disuelve toda posible ambigüedad o indeterminación en la situación mostrada (GASCA; GUBERN, 2011, p. 36).

A figura do europeu é destacada por Claudius com ilustrações figurativas: chapéu, calça, casaco e botas: um estilo de “verdadeiro herói”, sem contar o bigode que os caracterizavam como homens de palavra, porém transmite, também, a imagem sarcástica de caloteiros e espertos, atribuídos com inúmeras vantagens frente ao povo daqui. Os portugueses possuíam objetivos claros em busca de novas riquezas, por isso a sua chegada se restringe, grosso modo, a violências, repressões e mortes em massa, que ocorreram sem tentativa de diálogo.

Seria errôneo pensar que, enquanto índios se opuseram à escravidão, os negros a aceitaram passivamente. Fugas individuais ou em massa, agressões contra senhores, resistência cotidiana fizeram parte das relações entre senhores e escravos, desde os primeiros tempos. Os quilombos, ou seja, estabelecimentos de negros que escapavam à escravidão pela fuga e recompunham no Brasil formas de organização social semelhantes às africanas, existiram às centenas no Brasil colonial (FAUSTO, 1996, p. 30).

As características físicas dos índios e principalmente dos negros eram, de fato, de uma robustez tamanha que colocava medo nos portugueses, como representa a charge a seguir.



FIGURA 12

Devido à força necessária para realização dos trabalhos braçais, os negros desenvolviam vigorosamente a massa muscular do corpo, uma vez que sua própria genética tendia-o a ser sujeito forte. As características físicas dos negros podem ser consideradas como um dos motivos pelos quais não houve diálogo entre europeus, índios e negros. Por isso, a violência foi tida como estratégia preliminar.

Ao abordar a temática da Independência do Brasil, Claudius representa por meio da história contada que, às margens do Ipiranga, D. Pedro I montado em um cavalo formalizou a independência em relação a Portugal, gritando: “Independência, ou morte!” No entanto, quando imaginamos que a figura ressaltará D. Pedro I, a imagem destaca o cavalo com as seguintes características: forte, bonito e imenso em relação a D. Pedro I as margens do Ipiranga se oculta na imagem.



FIGURA 13

Sua figura diante do animal de guerra é minúscula, diante também do acontecimento que marcou a história de nosso país. Outra estratégia de Claudius é a de se valer de um personagem, como alguém do povo, mais crítico, que faz observações sobre a cena. No que se refere a heróis vemos que,

Los héroes gozan de una gran centralidad en el imaginario colectivo y su iconografía en los cómics figura entre las más interesantes de su nutrido repertorio de estereotipos aventureros. Su etimología griega (herós) lo designaba como semidiós, por ser hijo de un dios o de una diosa y de un sujeto mortal (GASCA; GUBERN, 2011, p. 49).

As críticas oriundas do livro *Brasil Vivo* se destacam, também, e com bastante frequência, por se voltarem a representação divina, advindos dos preceitos medievais, os quais eram muito respeitados pelo povo. Além disso, esta representação era muito temida e era muito comum não se discordar da “vontade divina”, expressa por Claudius como manipulação da Igreja para com seus fiéis.



FIGURA 14

A charge expressa um rei que conversa com a autoridade dos céus, ou seja, valendo-se da premissa do projeto divino que lhe deu autoridade sobre todas as outras pessoas. Percebemos, entretanto, que todas as charges apresentadas se caracterizam e usam do humor para criticar a história tradicional, inferindo assim a crítica por meio outro viés de análise que provem da nova história.

O livro *Brasil Vivo* se apresenta em cores pretas e brancas, com e sem o uso do verbal nas charges, se apresenta, também, com o exagero das formas que destaca o tom persuasivo da crítica. A obra, além de apresentar um contexto diferenciado de críticas ao conteúdo apresentado, demonstra que existem muitos historiadores que estão aderindo a algumas premissas da nova história para recontar a mesma história e que os autores que dela se ocupam ratificam que por meio do humor é divertido e fácil aprender.

No que se refere ao contexto educacional, as charges são determinantes no sentido de destacar o ensino tradicional utilizado no período em destaque.

Tal foi o alto plano jesuítico que regeu e ordenou a colonização. Um somatório de violência mortal, de intolerância, prepotência e ganância. Todas as qualidades mais vis se conjugaram para compor o programa civilizador de Nóbrega.

Aplicado a ferro e fogo por Mem de Sá, esse programa levou o desespero e a destruição a cerca de trezentas aldeias indígenas na costa brasileira do século XVI (RIBEIRO, 1995, p. 51).

A ilustração se utiliza da metáfora de um papagaio representando o aprendiz (aluno) que reproduz o conhecimento apresentado pelo professor. Já a figura do professor é destacada como alguém que determina, dá ordens apontando com uma mão e com a outra no bolso remete a ideia de tranquilidade. A segunda imagem remete a ideia do ensino por meio da palmatória, com agressões físicas e coercitivas.

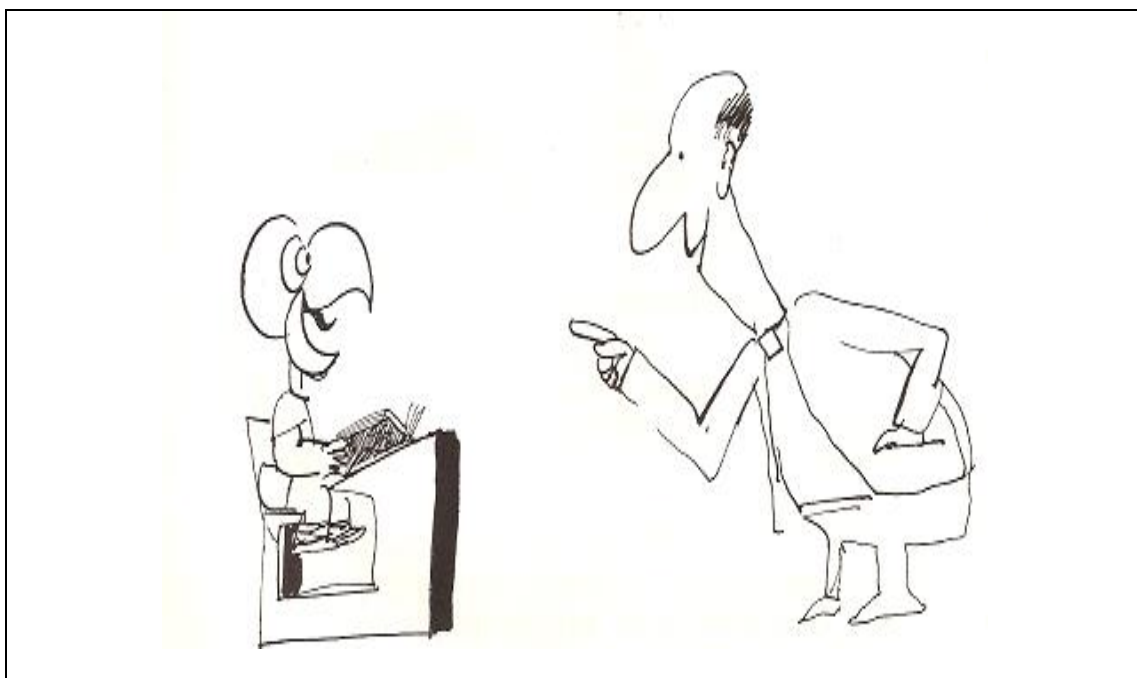


FIGURA 15



FIGURA 16

A formação educacional inferida por Alencar e Ribeiro e ilustrada por Claudius (1992), direciona uma crítica à educação tradicional, na qual o professor é o centro do processo e o castigo físico é um elemento central. Na charge a seguir há um aluno com o certificado de conclusão em mãos, porém, apresentam também as marcas de violências ocorridas nesse processo de ensino, como o inchaço provocado palmatória.

El dolor traumático producido por un golpe ofrece en los cómics su primer índice visible en el chichón, una prominencia exageradamente abultada que delata el lugar de la construcción. Es normal que este traumatismo se le anadan signos tales como las estrellas (derivadas de la expression coloquial, ver las estrellas, motivadas por los brillantes fosfeno que se perciben al golpear los ojos), o líneas circulares sobre la cabeza indicativas del mareo y otros sensogramas funcionales. El dolor de muelas se expresa inevitablemente con un pañuelo atado en torno a las mandíbulas del sujeto (GASCA; GUBERN, 2011, p. 43).



FIGURA 17

Posteriormente, os autores de *Brasil Vivo* passam do sistema educacional para a chegada dos europeus no Brasil e a forma como se relacionaram com os índios. As charges enfatizam as intenções dos portugueses em relação ao Brasil.

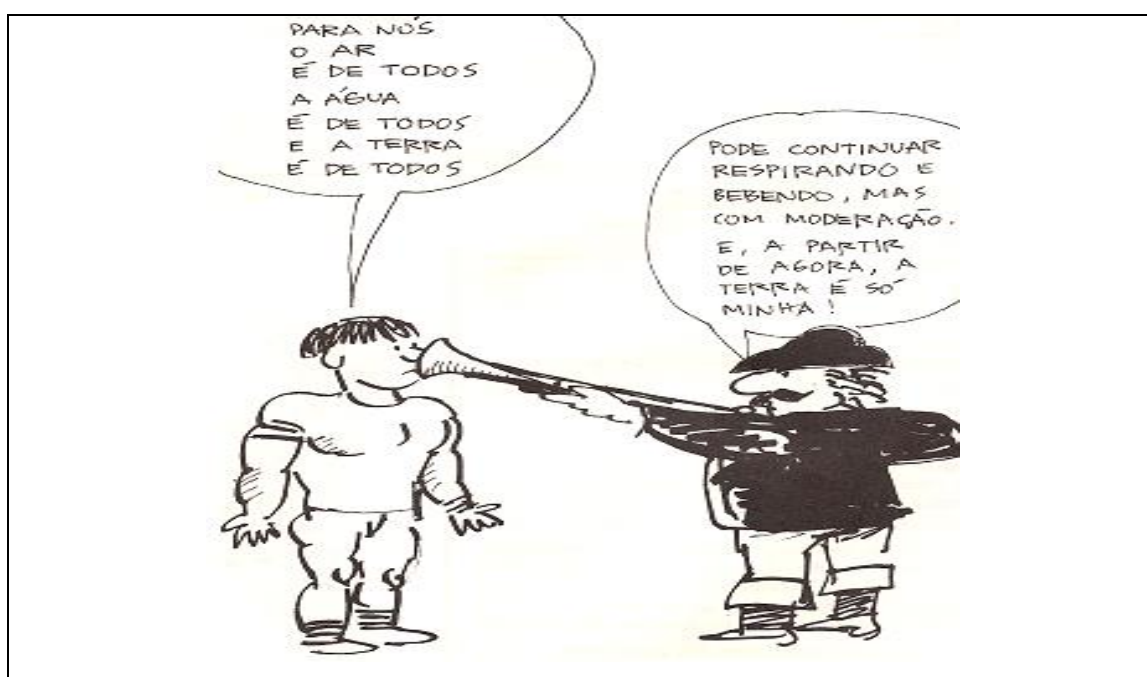


FIGURA 18

A seguir passaremos a observar as charges da obra *Vivendo e Aprendendo Experiências do IDAC em educação popular* de autoria de Paulo Freire, Miguel Darcy de Oliveira, Rosiska Darcy de Oliveira e Claudius Ceccon.

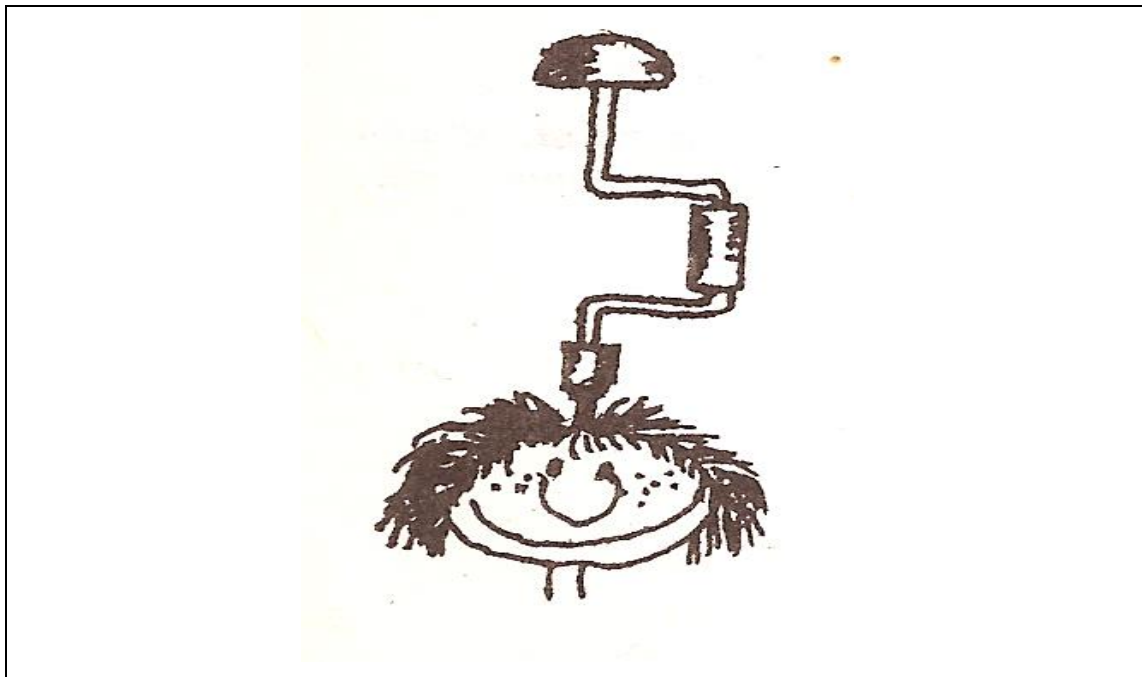


FIGURA 19

A temática dessa obra enfatiza os problemas encontrados pela sociedade no aspecto educacional e principalmente as críticas ao processo de ensino. A impressão que Claudius nos transmite com a arte de ilustrar na imagem acima remete a uma criança que está sob o domínio de alguém. Este domínio requer considerar o amordaçamento de suas práticas no que tange sua vida social. Portanto, o indivíduo é enquadrado a partir das necessidades do capital, sendo ele flexível para atender a demanda, quando criança na escola e quando adulto na fábrica. Se pensarmos por outro aspecto, a criança tem seu crânio perfurado para que o conhecimento seja ali depositado, como bem caracteriza a crítica de Paulo Freire à educação bancária.

A charge seguinte expressa um sujeito que vende sua força de trabalho para sobrevivência, mas que é explorado ao máximo no tocante as condições de trabalho e horas trabalhadas. Além disso, os donos das fábricas usavam desse argumento da sobrevivência para explorar cada vez mais os trabalhadores que são representados por traços característicos de quem está à margem de uma vida digna. Destaca-se, entretanto, que o contexto dessa

ilustração se remete as reivindicações realizadas na Itália e que é discutida por Miguel Darcy de Oliveira.

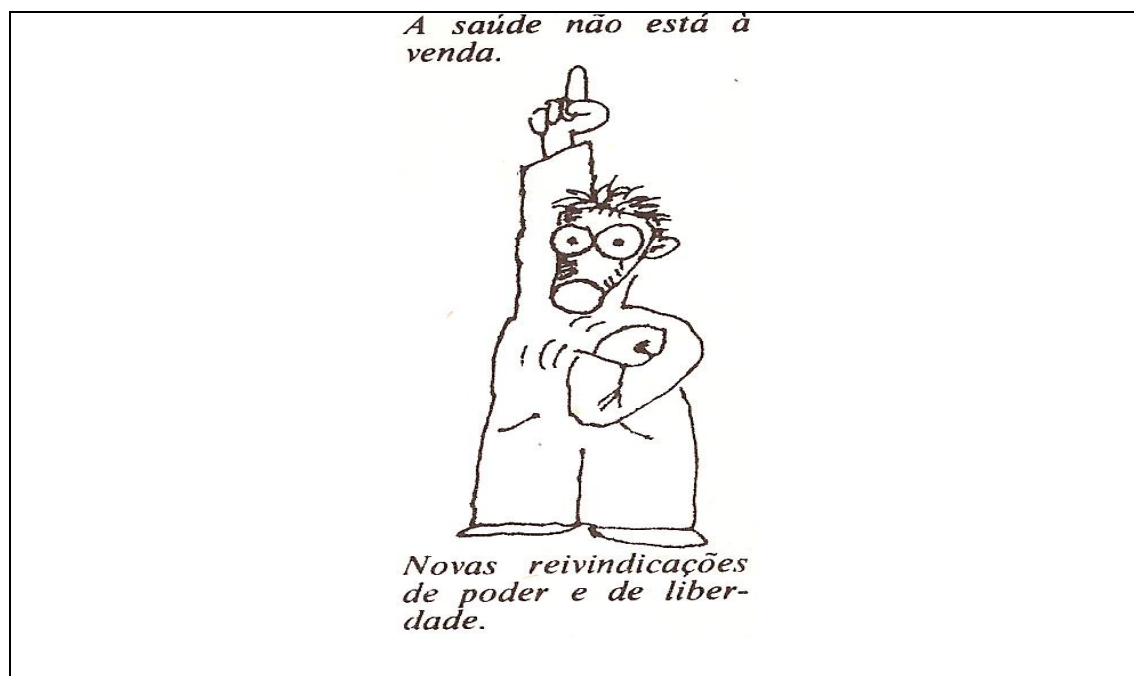


FIGURA 20

Nas charges abaixo, os autores tratam do contexto escolar, destacando as críticas direcionadas à escola e as reivindicações realizadas por meio dela. A representação da educação escolar como um funil é recorrente na produção imagética, sendo também usada para descrever o vestibular. Por outro lado, o funil representa todas as agruras inerentes à escola e externas a ela e que impõem um sistema educativo elitista.

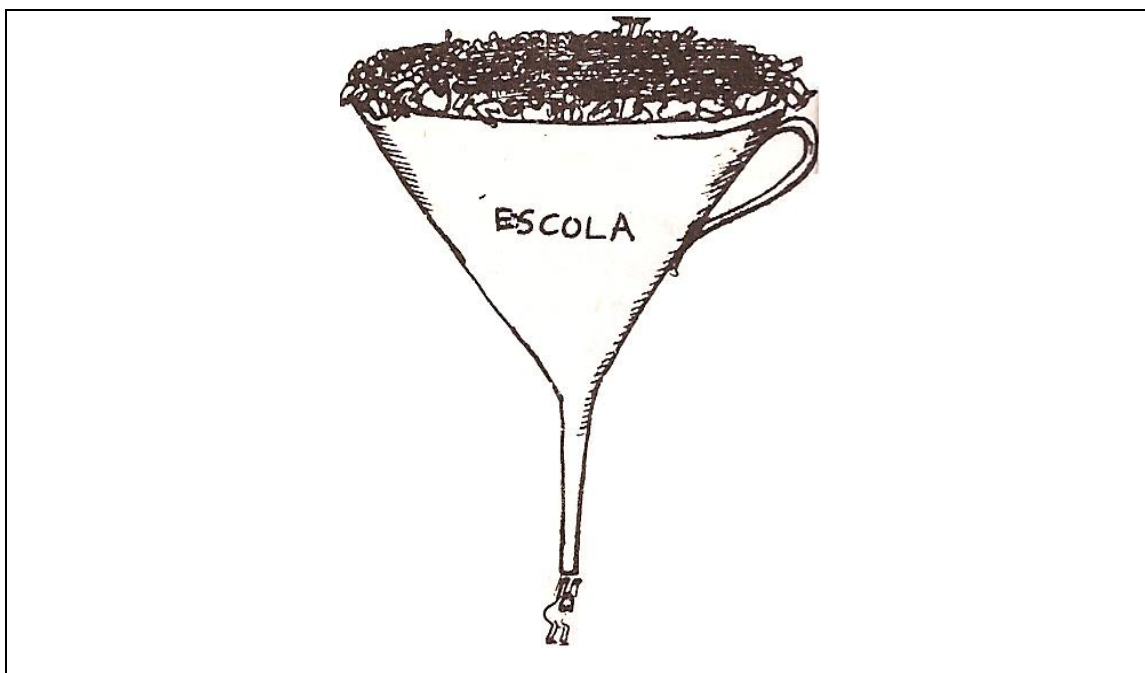


FIGURA 21

De fato, quase 70% deles no norte do país e mais de 80% nas regiões meridionais haviam sido excluídos da escola sem ter completado os anos de escolaridade obrigatória a que todos têm direito (e que correspondem aproximadamente ao nível ginásial no Brasil, e sem haver obtido qualquer diploma ou qualificação (FREIRE, et. al, 1983, p. 18)



FIGURA 22

Por sua vez, esta imagem revela a ironia dos traços representando o trabalhador em busca de formação para a música, ao mesmo tempo em que se apresentava como operário da fábrica, com uniforme e ferramenta para o desenvolvimento da sua função.

Esta charge representa o modo como a escola cumpre com seu papel na sociedade, no qual o acesso até a instituição de ensino se realiza com maior êxito que os anos anteriores ao período de 1980. Porém, dos muitos que têm acesso, poucos chegam à qualificação de um ensino digno, e aqueles que conseguem chegar, certamente, não fazem parte da classe desfavorecida socialmente.

A charge expressa críticas aos donos das fábricas, os quais não permitiam que os funcionários estudassem. Os mesmos argumentavam que liberariam para formação se a instrução fosse relativa à área de conhecimento da função, a qual o funcionário desempenhava na fábrica. O sindicato dos trabalhadores favoreceu os trabalhadores e, portanto, se contrapôs aos interesses dos patrões.

Apesar das lutas e reivindicações no campo do trabalho, o sujeito explorado nos mais diferentes aspectos, sofre as adequações e é manipulado pelo processo de divisão do trabalho que o torna uma engrenagem da grande peça que produz mais valia com sua produção. No entanto, devemos considerar que a necessidade de sobrevivência faz com que o sujeito “deixe-se” moldar para atender à demanda “necessária”. As charges a seguir representam os sujeitos sendo radicalmente modelados (com expressão facial de dor) por seus superiores que apresentam expressão de satisfação e *ethos* social bem caracterizado.

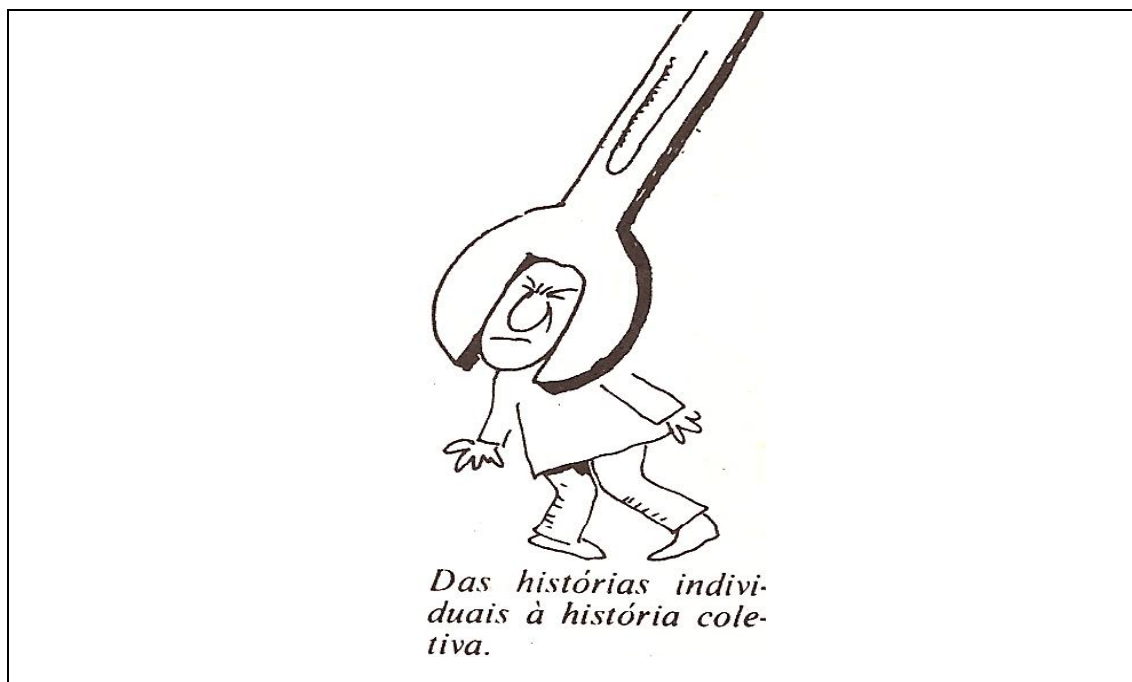


FIGURA 23



FIGURA 24

Na imagem acima, novamente a ideia da pirâmide social é utilizada, podendo ser interpretada como a representação social dos trabalhadores e expondo a divisão entre trabalho intelectual e manual.

Outra temática enfatizada na obra se refere ao preconceito existente em relação ao papel da mulher na sociedade, expressando suas dificuldades e suas lutas. Desse modo, a presença feminina é minimizada pela sociedade que a vê, traduzindo-a como dona de casa, servindo ao marido que, cansado do trabalho, trata a mulher como funcionária do lar, atribuindo-a funções ditas como “próprias da mulher”. Sem direito à instrução escolar, a mulher é mais uma peça da engrenagem do capital que é representada nas charges com a integração de elementos verbais e visuais:



FIGURA 25

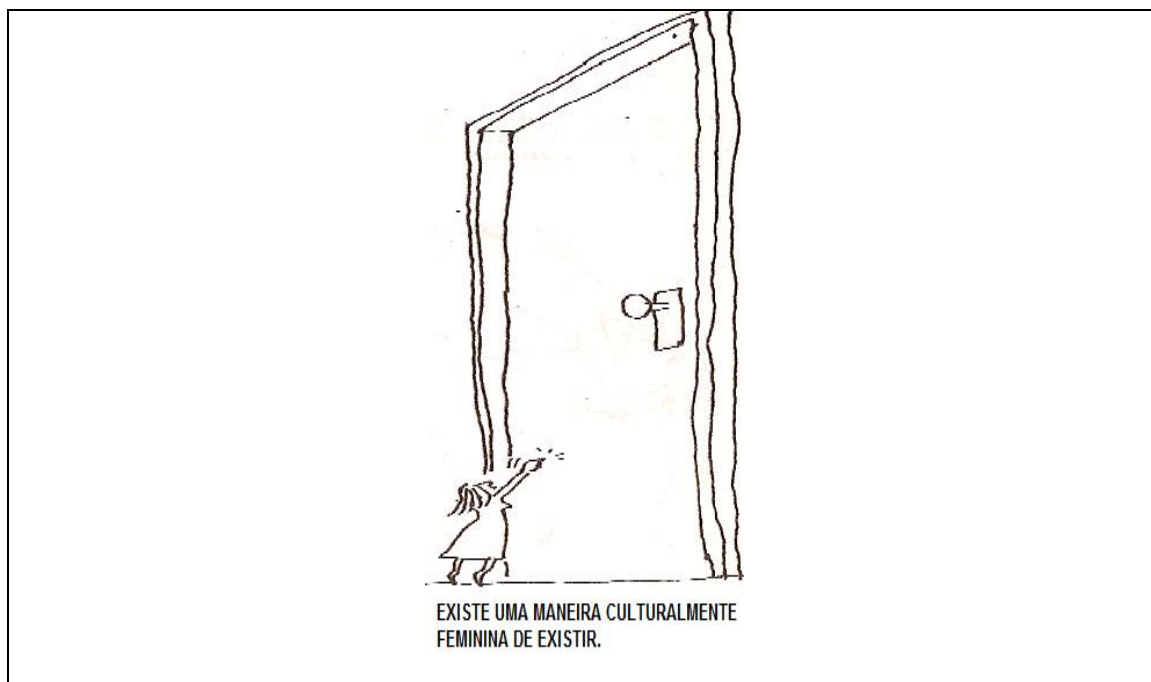


FIGURA 26



FIGURA 27



FIGURA 28

Na última figura a representação das figuras 26 e 27 é substituída por uma mulher que se coloca contra os papéis sexuais tradicionais. O movimento do vestido e dos cabelos representam os ventos da mudança e a consciência feminina.

Torna-se importante destacar que as charges apresentadas neste estudo, não se esgotam nestas discussões, nem mesmo neste número de ilustrações. A obra tem uma discussão muito pertinente ao nosso contexto e que muito chama a atenção dos leitores, pois se o leitor não se entusiasma com uma crítica verbal, atrelada a si, há outro viés para reflexão. Para tanto, é possível inferir que a obra permite várias interpretações e sugere uma série de questionamentos, desse modo, sua leitura é de extrema importância.

A obra *A vida na escola e a escola da vida* de autoria de Claudius Ceccon, Miguel Darcy de Oliveira e Rosiska Darcy de Oliveira, apresentando desde o início elementos verbais e visuais para facilitar a compreensão do leitor sobre as seguintes problematizações da escola:

- Ninguém está contente com a escola; as expectativas, promessas e realidade da escola; de quem é a culpa pelo fracasso dos mais pobres?;

Quanto aos mecanismos internos da escola, se ela não serve à maioria, ela precisa ser mudada.

Além da discussão evidenciada no texto, a obra destaca imagens questionadoras acerca da educação na sociedade contemporânea, ou como se dá a interação entre ambas, buscando enfatizar os responsáveis pelo ensino, atribuído de forma sarcástica, humorada e criticamente condensada contra os conceitos estabelecidos e estigmatizados por nossa cultura.

A temática abordada pelos autores de *A vida na escola e a escola da vida* trata de um tema central que se volta aos profissionais e ao público da educação, criticando a escola de maneira acentuada. Ressalta, desse modo, que “ninguém está contente com a escola, todo mundo vive se queixando da escola” (CECCON; OLIVEIRA, M.; OLIVEIRA, R., 1987, p. 11). Como aponta a charge a seguir:



FIGURA 29

Os sujeitos da charge expressam indignação, remetendo a culpa das mazelas educacionais aos outros, não tendo nenhuma resolução.

Pais, professores e alunos reclamam que ela não está funcionando como devia e que as coisas não podem continuar desse jeito. Mas cada um pensa que o culpado desse mau

funcionamento são sempre os outros. Daí que a discussão sobre a escola parece mais um coro em que cada um acusa o outro, cada um tem uma parte de razão, mas ninguém consegue se entender nem chegar à raiz do problema (CECCON; OLIVEIRA, M.; OLIVEIRA, R., 1987, p. 11).

A escola é o centro do debate, na qual se destacam as condições reais em que se encontram os alunos em seu processo de ensino-aprendizagem e esse processo, de fato preocupa sobremaneira os pais, pois, ao deixar os filhos nos espaços escolares, sentem-se inseguros com a qualidade da instituição, gerando insatisfação. Ao passo em que a culpa sempre é dos outros e “os pais também se sentem, eles próprios, meio culpados porque não são capazes de ajudar os filhos como gostariam [...]” (CECCON; OLIVEIRA, M.; OLIVEIRA, R. 1987, p. 12), o que faz com que haja um ciclo de frustrações.

Nesta discussão, assevera-se que a criança sente que a escola não foi feita para ela, pois compete a ela se redefinir como sujeito em meio as exigências realizadas pela escola, cujas especificidades se resumem a crianças que têm em sua família toda a estrutura esperada pela escola, por isso que esta discussão busca recorrentemente incitar uma educação emancipadora.

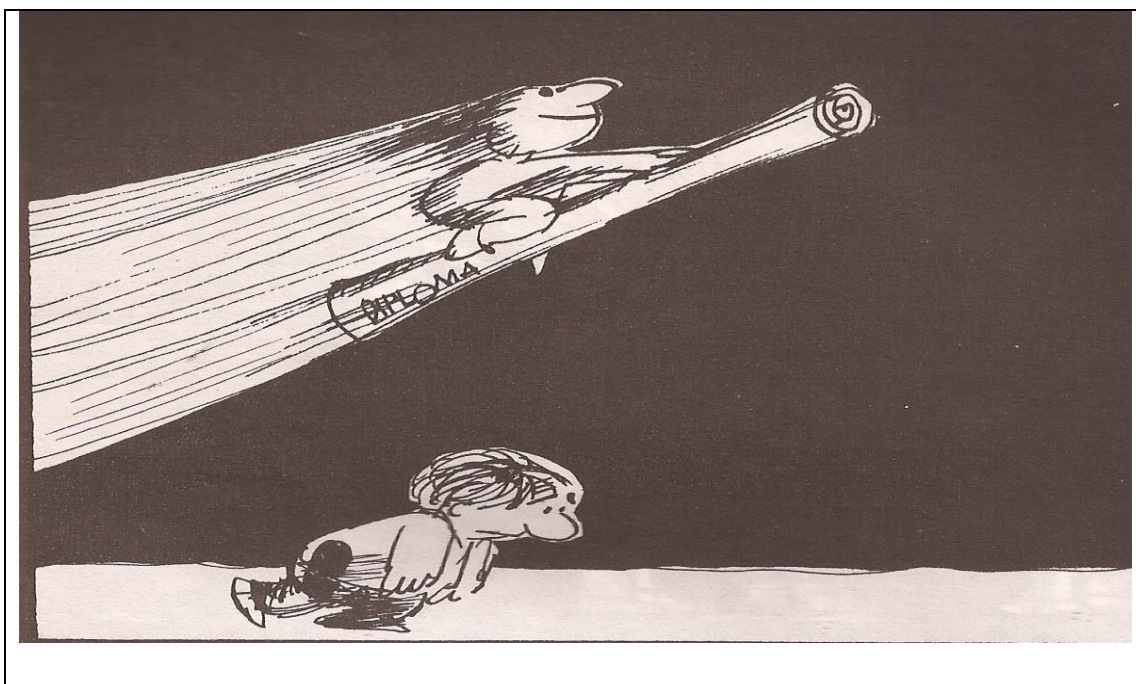
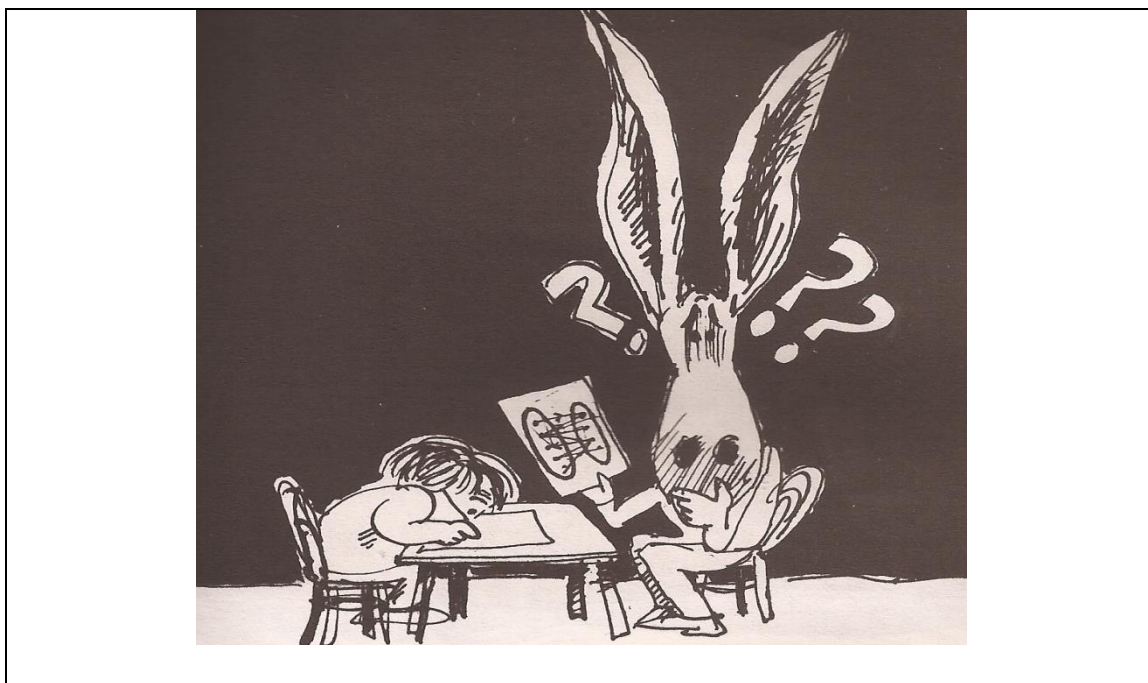


FIGURA 30

Denota-se que a minoria que a escola vem qualificando são aqueles que irão administrar (pensando, dirigindo, planejando e dando ordens) a maioria. Todavia, a escola se esquece de que seu principal papel que é o de dar instrução, qualificação, diplomação e emancipação ao sujeito visto que “[...] a escola produz muito mais fracassos do que sucessos, trata uns melhores do que outros e convencem os que fracassam de que fracassaram porque são inferiores (CECCON; OLIVEIRA, M.; OLIVEIRA, R., 1987, p. 23). A imagem anterior, portanto, representa os dois alunos produzidos por este sistema excludente,

**FIGURA 31**

No que concerne às dimensões legais, os autores deixam claro que a escola existe para todos, no entanto, durante muito tempo ela esteve reservada a uma pequena minoria, àqueles que possuíam condições econômicas favoráveis à atuação escolar. A representação do aluno com insucesso escolar é relacionada ao burro, aliás, estratégia pedagógica da educação tradicional que colocava orelhas de burro nos alunos.

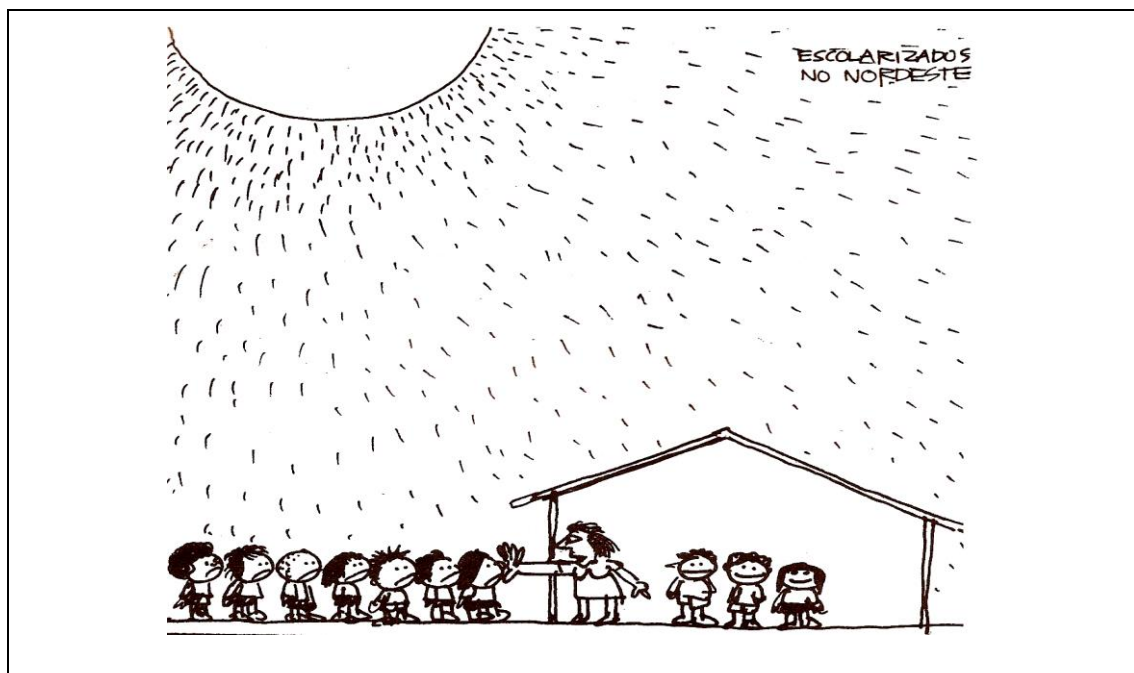


FIGURA 32

Assim sendo, a escola desmente todas as suas promessas de acesso e de igualdade ao seu público. Diante disso, percebemos que “a maneira como a escola está organizada é resultado da organização da sociedade em seu conjunto”, isto é, seu reflexo (CECCON; OLIVEIRA, M.; OLIVEIRA, R., 1987, p. 81).

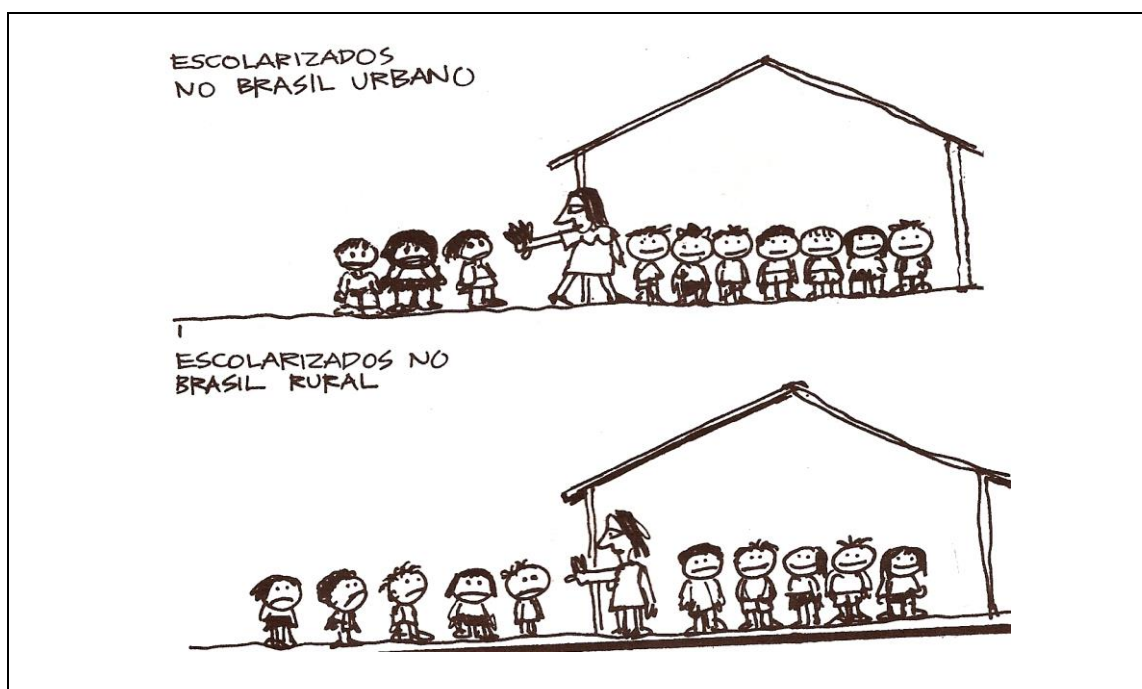


FIGURA 33

Das justificativas de fracasso da escola, uma das mais recorrentes é que “são as crianças pobres que fracassam”, repassando à família e ao sujeito a responsabilidade de não aprender o que os outros aprendem, “sobretudo, o professor continua a ver o fracasso escolar como um fato psicológico, como consequência de um problema individual próprio da criança que fracassa”, sem considerar sua realidade (CECCON; OLIVEIRA, M.; OLIVEIRA, R., 1987, p. 34). Com essa forma de atuação, a criança sai da escola levando consigo a marca da humilhação e do fracasso como demonstram as charges anteriores e as que se seguem.



FIGURA 34



FIGURA 35

Contrariamente ao que vimos discorrendo, as crianças da classe média têm na escola um prolongamento de sua casa, interagindo com sua bagagem cultural no conteúdo repassado pela escola, o que não ocorre com as crianças mais pobres, as quais têm na escola sua cultura desvalorizada. Freire (1996), chama atenção para as seguintes implicações:

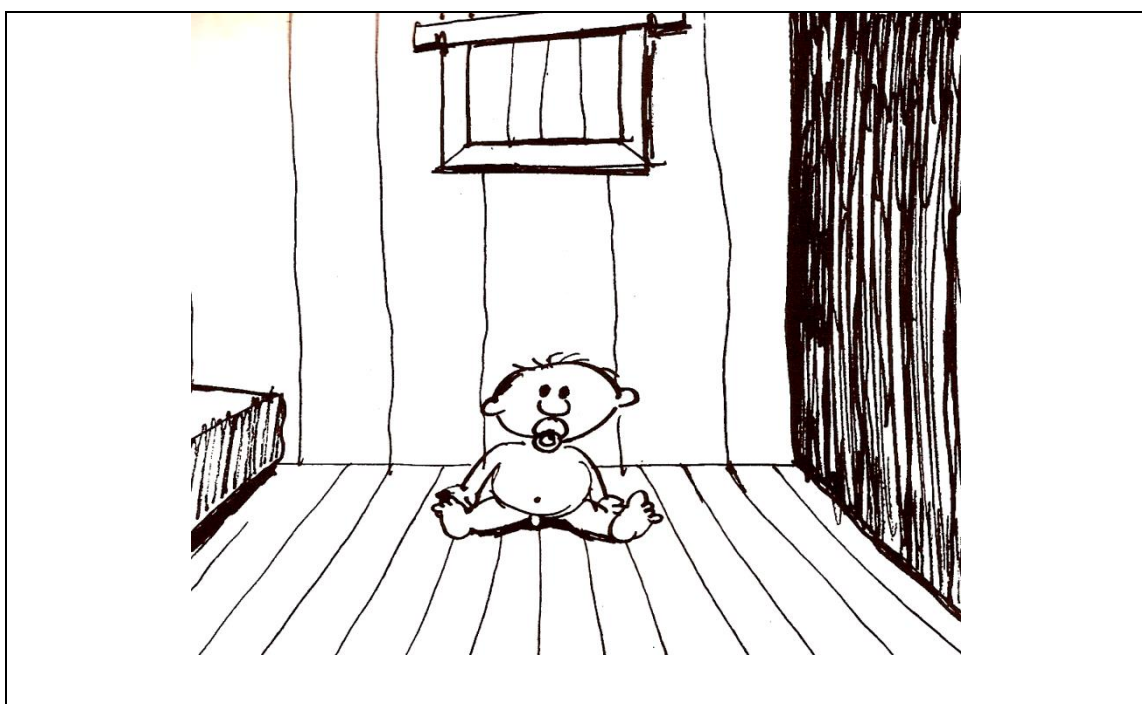


FIGURA 36

Na imagem acima, um retrato mordaz e verdadeiro da oferta da Educação Infantil como um lugar onde se guarda as crianças, não é à toa que em espanhol chamam-nas de “*guarderia*”.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? (FREIRE, 1996, p. 30).

O contexto histórico da criação da escola aponta para uma instituição em que participam satisfatoriamente aqueles que não precisam trabalhar, pois a escola atribui exigências que prescindem de tempo e condições para permanência. Como afirmam os autores “as crianças pobres são na maioria, excluídas da escola, sem qualquer qualificação ou diploma, sem ter aprendido nada de útil para sua vida” (CECCON; OLIVEIRA, M.; OLIVEIRA, R., 1987, p. 31).



FIGURA 37



FIGURA 38

Não de maneira proposital, a escola está estruturada para a classe média, sugerindo e reforçando que a classe trabalhadora precisa se adaptar a ela. Para que essa adaptação aconteça precisamos de políticas públicas que forneçam possibilidades de acesso e permanência na escola. Até que essas medidas não sejam tomadas as crianças pobres serão excluídas do saber universal, desmentindo, desse modo, o discurso de que a escola é democrática e para todos, pois nem mesmo a sociedade é verdadeiramente democrática, sendo a escola, sem sombra de dúvidas, resultado dessa forma de organização injusta e desigual.

Portanto, a figura 37, aponta para a necessidade de uma escola pensada para as classes populares e não uma instituição em que elas se adéquem. Por outro lado, demanda uma sociedade em que as crianças não tenham que trabalhar.

As duas imagens da figura 38 apontam duas questões opostas. Afinal se o material escolar gratuito foi um avanço, a aprovação automática pode ter contribuído ainda mais com a exclusão e a qualidade da escola.

A temática dessa discussão se caracteriza pelo cenário educativo de meados da década de 80, com uma abordagem polêmica, porém de maneira simples e atraente, por fazer uso de imagens que reforçam as críticas e a reflexão sobre a realidade da escola pública brasileira, bem como dos vários fatores que contribuem para o seu fracasso. No entanto, em muitos momentos da obra parece estarmos vivenciando-a na escola hoje apesar de retratar outro momento histórico.

Além do trabalho nos livros didáticos e no *Pasquim*, Claudius também se dedicou à literatura infantil. O livro *Menina bonita do laço de fita*²⁴ de autoria de Ana Maria Machado com as charges de Claudius inicia uma nova temática, verificada por meio do conteúdo de sua história e principalmente das imagens que a retrata. Apesar do racismo se tratar de um novo assunto para este estudo, vemos que a abordagem realizada por Ana Maria Machado repercute muito no interior da escola, bem como na sociedade, pois discute busca conscientizar os cidadãos desde a fase inicial escolar.

Como demonstra a ilustração abaixo, a história se desenvolve a partir de uma personagem negra, linda e encantadora o que se difere de histórias tradicionais, no qual “En el caso de los negros, la mirada boba, los gruesos labios y las locuciones ridiculizadas les han otorgado con frecuencia el aspecto de payasos” (GASCA; GUBERN, 2011, p. 56).

²⁴ A respeito do conteúdo da obra, destacamos que a mesma estará na íntegra em anexo.

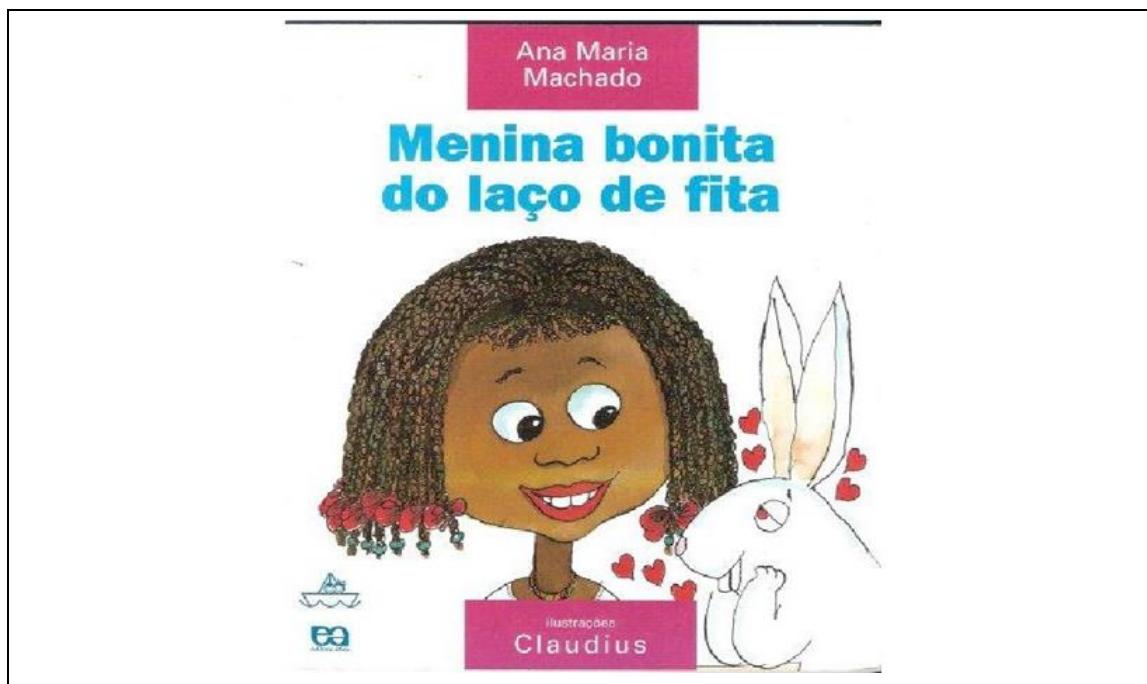


FIGURA 39

Claudius inicia sua representação gráfica na capa do livro que contrasta a personagem *Menina Bonita do laço de fita*, uma garotinha negra com seus cabelos trançados e amarrados com fitas coloridas, com um coelho branco e apaixonado. Sem preconceito, a história discorre diferente da vida real, na qual grande parte dos negros é discriminada.

Os traços da personagem *Menina bonita do laço de fita* se caracteriza pela beleza, atribuída à brasileira: mulata dos lábios grossos, cabelos cacheados, olhos grandes, corpo bem definido, sendo relacionada com um animal, uma pantera e suas características. Podemos perceber que nessa história a expressão facial da personagem é destacada, como percebemos que “Tan importante es su papel en la comunicación e interacción entre los individuos, que el rostro si convierte en un sustituto del individuo completo [...] (GASCA; GUBERN, 2011, p. 74). Bem como demonstra as charges abaixo:

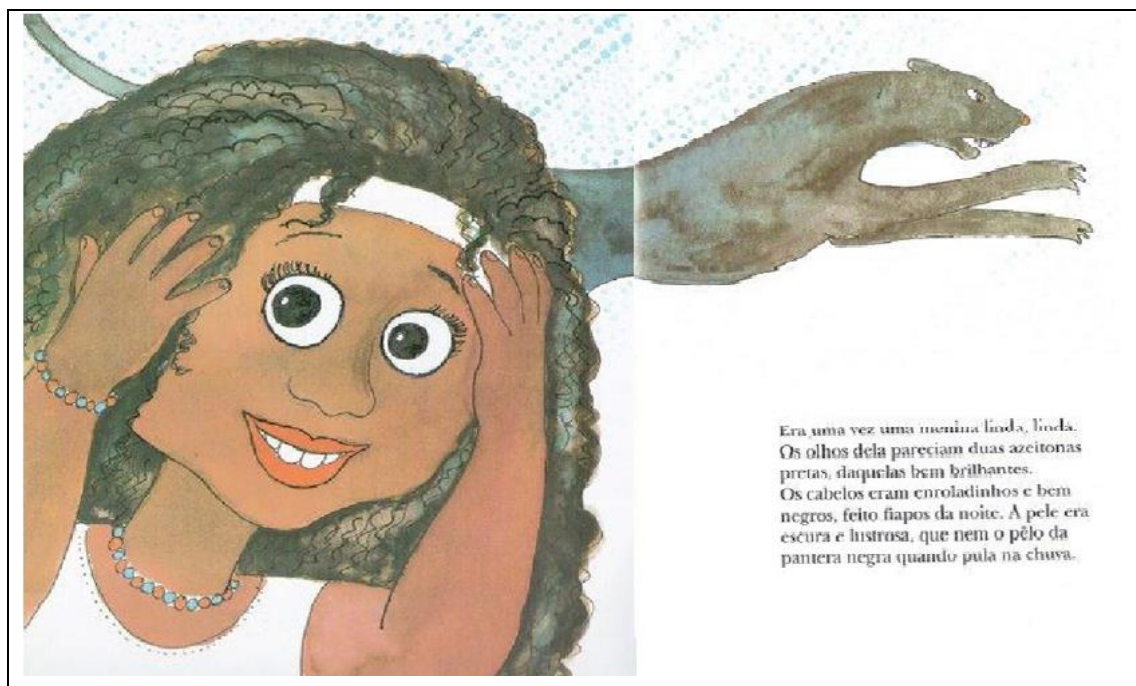


FIGURA 40

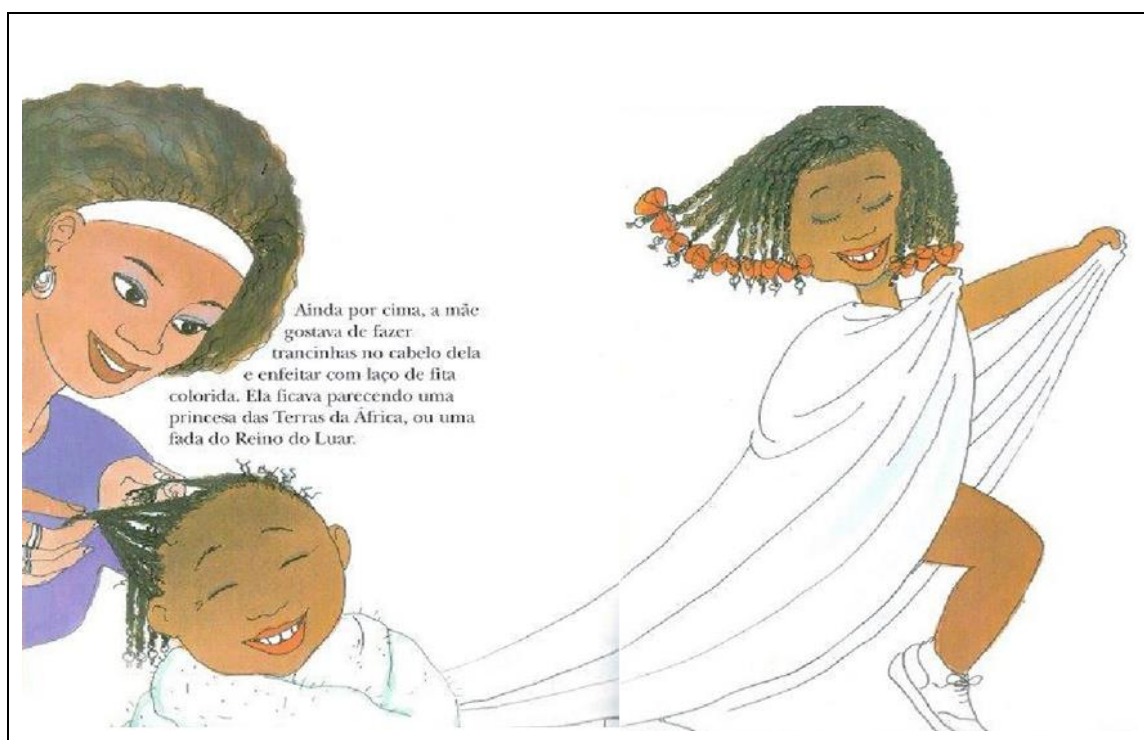


FIGURA 41

A obra foi produzida pela autora a partir da realidade brasileira que se constitui num universo de discriminações às pessoas afrodescendentes. A história é contada também pelas ilustrações que se revelam com práticas e

discursos que são produzidos e reproduzidos pela sociedade, na mídia, na escola e na vida.

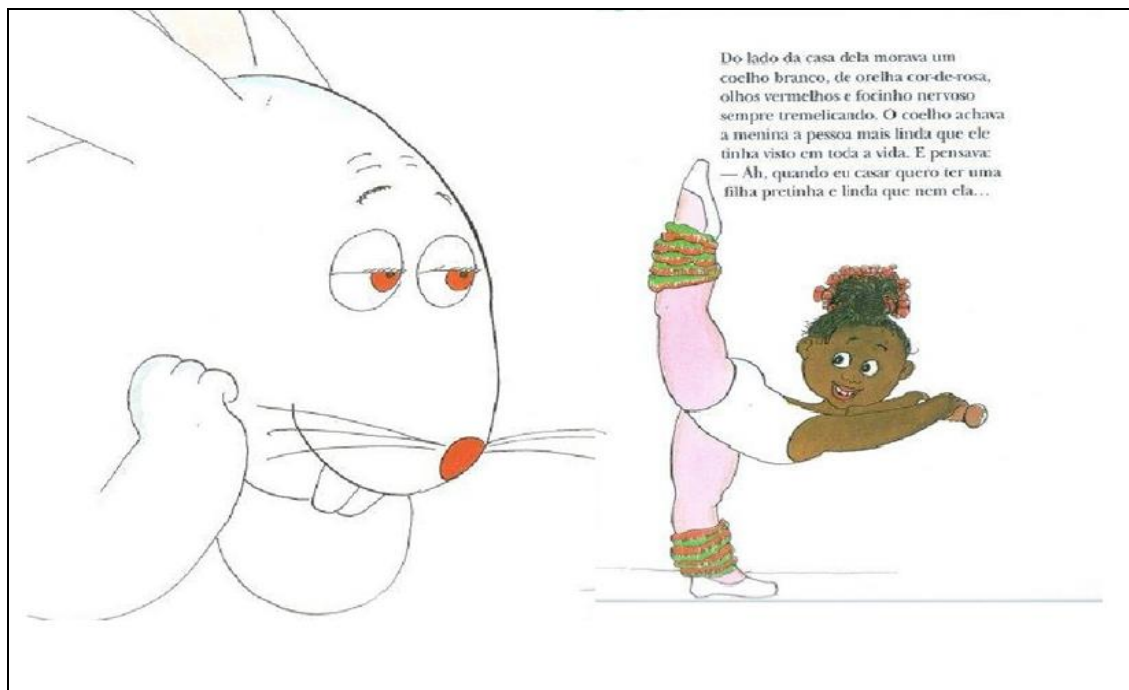


FIGURA 42

Ao mesmo tempo em que a autora propõe reflexão acerca da consciência negra, as imagens corroboram ao destacar a beleza das mulheres negras, bem como a urgente necessidade de respeitar as diferenças. Assim, destaca Ribeiro (1995) que “o espantoso é que os brasileiros, orgulhosos de sua tão proclamada, como falsa, ‘democracia racial’, raramente percebem os profundos abismos que aqui separam os estratos sociais” (RIBEIRO, 1995, p. 24).

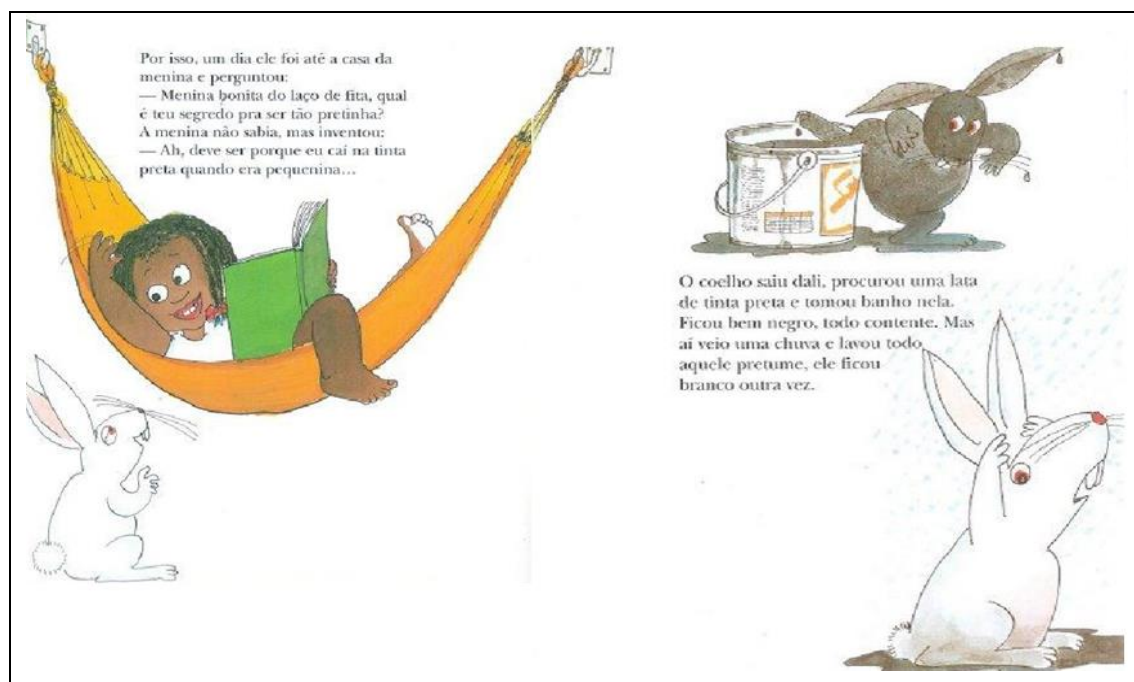


FIGURA 43

A temática em torno da consciência negra circunda a importância que a autora remete à cultura do negro para a construção da cultura brasileira.

A contribuição cultural do negro foi pouco relevante na formação daquela protocélula original da cultura brasileira. Aliciado para incrementar a produção açucareira, comporia o contingente fundamental da mão-de-obra. Apesar do seu papel como agente cultural ter sido mais passivo que ativo, o negro teve uma importância crucial, tanto por sua presença como a massa trabalhadora que produziu quase tudo que aqui se fez, como por sua introdução sorrateira, mas tenaz e continuada, que remarcou o amálgama racial e cultural brasileiro com suas cores mais fortes (RIBEIRO, 1995, p. 114).

Por se tratar de uma obra voltada ao público infantil é muito recorrente o uso dessa história nos primeiros anos escolares, inclusive, a obra dá origem a projetos realizados nas escolas e fora dela. Por esse motivo é que se utiliza muito *Menina bonita do laço de fita* para trabalhar as diferenças raciais e sociais na escola.

O contraste entre a personagem negra, e o coelho que se apaixona pela cor da sua pele se difere do padrão até então aceito pela sociedade, pois o socialmente aceito é a cor da pele ser branca, olhos azuis e cabelos extremamente lisos.

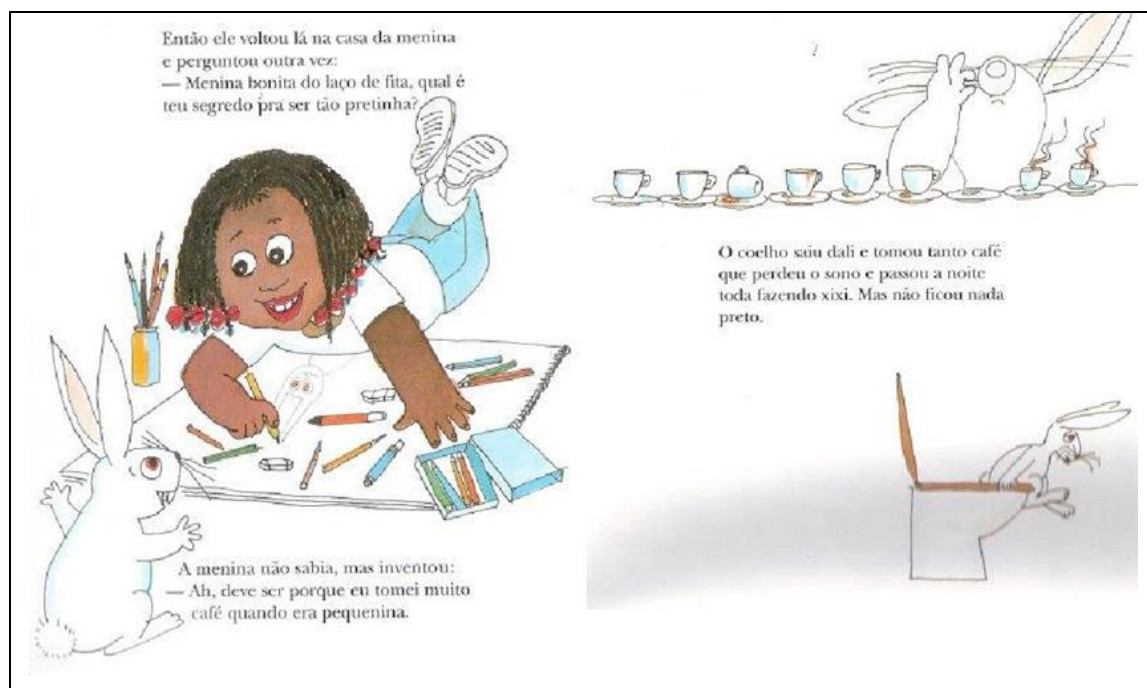


FIGURA 44

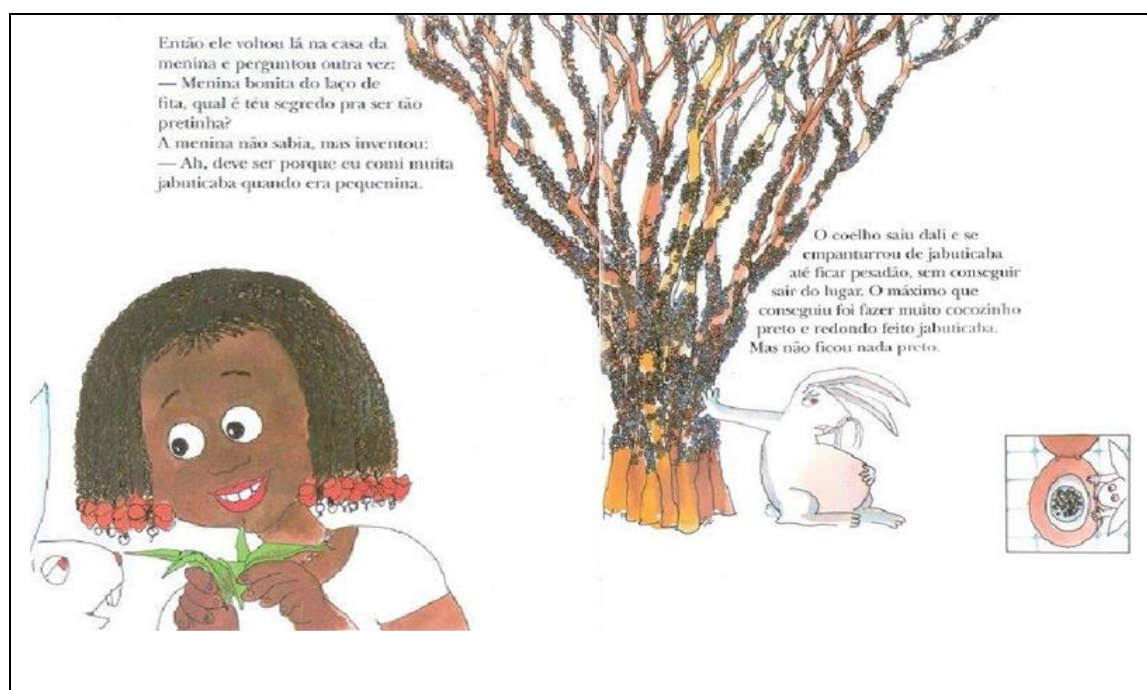


FIGURA 45

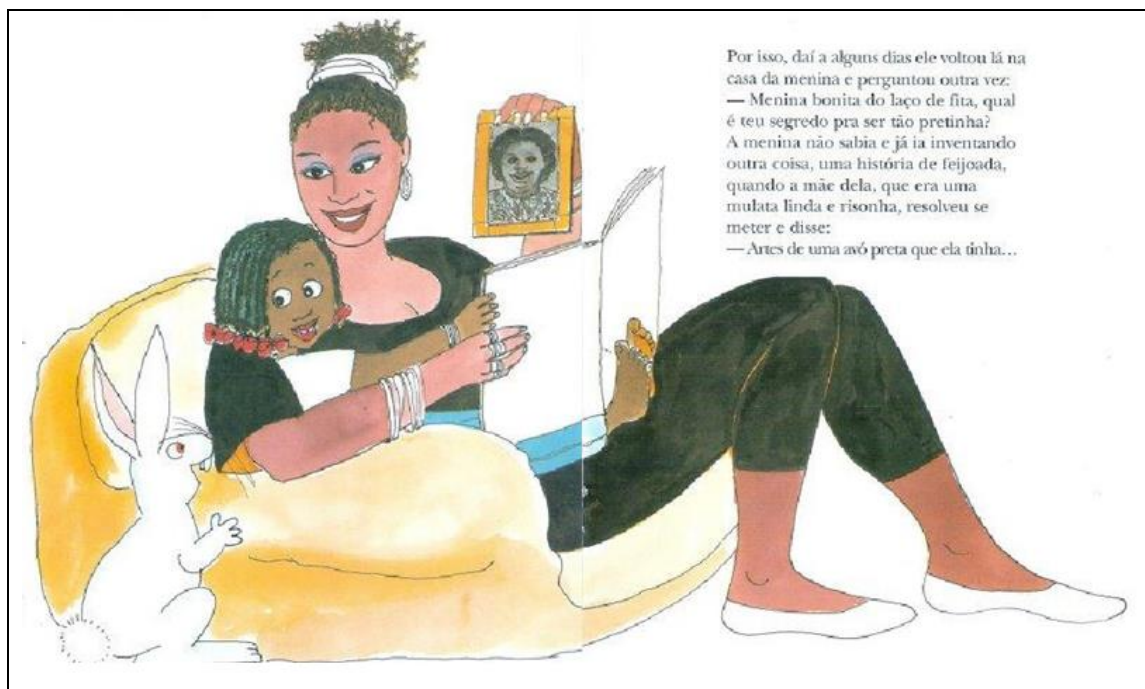


FIGURA 46

As ilustrações destacam as ações da personagem, ora lendo e escrevendo, ora dançando *ballet*, ora brincando. Os traços das ilustrações denotam que o fato da personagem ser negra, não significa inferir que ela seja uma criança infeliz, muito pelo contrário, ela representa uma criança feliz, extrovertida e com autoestima valorizada.

O respeito às diferenças na sociedade se evidenciam nas imagens bem definidas por Claudius denotando que não é a cor da pele do sujeito que o torna honesto ou desonesto e que caráter não tem cor. Claudius infere na contracapa da obra que ilustrar *Menina bonita do laço de fita*, não foi trabalho, foi puro prazer.

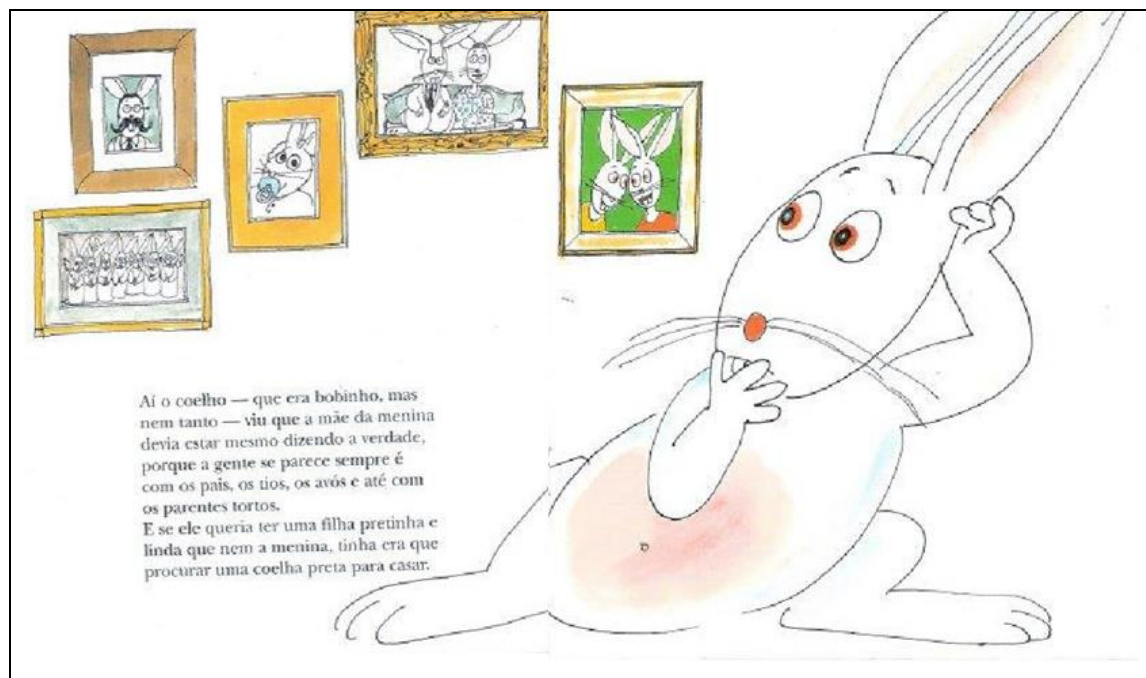


FIGURA 47

Para tanto, as misturas e contrastes de cores das imagens demonstram que a autora entende o quanto este tema é polêmico, por isso há necessidade de explorar este assunto com as crianças desde a fase inicial da escola.

Vazquez (2012) reforça como o humor gráfico pode contribuir para a reflexão da temática discutida, apesar das críticas a que ele também está sujeito:

Quizá como nunca antes el humor gráfico se ha visto atravesado por la reflexión acerca de su propia consistencia. Sus contornos precisos se tornan borrosos y sus bordes inestables. Ya no estamos tan seguros de que sea posible asignarle al humor procedimientos retóricos precisos o circunscribir sus efectos. Por otra parte, gran parte de los problemas que suscita tienen que ver con la porosidad de fronteras entre el arte y el mercado (VAZQUEZ, 2012, p. 3).

Ainda de acordo com Vazquez, as histórias com ilustrações são produtos da indústria cultural que contribui na formação da subjetividade do sujeito, considerando a construção da sua identidade, relacionadas às condições culturais, políticas e sociais em que estão inseridos.



FIGURA 48



FIGURA 49

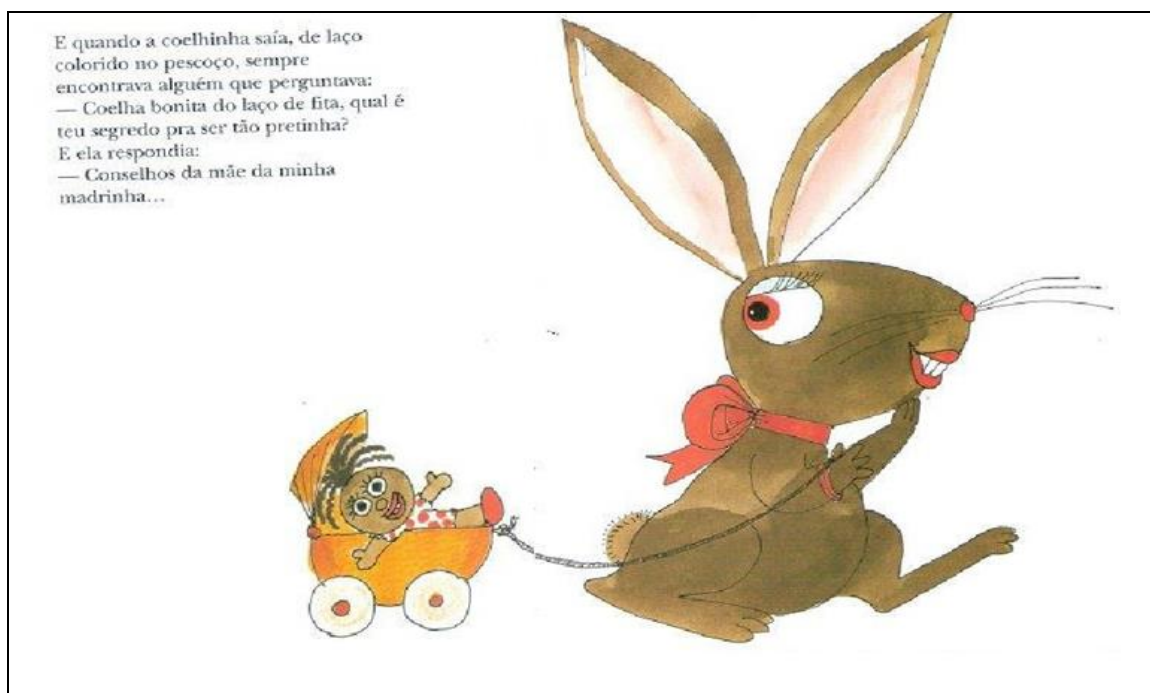


FIGURA 50

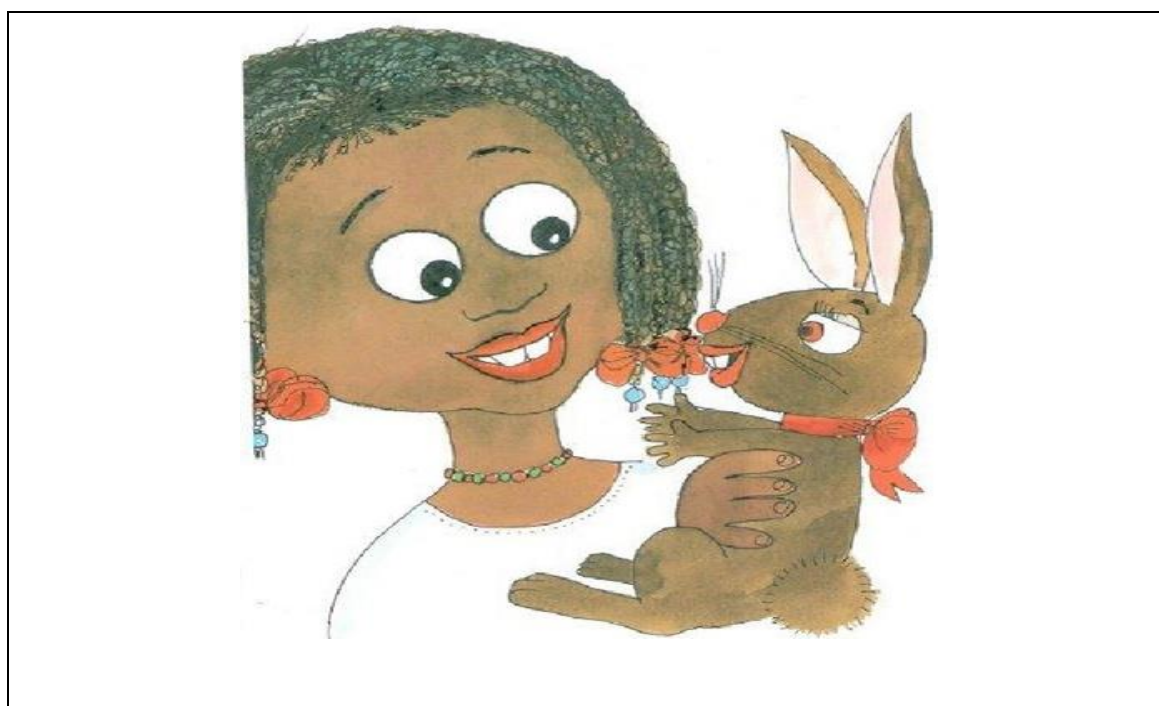


FIGURA 51

Por fim, o livro de Ana Maria Machado nos remete a criação do povo brasileiro, no qual tivemos a miscigenação de índios, europeus e negros formando o povo que apesar de ser todos descendentes das mesmas etnias se contradizem inferindo discursos discriminatórios e vexatórios aos outros. A

figura 49, exprime nossa realidade brasileira, numa mistura heterogênea, discriminada, mas lutadora.

As ilustrações da obra *Super ECA* serão apresentadas a seguir com objetivo de verificar como Claudius escreve e como ele representa o texto por meio dos traços chárgicos. Desse modo, destacamos a inferência que encontramos na contracapa da obra:

SuperEca em ação é uma cartilha para crianças e para adultos que acreditam nas crianças. Você faz parte de uma divertida turma de amigos que vai passar por aventuras e brincadeiras para aprender a **endireitar o que está torto!** Esta publicação compõe o conjunto de materiais produzido pelo CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular para o projeto *Estatuto do Futuro*, como parte do Programa Infância Desfavorecida no Meio Urbano (PIDMU), realizado com o apoio da União Europeia. O projeto tem o objetivo de fazer com que o Estatuto da Criança e do Adolescente seja mais conhecido e melhor aplicado. Ao publicar esta cartilha, a ARTMED, em parceria com o CECIP, contribui decisivamente para que o objetivo se transforme em realidade (CECCON, 2000).

Na primeira página, há a apresentação dos personagens que desenvolveram o assunto determinado por Claudius na cartilha. Podemos perceber, logo no início da leitura, que o autor convida o leitor para fazer parte da história.

Flavinho com características alegres apresenta os demais colegas: Joana tem a pele escura como a *Menina Bonita do laço de fita* e Flavinho destaca-a como “boa de briga”; “Bianca faz uma semana que não vem à escola” e Zeca é o “filho do seu Manuel do Bar. [...] Já repetiu de ano duas vezes” (CECCON, 2000, p. 5).



FIGURA 52

A grande maioria dos personagens criados nesta história tem a pele negra e os cabelos encaracolados assim como uma parte considerável da população brasileira que compõe a escola pública.



FIGURA 53

O leitor é convidado a entender o propósito do autor ao destacar a diferença entre as expressões “direito” e “torto”, fazendo reflexões a partir do contexto real da sociedade. Em suma, são personagens fictícios que inferem sobre acontecimentos reais.

Nesta representação contamos com linhas sobrepostas que identificam o barco nº 1 e o barco nº 2, dividido por uma linha reta que corta toda a imagem a fim de separar a atividade proposta na reflexão. Uma linha inferior dá forma a um rio, remete a noção de profundidade na imagem, onde um dos barcos encontra-se torto, ou afundando. Os efeitos encontram-se em maior concentração nas entrelinhas de um discurso de cunho social e problematizado pelo autor com as seguintes frases: Ser respeitado (a); Trabalhar, em vez de estudar e brincar; Ofenderem a gente; Ir pra escola; Brincar e passear; Professora legal; Professora que grita; Almoço e janta todo dia; Não ter vaga na escola. E o seguinte questionamento:

- E você? Sabe separar o que é direito do que é torto?



FIGURA 54

A página a seguir destaca um novo item defendido no Estatuto da Criança e do Adolescente em que “toda criança tem direito a vida e à saúde” e que isso é responsabilidade dos adultos. As expressões faciais dos

personagens da charge denotam características de abismo, pois apesar de estarem olhando a lei que ampara a reivindicação da criança, não é comum em nosso país as pessoas conhecerem as leis. No entanto, o discurso se delinea por meio da ironia, no qual se põe em debate inúmeros problemas sociais como: poluição, falta de esgoto, balas perdidas, entre outros que podem servir de base para reflexão.

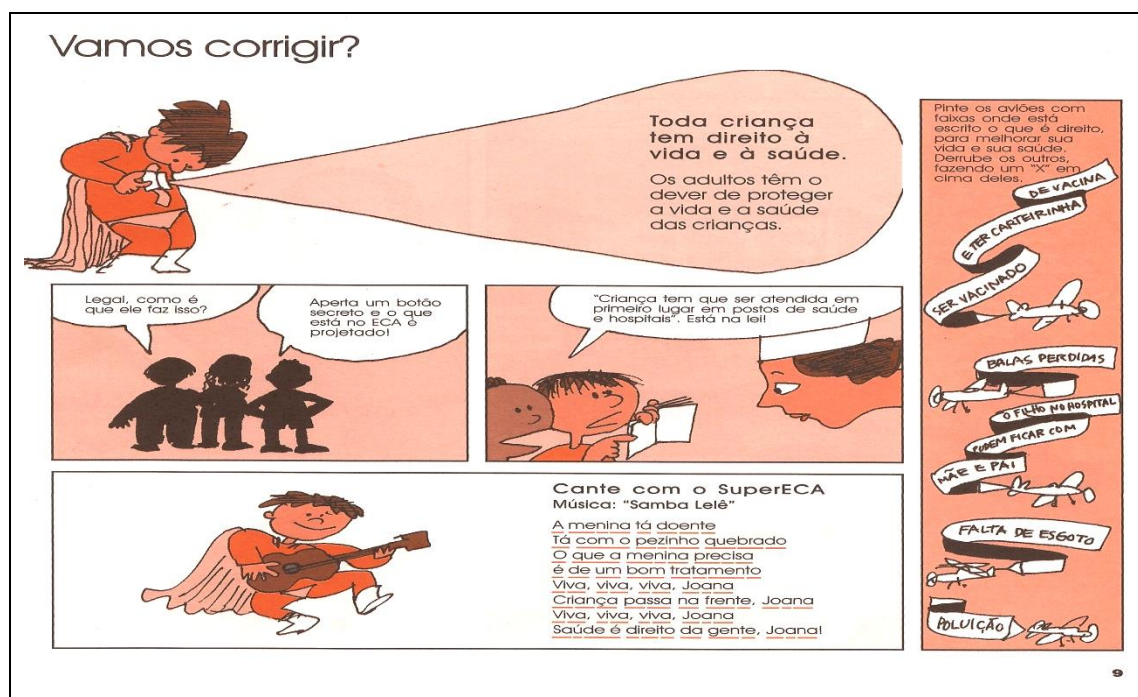


FIGURA 55

As duas páginas posteriores se direcionam ao direito que as crianças têm em relação ao acesso à educação. Para tanto, esta situação caracteriza uma dificuldade em que vai ao encontro do herói da história: o Super Eca. As imagens evidenciam que a criança não participa da escola, não por vontade sua ou de seus pais, mas principalmente pela necessidade que eles têm de trabalhar, por isso deixam os filhos mais velhos cuidando dos menores.

É uma situação em que dificulta a aprendizagem da criança, pois a escola só pode atuar mediante o Estatuto da Criança e do Adolescente a partir de um determinado tempo em que a criança se ausenta da escola. Nesse período em que a escola aguarda para comunicar esta ausência, os professores estão desenvolvendo os conteúdos propostos. E, a partir disso, de quem é a culpa?

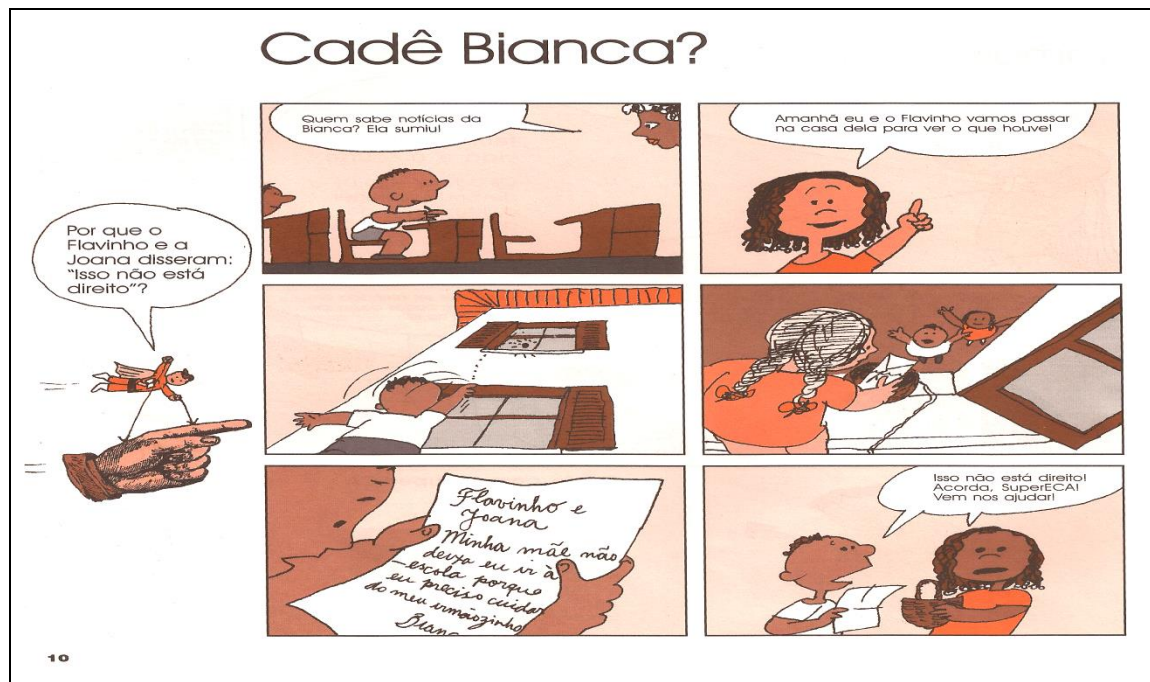


FIGURA 56

Vamos corrigir!

Toda criança tem direito à educação.

Os pais têm o dever de mandar os filhos à escola.
O governo tem o dever de providenciar escolas e creches para todos.

Por favor, professora, a senhora tem que falar com a mãe da Bianca!

Vamos falar com a Dona Odete, que é Conselheira Tutelar. Ela vai ajudar a arrumar uma creche para o bebê. A mãe do Flávio se ofereceu para cuidar do bebê enquanto a senhora trabalha. E a Bianca volta para a escola!

Pergunte à professora ou outro adulto: O que é Conselho Tutelar?

Marque um X no que você acha que é um motivo justo para uma criança deixar de ir à escola. Veja a resposta ao lado, de ponta-cabeça.

☐ Não tem sapato
☐ Não tem livro ou caderno
☐ Está sem uniforme
☐ Foi malcriada
☐ Precisa trabalhar para ajudar em casa

Se você não marcou nenhum X, parabéns! Nenhum dos motivos apresentados é justo. Toda criança tem direito de ir à escola. A lei proíbe as crianças de trabalhar.

Resposta:

11

FIGURA 57

O plano das páginas seguintes compõe-se por uma representação de situação dramática em que se mobiliza mais que uma pessoa para resolver o problema. Enfatiza-se a expressão de tristeza e descaso da criança que é agredida verbalmente pela professora, reforçado por elementos visuais que

dão a imagem uma conotação real. Para tanto, a fim de analisar pertinentemente as diferentes situações torna-se necessário estabelecer relações no plano socioeconômico e político do país que, certamente, interferem na vida das crianças em que Claudius apresenta e representa.



FIGURA 58



FIGURA 59

A figura 59, expressa um diálogo entre o autor e o leitor, no qual o leitor é instruído a contar sobre o processo de ensino na escola e que o mesmo é um direito destacado por Claudius, inferindo não somente ao acesso a educação, mas a qualidade e permanência ao aprendizado obtido durante o processo, no qual enfatiza-se, também, o dever da instituição em ensinar.

Apresentamos, nesse espaço, algumas das charges apresentadas na cartilha *Super Eca*, e que até o final da obra são destacadas outras temáticas e imagens que possibilitam reflexões acerca dos direitos e deveres das crianças na sociedade.

A seguir as imagens enfatizam a atuação de Claudius no jornal O Pasquim. Nas poucas charges dispostas podemos verificar a ironia como processo discursivo da linguagem. O abuso dos traços, as críticas acentuadas carregadas por uma ideologia que acredita no potencial do ser humano. As imagens trazem suas críticas explícitas e assinaladas por valores imputados pelo enunciador que demonstra o quão é contrário ao contexto em que atua.

Percebe-se, entretanto, que o objetivo de Claudius em suas charges foi o de desmascarar os valores pré-estabelecidos e colocados como únicos e verdadeiros para a sociedade. Os traços das charges problematizam acontecimentos culturais, sociais e históricos.

Claudius CAMPEONATO DE MULHER

EM MATÉRIA
DE MISS
CLAUDIUS
É UM
ENTENDIDO.



COMO A MISS ENTRA



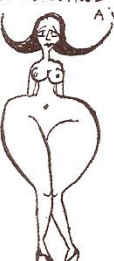
COMO SE SENTE



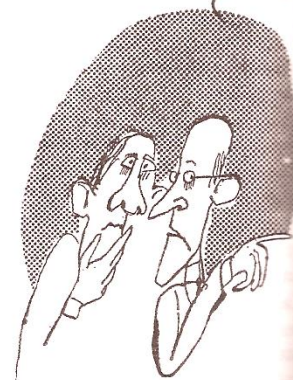
COMO 50% DO PÚBLICO
A VÊ



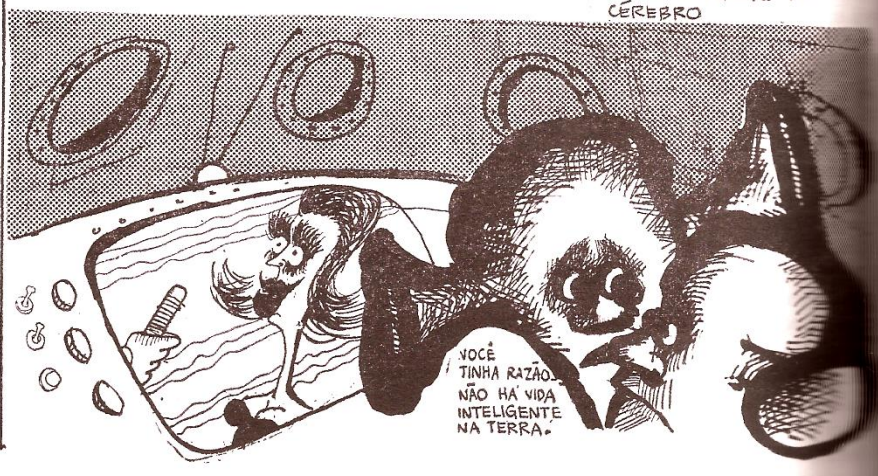
COMO OS OUTROS 50%
A VÊEM



— E AGORA...
A VENCEDORA
DA PROVA
INTELECTUAAL!



A MISS IDEAL DEVERIA SER
UM COQUETEL FEITO COM
AS PERNAS DE MISS PIAUI,
O TORSO DE MISS S. PAULO,
A CABEÇA DE MISS MARANHÃO
MAS VAMOS PRECISAR DE
UM TRANSPLANTE DE
CÉREBRO



VOCE
TINHA RAZÃO.
NÃO HÁ VIDA
INTELIGENTE
NA TERRA.

FIGURA 60

Nas imagens destacadas na figura 60, encontramos exemplos que mostram o aspecto negativo e desonesto do país, com críticas aguçadas a figura da mulher, fazendo conexão com as charges evidenciadas ao longo desse estudo que também apontou para críticas incisivas a função social da mulher.

Podemos verificar nas imagens representadas por mulheres acima o ar de acanhamento ao aparecer em público, sentimento esse que se dá pela forma como ela se enxerga perante a sociedade. Em seguida, percebemos a reação estupefata dos homens ao ouvir o discurso proferido pela *miss*. No nível linguístico a mulher é ainda mais criticada, pois antes o entrave acontece entre a *miss* e outra mulher que é apresentada por uma senhora de forma desengonçada simples e gorda, em seguida o obstáculo são os homens quando escutam-a. Desse modo, há a crítica afirmando que a mulher brasileira apresenta o corpo como único recurso de sobrevivência, pois se depender de sua intelectualidade teria dificuldades.

Para tanto, Claudius assevera que o antídoto para superar o imobilismo na sociedade considerando a vergonha histórica que impede os setores de caminhar rumo à verdadeira cidadania é a comunicação.

Podemos afirmar que as charges apresentadas têm intrínseca relação com a realidade cruel e desumana da sociedade, fazendo menção às “atividades físicas” que a classe desfavorecida pratica, ironizando com as nomenclaturas usadas pelos atletas olímpicos, como levantamento de peso, salto em altura, resistência física, etc.

No que tange ao levantamento de peso, verificamos um trabalhador que necessita vender sua força de trabalho carregando diariamente e insuportavelmente sacos de produtos agrícolas, que a princípio pode não acarretar nenhum dano à saúde, mas futuramente prejudicará seu físico e sua mente. Não obstante, a ênfase da análise se dá por meio de questionamentos: Como um ser humano consegue depois de um dia exaustivo de trabalho, estabelecer um tempo para leitura ou até mesmo para análise de seu dia-a-dia, buscando contextualizar-se em um sistema que o sucumbe? Teria capacidade de reflexão, se o mesmo não tem possibilidades de ver o mundo de forma diferente daquela em que vive?

Constatamos nessa apresentação as características físicas dos personagens que repassam a mensagem elaborada pelo autor: dois deles são negros e o homem que representa a charge de resistência física apresenta características desfiguradas pela vida desumana que leva. Desse modo podemos enxergar esta mensagem puramente pelo viés da denúncia, de negação e crítica exacerbada à forma de vida que esse contingente de pessoas tem. Trata-se de uma temática social que aborda o “pobre”, o povo brasileiro, mas que ao mesmo tempo busca fazer refletir sobre a autoestima, a persistência, a criatividade e a superação em meio a realidade adversa em que sobrevive.

Nesse contexto de valorização da vida social, é que frizamos o trabalho social de Claudius que defende e orienta pessoas comuns a se tornarem agentes ativos da história, se tornando inspiração a outros cidadãos, podendo, então mudar a história e buscar maior qualidade de vida.

Podemos afirmar que nas charges 61 e 62, bem como as demais apresentadas nesse estudo, têm como protagonistas o povo brasileiro, representando grande parte da população uma parte significativa desta vivendo em condições subumanas. Positivamente, temos dados de que hoje há maior

número de “acesso” da população à educação, mas ainda não há garantias de permanência nos meios educacionais de qualidade.

O PASOUM

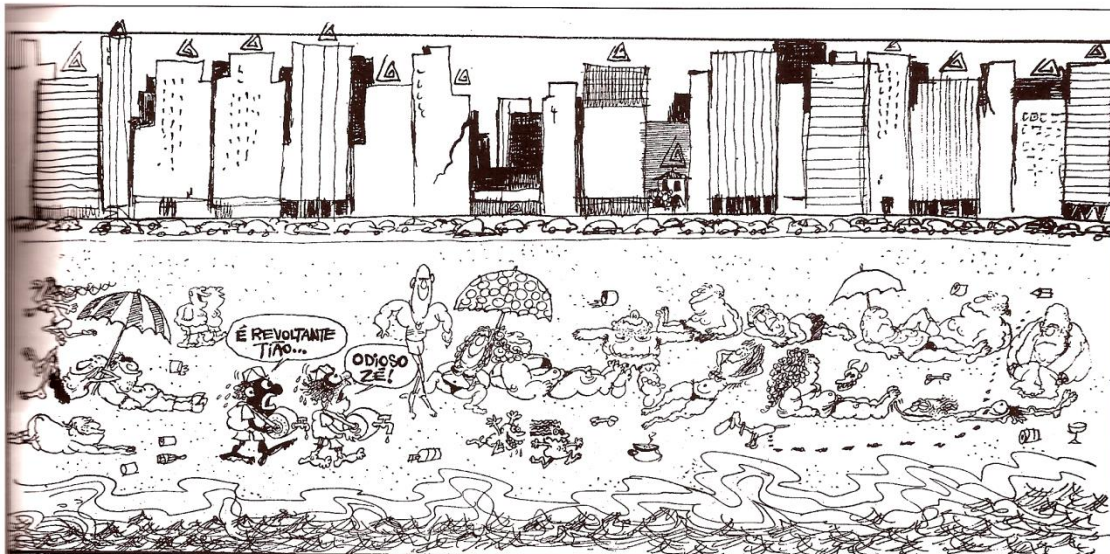


FIGURA 62

As imagens da figura 62 apresentam elementos que diferenciam a vida daqueles que aproveitam a praia e conseqüentemente têm condições de viver qualitativamente bem, daqueles indivíduos que vivem sob a perspectiva de serem despejados e até mesmo desalojados pelas catástrofes e pela falta de recursos financeiros para manter sua vida. Em síntese, são pessoas que se injuriam de ter que passar a vida toda em constante luta pela sobrevivência, enquanto outros aproveitam a sombra, o ócio promovido pelo trabalho exploratório da classe trabalhadora.

Esta imagem criada por Claudius e por outro grande artista brasileiro, Henfil (1944-1988), mostra duas realidades: a praia carioca com deslumbrantes prédios ao seu redor, em oposição ao morro relativo à cidade do Rio de Janeiro. As realidades estão muito próximas aos leitores e uma delas relativa ao transporte público que atinge todas as cidades brasileiras. Nesse sentido, são reflexões que adentram desde os anos 60, até os dias atuais, por isso a persistência em atribuir importância ao trabalho chágico de Claudius Ceccon frente ao seu compromisso com a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão que precisamos fazer para compreender nossa formação cultural requer um esforço de desconstrução e construção, pois precisamos desconstruir tudo que internalizamos durante a vida e reconstruir outros conceitos através de novas abordagens. No entanto, é uma tarefa muito desafiante, um trabalho que exige do sujeito e exige, ainda mais, do mediador desse conhecimento: o professor / educador, pois antes de ele incitar tais abordagens há necessidade que tenha clareza teórica de sua maneira de transmitir tais conceitos.

Assim sendo, destaca-se a relevância do educador caracterizado como motivador de debates, pois ele é capaz de contextualizar os conceitos históricos na educação, valorizando os sujeitos que estão inseridos, enfatizando desse modo que nem o homem, nem a educação, são neutros.

Nesse estudo apresentamos e analisamos algumas das obras de Claudius Ceccon inerentes à sua produção artística e intelectual. Nesse sentido, notamos que o que diferencia seu trabalho é o uso de mecanismos visuais, verbais e audiovisuais para instruir a sociedade.

Como trabalhamos a partir da vida e obra de um intelectual, podemos afirmar que a biografia estruturou os elementos referenciados por Claudius para a contribuição da história recente e para o desenvolvimento deste estudo, embora ainda haja muita resistência na aceitação da biografia como fonte para a ciência da história. Em decorrência da história oficial, houve muito desinteresse dos historiadores pela biografia, destacando-a pelo seu viés subjetivista, voltada a um sujeito único e isolada das relações sociais.

Na biografia de Claudius destaca-se o exílio, período no qual se encontrou uma série de indivíduos que precisaram afastar-se do país, principalmente por motivos de ordem política até aproximadamente o final de 1970. Nesta etapa, sua vida profissional gerou profícuas contribuições à educação em particular por sua participação no IDAC.

O IDAC se constituiu para os exilados num espaço de discussões de projetos educacionais dos países da América Latina, Europa e da África. Um lugar onde os brasileiros puderam trocar experiências e informações sobre os

recentes acontecimentos do Brasil podendo, também, aproximar-se mais de seus compatriotas. A iniciativa consolidou-se por ações coletivas que buscou dar aos sujeitos possibilidades e alternativas para alfabetizar, renovar, conscientizar e politizar, contribuindo, desse modo para a transformação social.

A criação do IDAC se refere também a uma opção ideológica, no qual seus criadores discordavam do modelo de escola das sociedades industrializadas, que embora discurssem a partir do princípio de “igualdade” e “educação para todos”, reproduziam um sistema em que a grande maioria não tem acesso, nem mesmo garantia de permanência na educação.

Portanto, o IDAC se configurou de acordo com a concepção teórica do grupo, tendo um peso maior em decorrência da significativa importância que Paulo Freire conquistou no exterior. Por isso, o Instituto teve expressiva aceitação na sociedade, recebendo, assim, inúmeras contribuições na busca de concretizar os projetos de conscientização abordada por seu mentor. Para tanto, o IDAC se caracteriza como uma referência a este grupo de exilados, porque utilizou novos métodos de críticas a realidade, partindo de palavras geradoras, com discussão e reflexão dos problemas sociais.

Ao buscar compreender as circunstâncias reais do momento histórico social que vivia Claudius, nos remetemos ao contexto da ditadura civil-militar brasileira. O exílio foi determinante na trajetória de muitos cidadãos brasileiros, num momento, em que a propaganda oficial e empresarial incitavam o fervor da ditadura Civil-Militar, que em nome da “segurança nacional”, por meio de Atos Institucionais gerou: repressão policial, a supressão dos direitos civis, censura, torturas, desaparecimentos, assassinatos e a manipulação da opinião pública.

A ditadura civil-militar avaliada pela historiografia como o período mais repressivo da história recente do Brasil, se estendeu de 1964 a 1985, numa disputa incisiva entre os partidos de esquerda, setores da elite e o aparelho policial-militar do Estado. É importante salientar que a ditadura teve forte adesão das organizações para-militares, por parte da sociedade e por grandes empresas e multinacionais que argumentavam sobre a “necessidade” dos militares conduzirem o Brasil.

O contexto político e econômico do país colaborou para que ocorressem

mudanças profundas, sendo um marco inicial para convencer de que a ditadura seria o melhor caminho. No entanto, grande parte da população resistiu aos atos ditatoriais, arcando com consequências drásticas como: mortes, prisões, violências, desaparecimentos, coerções e o exílio.

Nesse contexto atribulado, buscou-se mostrar os métodos que Claudius utilizou para manter-se ativo e crítico em seu trabalho, buscando escapar da censura e da repressão do regime civil-militar, uma vez que muitos de seus conhecidos e companheiros foram presos pelos militares. Ademais o regime autoritário centralizou o controle da vida econômica da nação, restringindo todas as atividades contrárias às diretrizes traçadas pelo governo.

No que concerne aos dados da ditadura Civil-Militar nos apoiamos, também, em uma grande referência a expressão caricaturista de Claudius: o jornal *O Pasquim*, cujo projeto surgiu em meio aos acontecimentos da ditadura civil-militar, com a profícua contribuição de Claudius em suas edições.

O Pasquim foi considerado um jornal da imprensa alternativa constituído por intelectuais que discordavam da ideologia político-cultural da elite dominante e que lutaram para promover a transformação social. Seus idealizadores desenvolveram um projeto que se opunha à imprensa oficial, carregando consigo marcas das consequências dessa atitude.

O objetivo d'*O Pasquim* foi manter a população informada sobre os fatos políticos ocorridos no momento, porém para isso o jornal precisou resistir ao bloqueio civil-militar, em outras palavras conseguir perpassar pela censura instituída. Mesmo com toda dificuldade instituída pelo bloqueio ditatorial o jornal conseguiu abranger grande parte da sociedade.

A possibilidade de manter informada a sociedade se destacou durante o período da ditadura civil-militar, mas sublinha-se que esta não foi a única razão de sua criação e adesão na sociedade, pois as características políticas e econômicas do país propiciavam apreciações diferenciadas sobre a imprensa oficial que concordava com as medidas tomadas pelos militares.

Após a Lei da Anistia, Claudius retorna ao Brasil, onde estabelece a extensão do IDAC, estruturando uma ONG que produz materiais educativos audiovisuais e impressos relativos à instrução para cidadania de jovens e adolescentes: o CECIP que atua até os dias atuais.

Desse modo, destacamos a biografia de Claudius como relevante neste trabalho e para a história recente do Brasil, pois a partir dela enfatizamos vários dados históricos e ainda realizamos a leitura de suas charges, recorrendo ora as ilustrações, ora ao conteúdo verbal, intrínsecas ao contexto histórico experienciado.

A charge se destaca na biografia e na produção intelectual de Claudius, uma vez que esta forma de comunicação vem se tornando mais expressiva, tanto para educadores quanto para pesquisadores que buscam novas fontes.

No que se remete as charges de Claudius, denota-se que além de transmitir informações, elas discorrem sobre temas de maneira crítica e incisiva aos leitores, pois possuem traços característicos que, em geral, discutem temas polêmicos da esfera educacional, política e social. A charge é desenvolvida com especificidades de elementos visuais, humorísticos e exagerados que envolvem o leitor e possibilitam momentos divertidos e reflexivos sobre diferentes temáticas.

Para tanto, as charges caracterizam personagens e temáticas reais que são oriundas de questionamentos da vida social, as quais contestam valores e verdades numa sociedade construída e pré-estabelecida por homens que determinaram o certo e o errado.

O uso da charge tem a finalidade de satirizar fatos polêmicos que causam impacto na sociedade, como é o caso da economia, política, educação, ou temas relacionados a sociedade como racismo e preconceitos em geral.

Nas charges apresentadas, verificamos que sua grande maioria critica e problematiza a qualidade do ensino, o contexto da história da educação no Brasil, bem como incentiva e instrui a população como um todo. Portanto, a forma como Claudius aborda as temáticas voltadas à realidade contribui para a consciência social e histórica, possibilitando rever parte do passado sob outras óticas, opostas as oficiais que impossibilitavam a crítica, os registros de experiências que se opunham às normas vigentes, permitindo, ainda, desconstruir mitos e construir novos conceitos. Logo, a charge se tornou também um mecanismo de educação informal.

No que tange ao humor, realçamos a natureza dos desenhos figurativos como discurso iconográfico do autor, o qual media a conexão social, ponderava sobre fatos reais e expunha sua visão de mundo.

Desse modo, é importante contextualizar a linguagem as circunstâncias reais de conflitos e de jogos ideológicos, mediando à ação humana na sociedade. Pelo fato de ter que saber contextualizar o discurso chágico, enfatizamos que esta ação oculta sua complexidade, pois é considerado e direcionado a leitores iniciantes por serem apreciados como de fácil compreensão, devido aos traços característicos das ilustrações.

Portanto, a leitura de charges tem conotação complexa, pois a sua contextualização requer conhecimento prévio para perceber a realidade apresentada e a crítica implícita ou explícita.

Nesse viés, entendemos que para ocultar ou explicitar críticas à sociedade é necessário conhecer sobre os diferentes contextos históricos e sociais. Para tanto, o conhecimento prévio do leitor diante da exposição das críticas realizadas por meio das charges é importante para as interpretações dos dados e personagens apresentados. Por outro lado, é possível para o leitor, mesmo sem o domínio contextual interpretar parte do discurso produzido.

As ilustrações realizadas por Claudius são resultado de suas práticas sociais, de seus conhecimentos e experiências, no qual retrata suas inquietações, o que na realidade incomoda não o individual, mas a sociedade como um todo, que se desenvolve a partir de princípios que não aceitam ponderações. Nesse sentido, a charge possibilita uma alternativa diferenciada em relação ao texto verbal (tradicional) para analisar a realidade.

Para realizar a leitura das charges de Claudius restringimos a algumas obras, as quais puderam evidenciar como o caricaturista apresenta por meio da arte suas emoções, suas lutas e suas reflexões.

A obra *A vida na escola e a escola da vida* discute o contexto escolar, denotando acerca das diferenças culturais, as quais colocam os alunos em condições desfavoráveis ao acesso e a permanência na escola. A diferença socioeconômica e a desconsideração da cultura do sujeito, de seu vocabulário, suas experiências e sua postura diante da escola são apontadas como determinantes para a exclusão social.

A obra se destaca com imagens questionadoras acerca da educação na sociedade contemporânea, atribuída de forma sarcástica, humorada e criticamente condensada os conceitos estabelecidos e estigmatizados por nossa cultura. A temática trata de um tema central que se volta aos profissionais e ao público da educação. Desse modo, a escola é o centro do debate, no qual os autores afirmam que nela existe um ciclo de frustrações.

Nesta discussão, assevera-se que a criança sente que a escola não foi feita para ela, pois compete à criança se redefinir como aluno por conta das exigências da escola e da sociedade. Nesse sentido, a discussão é recorrente em prol de uma educação emancipadora.

A cartilha *Super ECA* trata dos direitos e deveres das crianças e adolescentes no que tange a sua inserção social, de modo que tais instruções sirvam para a cidadania. Produz um diálogo que envolve o leitor, destacando-o como personagem principal da discussão que abrange cuidados e proteção para que a criança tenha uma vida digna e saudável. A produção dessa cartilha possibilita a instrução com linguagem acessível e descontraída voltada aos pequenos leitores.

A obra *Menina Bonita do Laço de Fita* aborda a respeito da discriminação social e racial. Trata-se de uma temática polêmica com ilustrações que permite ao (pequeno) leitor compreender a história, apenas através das imagens.

As representações da personagem *Menina bonita do laço de fita* caracteriza a delineada beleza brasileira, abordando um contexto em que se constitui o universo de discriminações às pessoas negras. A crítica construída tem ênfase sobre os discursos que são produzidos e reproduzidos pela sociedade, na mídia, na escola e na vida.

A reflexão acerca da consciência negra é recorrente na concepção de Claudius, por isso as imagens além de destacar a beleza das mulheres negras, enfatizam a necessidade de respeitar as diferenças, pois não é a cor da pele do sujeito que determina seu caráter.

A temática da realização da obra de Ana Maria Machado faz refletir sobre o tema que discute os autores do livro didático *Brasil Vivo*, a respeito da criação do povo brasileiro, destacando a miscigenação de raças, a qual resulta

em nosso povo brasileiro, uma mistura heterogênea, discriminada, mas rica e diversa.

Quanto à obra *Brasil Vivo*, percebemos por meio de suas ilustrações o sofrimento do povo que sustenta o ócio da Igreja, da nobreza e da burguesia. O povo que aqui vivia foi desconsiderado e devido a resistência à chegada de desconhecidos, os índios foram aniquilados, destruídos em massa. O livro *Brasil Vivo* se apresenta com o exagero das formas e com tom persuasivo, crítico e acentuado, pois por meio do humor e do lúdico busca atrair a atenção do leitor.

Vivendo e Aprendendo Experiências do IDAC em educação popular é uma produção que discorre sobre os problemas sociais no âmbito educacional. Devido as exigências do capital, o indivíduo precisa se flexibilizar na engrenagem da grande máquina do capital, a fim de atender a demanda, para que haja a produção exigida. Tais concepções são engendradas no sujeito desde muito cedo: na escola e posteriormente na fábrica. Portanto, a obra evidencia dados precisos da criação e desenvolvimento do IDAC.

Podemos afirmar que todos os títulos anunciados remetem a uma discussão complexa e que eleva o caráter dos objetivos de Claudius referente às críticas às condições reais da sociedade brasileira. Diante disso, podemos perceber a coincidência das discussões que emergem das charges de Claudius, isto é, muitas delas buscam recorrentemente discutir a mesma temática, alocando conceitos, dividindo experiências com outros autores, em síntese as abordagens têm muito em comum e dão margem a outras possíveis compreensões, análises e estudos.

Em resumo, os debates realizados por Claudius preocupam, sobremaneira, em mudar a mentalidade das pessoas, possibilitando compreensões mais aprofundadas da realidade e da história brasileira. O que encontramos de avanços na cidadania, por uma escola de qualidade, pela preservação da memória, certamente se relacionam às lutas empreendidas por pessoas como Claudius e em projetos coletivos como o IDAC, o *Pasquim* e o CECIP.

BIBLIOGRAFIAS

ABREO, Ana Carolina Santini de. Reestruturação produtiva: algumas reflexões sobre seus rebatimentos no Serviço Social. In: COLMÁN, Evaristo (org). **Serviço Social em Revista**. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Londrina. Vol. 4 n. 1 (Jul/Dez. 2001). p. 45-58 Ed. UEL, 2003.

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2000.

ALENCAR, Francisco; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo; CECCON, Claudius. **Brasil vivo**: uma nova história da nossa gente. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

ALMEIDA, Hilda Maria Ferreira de. **Educação e transformação social em país descolonizado**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1981.

ARROYO, Miguel G.Arroyo. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da Educação Básica. In: Abramowick. A. e MOLL. J. (org.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas – SP: Papirus Editora, 2001, p. 11-27.

AUGUSTO, Sérgio; Jaguar. (orgs.). **O PASQUIM**: Antologia (1969 - 1971) – Vol. I. Rio de Janeiro: Ed. Desiderata, 2006.

_____. **O PASQUIM**: Antologia (1972 - 1973) – Vol. II. Rio de Janeiro: Ed. Desiderata, 2007.

_____. **O PASQUIM**: Antologia (1973 - 1974) – Vol. III. Rio de Janeiro: Ed. Desiderata, 2009.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Edunb, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, educar para transformar**: fotobiografia. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

_____. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CARUSO, Paulo. **De o Pasquim à Avenida Brasil**. Comunicação e Educação, São Paulo, maio/ago. 1997. p. 78-84.

CAVALCANTI, Maria Claro Castanho. **Multimodalidade e argumentação na charge**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2008.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy De; OLIVEIRA, Rosiska Darcy De. **A vida na escola e a sociedade da vida**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Super Eca.** Cartilha para crianças. Porto Alegre, Editora Artmed s/a, 2000.

CECCON, Claudius; LARA, M. L. M. P. **Trocando em Miúdos as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.** 2004.

Centro Cultural da Criança: o castelo das crianças cidadãs / [Coordenação de projetos Jovelina Protasio Ceccon] – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Rio de Janeiro: CECIP, 2009.

CERRI, Luiz Fernando. **O ensino de história e a Ditadura militar.** 2. ed. Curitiba: Aos quatro ventos, 2003.

COSTA, J o s é M a u r í c i o. **Jaguar, o comunicador do ano!** Fev. 2010. Disponível em: <<http://www.tatame.com.br/dasantigas/arquivo.pdf.htm>> Acesso em: 22 jan 2012.

COSTA, Larissa. Educação como prática da liberdade? Alfabetização freireana em Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do **TEMPO**, ano 2, n. 25, 2007.

DREIFUSS, René Armand. **1964, a conquista do Estado:** ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

DUARTE, Ana Beatriz. Cultura, arte e educação. In: **Verão e a Cultura.** 21 mar. 2011.

DUARTE, Newton. **A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco:** A dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho 2000. p. 79-115.

_____. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. **Cadernos CEDES**, Campinas, v.19, n.44, abr. 1998.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 2. ed. São Paulo: EUSP, Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1996.

FICO, Carlos. **Como eles agiam.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

REZENDE, Sérgio. **Zuzu Angel.** Brasil, Warner Bros, 2006. 103 min. Color. Disponível em: <http://www.zuzuangelofilme.com.br> Acesso em 12 jan. 2012.

FIUZA, Alexandre Fiuza. **Entre um samba e um fado:** a censura e a repressão aos músicos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1970. Assis, SP: UNESP, 2006. (Tese de Doutorado em História).

FIUZA, Alexandre Fiuza.; Ernesto Lázaro Bohoslavsky . **O exílio dos músicos no Cone Sul: o Tango Rojo de Piru Gabetta. Diálogos** (Maringá. Impresso), v. 16, p. 15-36, 2012.

FOSSATTI, Carolina Lanner. **Cinema de animação**: Uma trajetória marcada por inovações. VII Encontro Nacional de História da Mídia – Mídia Alternativa e Alternativa Midiática. Fortaleza, 2009.

FRANCISCO, Luciano Vieira. **Análise de sua produção gráfica n'O Pasquim e no jornal do Brasil (1969-1967)**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **A pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Conscientização**: Teoria e prática da libertação. São Paulo, São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo et al. **Vivendo e aprendendo**: Experiências do idac em educação popular. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire – Uma bibliografia**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1996.

GASCA, Luis; GUBERN, Román. **El discurso del cómic**. Madrid: Cátedra, 2011.

GERHARDT, Heinz-Peter. Uma voz europeia: **Arqueologia de um pensamento**. Disponível em: <<http://www.ppbr.com/ipf/bio/europeia.html>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. Acervo - **Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, v.9, nº 1/2, p.17-30, jan. dez. 1996.

GOMES, D. V. Arte subversiva - A resistência à ditadura na obra de Henfil. In: II Colóquio de pesquisas da História - **Arte, Poder e Sociedade**, 2009, Goiânia. Anais eletrônicos do II Colóquio de Pesquisas da História - Arte, Poder e Sociedade, 2009.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10 ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Jornal da ABI. Edição 322. *Especial 170 anos de caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Imprensa, outubro de 2007.

KLIKSBERG, Bernardo. Dez falácias sobre os problemas sociais da América Latina. **Revista Paranaense**. Desenvolvimento. Curitiba, nº 98, p. 3-26, jan./jun. 2000.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

LAGO, Pedro Correia. **Caricaturistas brasileiros**: 1836-1999. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

LEVI, G. Usos da Biografia. 1989. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

LONGO, Isaura Maria. **Algumas estratégias linguísticas utilizadas em O Pasquim para driblar a censura**. In: Cehcom Pesquisa, Itajaí, 2006.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**. São Paulo, nº 17. nov. 1998. p. 63-201

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2010.

MACHADO, Divaldo Caldas; BORGES, Dulcina Tereza Bonati. Tropicália: o olhar do *Pasquim*. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 135-146, 2009.

MACHADO, José; GAUDENCI, J. Heitor. **Piracicaba 30 anos de humor**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Instituto do Memorial de Artes Gráficas do Brasil, 2003.

MAGNO, Maria Ignês Carlos. Sérgio Rezende. Zuzu Angel. Chico Buarque de Hollanda. Lamarca. Charles Dickens. Saberes interligados na narrativa cinematográfica. **Comunicação & Educação [online]**. 2007, vol. 12, n. 2, p. 119-130.

MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. **Cadernos Cedom**.

MILANESI, Dálcio Aurélio. Sobre a Guerra do Paraguai. **Urutágua**, nº 5, dez/jan/fev/mar, 2004.

MORAES, Dênis de. **Humor de combate**: Henfil e os 30 anos de *Pasquim*. Ciberlegenda, n. 2, 1999. p. 1-5.

MORE, Rodrigo Fernandes. **A guerra fria**: 1945 – 1987. São Paulo: Editora Lex, 2007.

MOTTA, Marly Silva da. **O relato biográfico como fonte para a história**. Vidya, Santa Maria (RS), nº 34, p.101-122, jul./dez. 2000. p. 1-25.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O conceito de cultura política**. In: ANAIS DO X ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-MG, Mariana, 1996.

PETRINI, Paulo. **Gêneros discursivos iconográficos de humor no jornal O Pasquim**: uma janela para a liberdade de expressão. Londrina, UEL, 2012.

PIOVESAN, Greyce Kely. Biografia, trajetória e história. In: IV Encontro Regional Sul de História Oral, 2007, Florianópolis.

POSSENTI, Sírio. **O humor é universal**. Estadual de Campinas University (Unicamp), Brasil, 2009.

PRADO, João Carlos. A pedagogia encharcada de amor de Paulo Freire na prática docente. **Educere**, 2007. VII Congresso Nacional de Educação – Educere.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. PifPaf e Millôr: a densidade em tempos de efemeridade. **Encontro de História Anpuh-Rio**, 13. Anais. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2008. p. 1-9.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido de Brasil. 2º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROLLEMBERG, Denise. “Esquerdas revolucionárias e luta armada”. In: Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano. O tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge Jornalística**: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo. Maringá; Eduem, 2000.

ROUCHOU, Joelle. Cinelândia: O cinema no primeiro ano da revista *O Cruzeiro*. **ECO – PÓS**, vol. 8, n. 2 ago./dez. 2005, p. 13-29.

SAES, Décio. **A república do capital**: capitalismo e processo político no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2001.

SCHIAVONI, Jaqueline Esther. **Vinheta**: Uma questão de identidade na televisão. 130 f. Dissertação de Mestrado em Comunicação – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru. 2010.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. A educação popular nos inquéritos policiais militares pós-64. **Eccos**: Revista científica. V. 9 n. 1. São Paulo: Centro Universitário Nove de Julho, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias, curvatura da vara, onze teses sobre a educação e política. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SILVA, Alessandra Augusta P. A formação discursiva através da charge. *ReVEL*, 2006, p. 985-990.

SILVA, Carla Letuza Moreira e. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas, RGS: UFRGS, 2004.

SILVA, Dener Luiz da. Do gesto ao símbolo: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica. **Educar**, Curitiba, n. 30, p. 145-163, Editora UFPR, 2007.

SILVA, Fernando Moreno da. As dicotomias saussureanas e suas implicações sobre os estudos linguísticos. **REVELLI** – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas. – v. 3, n. 2, outubro, 2011, p. 38-55.

SILVA, Semíramis Corsi. **O Historiador e as Biografias**: desafios, possibilidades e abordagens de trabalho. *História, Imagem e Narrativas*, v. 14, p. 1-14, 2012.

SGARBI, Paulo. Um caminhante de muitos caminhos. **Revista Teias**, v. 10, n. 20, p. 1-11.

SOARES, Glaucio Ary Dillon; D'ARAUJO, Maria Celina; CASTRO Celso. **A volta aos quartéis**: a memória militar sobre a abertura. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1995.

SOLANO, Alexandre Francisco. A biografia desafiada: os contornos de uma vida por François Dossiê. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, vol. 7, n. 02, p. 1-10, 2010.

SOUSA, Daniela Neves de. Reestruturação capitalista e trabalho: notas críticas acerca da economia solidária. **Revista Katálýsis**. Florianópolis. v. 11 n. 1 p. 53-60 jan./jun. 2008.

SPINDEL, Arnaldo. **O que são ditaduras**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José. (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TOLEDO, Caio Navarro. **1964: Visões críticas do golpe**. Democracia e reformas no populismo. Campinas: Unicamp, 2004.

VAILLÕES, Silvana; VILLWOCK, Aparecida de França. Uma leitura das charges de Claudius Ceccon no Livro Didático 'Brasil Vivo'. In: **IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - IX ANPED SUL**, 2012, Caxias do Sul. Anais do IX ANPED SUL, 2012.

VAZQUEZ, Laura. Sobre la definición imposible del humor o la fluidez de la palabra. **Antíteses** v. 5, n.9, p. 3 – 5, jan./jul. 2012.

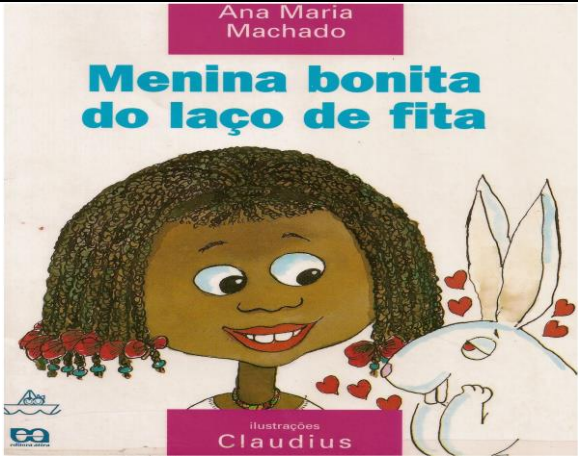
VIEIRA, Átila Bezerra Fernandes. **Guerrilha de pincéis [manuscrito]**: humor gráfico no jornal *O Pasquim* como resistência política e cultura a ditadura militar (1969 – 1970) Dissertação de Mestrado, Fortaleza: Ceará, 2010.

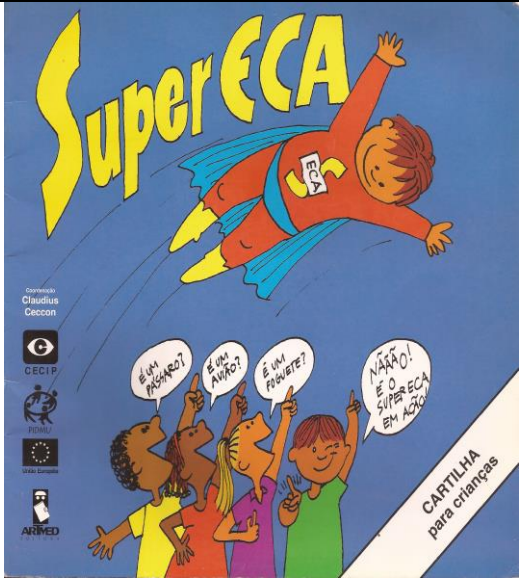
ANEXO 1

Quadro das obras utilizadas neste estudo

Vivendo e Aprendendo Experiência do Idac em Educação Popular	
Características gerais do livro	Capa (colorida) e folhas grossas. Cantos arredondados. Com 127 páginas. Livro em preto e branco. Contêm texto e ilustrações.
Conteúdo	Educação Popular: é um instrumento que discute a cultural brasileira e de outros países. A identidade cultural dos sujeitos; estimulando a criação artística. Possui discussão democrática de formação educacional a jovens e adultos. É um instrumento social, pois pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida.
Editora	Editora Brasiliense
Edição	6^a
Ano	1983
Número de charges	47
Autor (a)	Paulo Freire, Rosiska Darcy de Oliveira, Miguel Darcy de Oliveira e Claudius Ceccon.

A vida na escola e a escola da vida	
Características gerais do livro	Capa (colorida) e folhas grossas. Cantos arredondados. Com 95 páginas. Livro em preto e branco. Contêm texto e ilustrações.
Conteúdo	A discussão gira em torno da escola, destacando-se que nela se produzem mais fracassados que sujeitos bem sucedidos. O cerne da discussão se dá sob a exclusão realizada pela instituição escolar como um resultado da organização de nossa sociedade injusta e desigual.
Editora	Editora Vozes
Edição	16^a
Ano	1987

Menina Bonita do Laço de Fita	
Características gerais do livro	Capa (colorida) e folhas grossas. Cantos arredondados. Com 95 páginas. Livro em preto e branco. Contêm texto e ilustrações.
Conteúdo	Uma história em que a protagonista é uma menina negra que dialoga com um coelho. O animal sem preconceito acha a menina a garota mais linda do mundo. Do início ao fim da história a menina inventa motivos para explicar porque sua pele é negra, no entanto destaca-se a explicação biológica de sua mãe, justificando a pigmentação da pele escura.
Editora	Ática
Ano	1996
Número de charges	16
Autor (a)	Ana Maria Machado

Super ECA	
Características gerais do livro	Capa colorida e folhas grossas. Cantos arredondados. Com 20 páginas. Parte interna do livro também é colorida. Contem texto e ilustrações.
Editora	Artmed
Conteúdo	É uma cartilha que dialoga com o pequeno leitor destacando sobre a proteção integral à criança e adolescente. Seu conteúdo se detém sob os direitos que as crianças têm no que tange sua vida social, instruindo quanto a maus-tratos, exploração, abuso, crueldade, opressão, dentre outros.
Ano	2000
Número de charges	73
Autor (a)	Claudius Ceccon

Brasil Vivo	
Características gerais do livro	Capa colorida e folhas grossas. Cantos arredondados. Com 166 páginas. A parte interna do livro contém texto e ilustrações em preto e branco.
Editora	Vozes
Conteúdo	Uma discussão que revela um conteúdo que busca por meio de um viés crítico fazer uma interpretação analítica da história em contraponto à maneira tradicional de ensino, problematizando, assim os fatos que foram por anos contados. Usa de ilustrações para representar o texto que aborda conteúdos que abrangem a vida indígena até a declaração da Lei Áurea.
Número de charges	111
Autor (a)	Francisco Alencar, Marcus Ribeiro e Claudius Ceccon.

ANEXO 2

História Menina Bonita do Laço de fita

Ana Maria Machado - Ilustração Claudius

Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feitos fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva.

Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelhas cor-de-rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida. E pensava:

- Ah! Quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...

Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenininha...

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta e tomou um banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenininha.

O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi, mas não foi nada preto.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenininha.

O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba, até ficar pesadao sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba, mas não ficou nada preto.

Por isso, daí a alguns dias ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha resolveu se meter e disse:

- Artes de uma avó preta que ela tinha...

Aí, o coelho que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre com os pais, tios, avós e até com os parentes tortos.

E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar.

Não precisou procurar muito, logo encontrou uma coelha escura como a noite que achava aquele coelho branco uma graça.

Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que o coelho quando desanda a ter filhote não para mais.

Tinha coelho pra todo o gosto: branco, bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha. Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado.

E, quando a coelhinha saía, de laço colorido no pescoço, sempre encontrava alguém que perguntava:

- Coelha bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tao pretinha?

E ela respondia:

- Conselhos da mãe da minha madrinha...